

REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LE

N.º 30

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil 23-7-49



Comece

antes que se esgote.

O ALBUM DE "A CENA"



★

Um rico brinde de A CENA MUDA aos seus leitores: um presente especial para as férias de meio do ano com 100 páginas. Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso. A história do cinema em diversos países do mundo. Mande desde já reservar o seu exemplar. O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20,00

★



A' venda em todos os pontos de jornais

★

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do correio á

Companhia Editora Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 -- RIO.

PROBLEMAS CARIOCAS À MARGEM DO PROGRESSO

CRESCE o Rio e redobra de progresso material numa proporção assombrosa. Avenidas que se abrem, praias que se alargam, montanhas que se transfuram, linhas de transportes que se acrescentam às já existentes, belos estabelecimentos de comércio que se inauguram, aumentam os órgãos da imprensa, fundam-se associações culturais, enfim, vai este Rio admirável subindo... subindo... pelos morros e no conceito universal.

Mas quando uma pessoa se posta num dos ângulos de praças ou avenidas mais movimentadas e começa a examinar a multidão que tumultua no vai-vem cotidiano para a conquista do pão, sente verdadeira dor em seu espírito em face de um dos mais complexos problemas com que se defronta a Cidade Maravilhosa nesse ritmo ininterrupto para as escaladas da glória e do progresso.

É o problema dos loucos.

Sim, leitor amigo; o Rio está com este doloroso problema: o da loucura exposta como uma fratura do seu próprio corpo a exigir cirurgias hábeis.

Coloque-se o leitor em qualquer ponto movimentado e fique uma meia hora. É o bastante. Veja quanta gente passa candidatando-se a um lugar nos hospícios de alienados.

Mulheres e homens, estes em muito maior número, é verdade, passam a monologar, gesticulando, falando, por vezes em voz alterada, como se conversassem animadamente com um companheiro invisível.

São pessoas que falam sozinhas, debatendo problemas íntimos, figurando "objetivamente" o que têm de dizer a outras pessoas com que se vão encontrar, preparando a defesa de um caso desagradável...

São indivíduos que já saem de casa com o espírito atribulado por pensamentos fixos atordoantes e que procuram um lenitivo para essas mágoas falando consigo mesmos animadamente, convictamente, como se estivessem a manter palestra dialogada de elevado teor...

São sofrendores de tôdas as horas que procuram resolver casos complicados e intimamente expõem os episódios e a si mesmos dão resposta.

Atitudes de loucos, de mentecaptos, de paranóicos em adiantado e grave estado de perturbação mental, eis o que todos eles são, vistos de nosso ponto de observação de rua.

Quanto mais se agrava o seu estado de ânimo, maior o perigo para a sociedade em que vivem. Cada um desses leva consigo uma série de íntimas complicações que se refletem, muitas vezes desastrosamente no próprio meio social em que vivem e sofrem.

Com o imenso progresso material da grande cidade da Guanabara, vão-se registrando desses recuos de nossa civilização mais de vitrinas do que de conteúdo.

E depois

Depois...

Todos esses indivíduos que vivem a falar sozinhos, terminam completamente loucos. E aí começa então a tragédia para eles e para as respectivas famílias.

Cometendo na rua qualquer ato que os denuncia como alienados mentais, são levados ao primeiro distrito policial. O comissário de dia procura saber do que se trata e, verificando que o detido está prejudicado mentalmente, constituindo perigo público, procura encaminhá-lo à autoridade competente, a qual tem que mandá-lo para internar-se num dos nossos manicômios.

— Mas... — é incrível o que então se passa! — o louco não pode ir para esses estabelecimentos pelo fato de não haver uma só vaga...

Lá, todos os cubículos estão lotados, ou super-lotados. Agora, esse pobre alienado mental terá que esperar que se dê uma vaga, ou por morte, ou por fuga...

Mas... para onde levá-lo? É uma tragédia, uma odisséia de aspectos deploráveis, contristadores, incríveis. A vida social, com todos os seus complexos e problemas, fabricou aquele homem que começou a falar sozinho e termina completamente alucinado; mas essa mesma sociedade não dispõe de meios, já não dizemos para curá-lo, e sim, apenas, para interná-lo com segurança e relativo conforto!

O Rio, meus amigos, está sendo a grande metrópole fabricante de loucos. Quando virmos um cidadão ou cidadã a gesticular, a falar alto, com seus botões, cabeça baixa sob o peso dos problemas íntimos, é mais um que vai ficar mesmo pelas ruas, por falta de assistência aos mais infelizes seres deste mundo: — os seres humanos nas mãos de uma humanidade desumana.

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

Problemas cariocas à margem do progresso (Ruy Saulo)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9

REPORTAGENS

Futebol para cegos	4/6
Fátima, a nova princesa brasileira	32/38
Tiradentes não morreu (Milton Pedrosa)	45
A Justiça inglesa e o Vampiro de Londres	55/58

HUMORISMO

Os espantalhos (Théo)	7
Bom humor	11
O mundo manca e a mula murcha	54

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária (E. Catete Reis)	15

ROMANCE

Viver com amor	12/13
----------------------	-------

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	14
---	----

NOVELA

Para o amor não há cálculos	18
-----------------------------------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Gente nova	20
Distinção	21
O amor é assim	22
Detalhes e novidades	22
Modelos práticos	23
Mães e filhos (Anamaria Célia)	23
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	24
Camisolas	24
Modelos de Hollywood	25
Problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	25
Cuidados indispensáveis	26
Week-end na cozinha	26
Para os dias frios	40
Noites elegantes	41

RÁDIO

Broadcast (A. Migueis)	27
------------------------------	----

CINEMA

Cine-revista (Luis Alípio de Barros)	23
--	----

CONTOS

A surra (Clóvis Bueno de Paiva)	30/31
A gata e Otávio Galli	42

MÚSICA (Roberto Lyra Filho)

43

FOLHETIM

Scarlett	49
----------------	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	50
---	----

TEATRO (José Fomm)

51

ILUSTRADORES

Oswaldo da Cunha
Sibilla
Armando Pacheco

NOSSA CAPA

Por um lamentável equívoco, publicamos no nosso último número uma nota dando a artista da capa como sendo Shirley Temple, quando na realidade se tratava de Claire Trevor, artista de bastante projeção em Hollywood, tendo conquistado em 48 o "Oscar" de melhor coadjuvante pelo seu trabalho em "Paixões em fúria" (Key Largo), um filme da Warner Bros. Aqui fica, pois, a retificação, e neste número temos então na nossa capa a encantadora Shirley Temple.

(Foto R.K.O.)



Geoffrey Jacobs perdeu a vista numa batalha em Mandaley e agora emprega grande parte de seu tempo no ginásio de Instituto de St. Dunstan



Vista de uma das faces do imponente edifício do "Ovingdean Training Centre of St. Dunstans", no qual os cegos podem gozar momentos de prazer espiritual

FUTEBOL PARA CEGOS

TEXTO DE HAROLD GREEN



FOTOS KEYSTONE

NÃO se aflijam os senhores "cracks" do nosso desporto profissional nos campos deste país, com a reportagem que vemos apresentar. O "football" para os cegos não ameaça os nossos jogadores, nem vai criar uma concorrência cega... Queremos referir-nos aos milagres do Instituto "St.

Dunstan" para educação e aproveitamento dos que tiveram a desgraça de perder a vista.

É um edifício de grandes proporções arquiteturais em South Downs, numa elevação com vista para o mar e próximo a Brighton, cujas linhas elegantes e suntuosidade impressionam a quantos o vêem.

Funciona ali uma das mais modernas escolas para educação e reeducação dos cegos.

Com uma matrícula geral que vai a mais de cem alunos, fazendo cursos que vão de seis meses a três anos, essa grande Escola "St. Dunstan" torna os seus



Apesar de cego desde certo dia de guerra no solo da França, quando foi feito prisioneiro dos alemães, W. O. Richardson sabe dar o seu chute a "goal"



Veteranos da guerra estão atentos para as instruções do treinador Harold, aguardando o momento de dar o primeiro pontapé na bola e fazer o "goal"



Duelo a florete entre dois cegos do Instituto "St. Dunstans", sob a supervisão de um instrutor. O combate é repleto de lances admiráveis e algo divertidos



Dois cegos australianos, sendo o da direita Ted Bullen, da R.A.F., e Albert Ryan, engenheiro, que recordam os estudos de geografia com esse globo em relevo

estudantes em seres tão felizes como se estivessem de vista normal em pleno colégio de suas cidades.

Não vem ao caso a impossibilidade em que todos eles estão de admirar a imponência, a beleza arquitetônica de sua maravilhosa casa de educação. Eles são cegos, não resta a menor dúvida, mas vêem com os dedos, pelo tato, e, graças a esse tão aguçado sentido, também podem ver o edifício, sua magnitude, sua excelente posição, quando fazem seus estudos do prédio com o auxílio de uma "maquete", ou seja a escola "St. Dunstan" em miniatura.

A inauguração desse educandário data de 1938, e foi feita pela esposa de Sir Arthur Pearson, seu fun-

dador, surgindo em face da necessidade de reeducar as vítimas da primeira grande guerra.

Com a irrupção da segunda conflagração mundial, a grande instituição prestou serviços inestimáveis aos cegos, transformando-se em vasto campo de treinamento, por onde passaram mais de mil inválidos.

A vida dos seus beneficiados não é circunscrita apenas a trabalhos ou tarefas educativas. Eles se divertem a valer usando várias formas de desportos para alegria do espírito. Um desses jogos é o de "foot-ball". Também praticam o tiro ao alvo, o boxe, o jogo de damas, esgrima, etc.

(Continua na pág. 47)

Sob a regência de H. Morton, que está ao microfone, essa banda de "jazz" do colégio "St. Dunstons" faz as delícias de todos os que ali se instruem ou gozam férias



De cima para baixo: Muito jovem, esse ex-soldado britânico perdeu a vista em ação de guerra. Antes era empregado em tapeçarias, e agora é exímio acordeonista, empregado em Croydon. Arthur Marsden, um operário de ferramentas em Northol, que perdeu a



vista na primeira guerra mundial, pratica tiro ao alvo, com um aparelho elétrico de registro. Jogo de damas entre os cegos Jack Armstrong (à direita) e Basil Porter. O primeiro era motorista e o outro, fuzileiro naval, ambos vítimas da guerra



OS ESPANTALHOS



Até aí, nada mais natural. Entretanto, o fato assumiu caráter de grande encenação política, ao ir o sr. João Neves da Fontoura a Pôrto Alegre a fim de tomar parte numa reunião do Conselho Regional do P.S.D., quando pronunciou um discurso que teria surpreendido os membros do seu partido e provocou gerais comentários por todo o país.



No Senado, o general Góis Monteiro declara que tudo isso é fruto da política regional, que deve ter fim. O episódio prova que, como outros partidos políticos, o P.S.D. também sofre desse divisionismo tão comum entre nós, com filiados ortodoxos e outros liberais. O sr. João Neves, ex-deputado federal, ministro de Estado, embaixador e imortal da Academia de Letras, agitou durante uma semana os arrastais da política nacional, tornando-se o mais comentado nome da semana que passou.

a Semana **EM REVISTA**

★

★

1

★

★

GINÁSIOS GRATUITOS

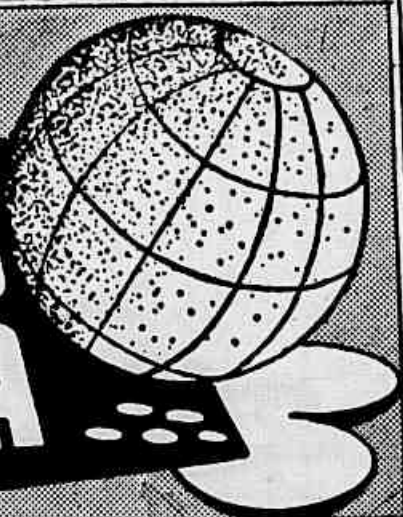
Estiveram em reunião no Senado Federal os dirigentes da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, com o fim de discutir com os senhores legisladores os planos necessários à criação de ginsios gratuitos para o povo brasileiro, em todos os Estados. Inegavelmente nossa aparelhagem educacional é precaríssima, pois que somente nas cidades mais importantes há desses estabelecimentos, mas, mesmo assim, de caráter particular, a preços altos e insuficientes para atender às necessidades dos jovens que deixaram o curso primário. Se pudermos montar em cada vila, cidade, povoado por esse imenso Brasil, casas de ensino secundário para dar à nossa mocidade conhecimentos culturais superiores ao da carta de A-B-C, teremos conseguido uma vitória digna de todos os louvores; mas há um sério problema a estudar em torno das criações gratuitas desses ginsios de curso secundário. Com a cultura da inteligência, os conhecimentos científicos que tais estudos trazem ao espírito do educando, éle começa a desejar aplicá-los em meios mais adiantados, onde a civilização possa absorvê-los e ajudá-los na escalada para melhores estágios na vida. O que deveria, então, ser feito no Brasil, seria um programa de ensino e educação bi-lateral: profissões e cultura intelectual. Os ginsios como estão sendo imaginados, não beneficiarão os meios rurais, as cidadezinhas modestas do interior. Vão servir de estímulos à migração dos campos para a cidade, depovoados o interior com a falaz ilusão do dourismo, do intelectualismo nefasto. Cultura de letras ao lado da cultura profissional, inclusive a agropecuária, bilateral, racional e lógica num país como este de messianismos prejudiciais. Isto sim.

REVISTA DA SEMANA

N.º 30 — 23-7-1949

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O MUNDO MARCHA



Truman admite que os Estados Unidos estão nos umbrais da depressão econômica. Entra na terceira semana a grande greve dos mineiros da Austrália. Dizem de Lublin, na Polônia que uma imagem da Virgem está chorando lágrimas de sangue. O Comitê de Verbas do Senado resolveu destinar à Espanha, a título de empréstimo, a soma de 50 milhões de dólares. Alguns economistas europeus manifestam o temor de que o bloco do esterilino da Inglaterra esteja a cambalear e se dissolva. Proclamou o rei Jorge VI, da Inglaterra, o estado de emergência para enfrentar a greve dos estivadores de Londres. O Serviço de Guarda-Costas de Filadelfia, nos Estados Unidos, mantém, constante vigilância em torno do cargueiro russo "Dmitri Donskoy" que chegou àquele porto para descarregar minério de ferro. Aumenta o número de grevistas em Londres. A polícia de Segurança da Austrália invadiu as oficinas do jornal comunista. "Tribune", de Sidney que apoia a greve dos mineiros do país. Morreram num desastre de avião quatorze jornalistas norte-americanos nas proximidades de Bombaim. O senador John Foster Dulles contesta o seu colega Robert Taft sobre a ratificação do Plano Marshall. Rebenta grande greve nas indústrias de aço e máquinas de Milão como protesto por terem deixado de trabalhar 700 mil operários comunistas. Inaugura-se a Conferência Interamericana de Imprensa, em Quito. E' entregue à Empresa Argentina de Navegação "Rio de La Plata, S. A." o novo navio de luxo, "Presidente Peron" construído na Inglaterra. Está muito doente o cardeal Mindszenty. Reunem-se os Ministros da Fazenda da Comunidade Britânica. Pronuncia o Papa palavras de otimismo em relação à situação do mundo. Chega a Montevideu o general Canrobert, Ministro da Guerra do Brasil. O Presidente Truman solicita uma tregua ao Sindicato dos Operários Unidos da Indústria do Aço, nos Estados Unidos, em seus propósitos de greve. Tom Whittaker elogia em Londres o futebol brasileiro. Truman declara ter fé na capacidade ilimitada do povo americano diante da crise por que já está atravessando o país. Attlee ataca na Câmara dos Comuns o movimento grevista da Inglaterra. O regresso de Leopoldo III divide politicamente todo o povo belga. Chega a Assunção, capital do Paraguai, o general Canrobert, Ministro da Guerra do Brasil. E' esperado em Cantão o generalíssimo Chiang-Kai-Chek, de sua visita às Filipinas. O Comitê Central do Conselho Mundial das Igrejas representando 44 nações, condena solenemente a discriminação de raças e elogia o Brasil. Abandonam os líderes do Senado Americano as esperanças de aprovação do Pacto do Atlântico nesta semana. Rejeitando a fórmula de Truman, os operários de Bolonha, Itália, resolveram não verem declarar a greve geral. Os jornais de Bolonha, Itália, resolveram não publicar mais notícias sobre suicídios. Senadores norte-americanos têm dúvidas de que o Senado aprove o programa de armamentos para a Europa. Acheson se declara contra o empréstimo à Espanha. Continuam em reunião os financistas ingleses estudando um meio de obter ajuda dos Estados Unidos para debelar a crise britânica. Declara a Santa Sé que todos os católicos que pertencerem a Partidos Comunistas ou deles forem simpatizantes estão automaticamente excomungados. Por motivos de situação financeira precária, tenta suicidar-se no Rio o banqueiro e corretor de seguros Sr. Fausto Matarazzo. Debatem na Câmara dos Deputados Federal os problemas do campo e as causas do êxodo rural. O governo tcheco processará todos os clérigos daquele país que forem condenados por traição contra o Estado. Subiu o preço do cacau em Nova Iorque. Volta à Administração dos Correios e Telegrafos o coronel Landri Salles. Prossegue com êxito e muito movimento o III Congresso Infante-Juvenil de Escritores, instalado no Rio. Completa 40 anos o Teatro Municipal do Rio, sendo comemorada a data com um programa reproduzindo todo o que foi levado a 14 de julho de 1909. Cresce em todos os meios sociais o movimento em favor do indulto ao herói da FEB, tenente Salomão Malina encabeçado pelo deputado Flores da Cunha. E' reduzida a importação inglesa da área do dólar. Vai regressar a Roma monsenhor Verolino. Continua sem solução a greve no porto de Londres. Truman dá passos para evitar a depressão no país. O presidente dos Estados Unidos declara ser contra o empréstimo de cinquenta milhões de dólares à Espanha. Assume a direção do Conselho de Emergência da China Nacional em guerra com os comunistas o generalíssimo Chiang-Kai-Chek. Realiza o governo dos Estados Unidos os preparativos técnicos para por em vigor o plano de cooperação econômica brasileiro-americana. Instala-se no Teatro Municipal do Rio o Primeiro Congresso Pan-Americano de Engenharia. O Comitê Mundial das Igrejas reunido na Inglaterra afirmou que os protestantes estão sendo perseguidos na América Latina. Entraram em greve os motoristas de linhas de ônibus de Nova Iorque em protesto contra a despedida de colegas. Descobre-se em terras da Armênia uma fortaleza que data do século XVII antes de Cristo. Membros do Gabinete, chefes militares e líderes do Congresso se reuniram secretamente com Truman para discutir assuntos importantes. A Inglaterra procura negociar um acordo com a Rússia. Apoiam os Estados Unidos uma política para fixar preços nos mercados do mundo. Vai ser nacionalizada a Igreja Católica Tcheca. Chegam a um ponto morto os esforços para solucionar a greve dos estivadores de Londres. Segundo declara o Presidente da Standard Oil, Mr. Anderson, possui o Brasil seis por cento das possibilidades petrolíferas do mundo. A África do Sul e o Paquistão não ficaram satisfeitos com a política de restrição do dólar recomendada pelo Ministro da Fazenda da Inglaterra. Surgem novas restrições russas no tráfego de Berlim. Manifestam-se os comunistas italianos contra o ato de excomunhão do Vaticano. Declara-se greve geral em Pistóia. Estudam financistas americanos meios de conjurar a crise nacional. Avançam vários exércitos comunistas na direção de Cntão, ocupando várias cidades e a praça forte de Xian. Voltaram ao trabalho vinte mil mineiros que estava em greve na Austrália Ocidental. Licencia-se o Ministro da Fazenda da Inglaterra para tratar da saúde em um sanatório suíço. Grandes tempestades sobre a Inglaterra, fazendo vítimas. São suspensos de suas funções militares vários generais norte-americanos acusados de negócios ilícitos. Falece no Pronto Socorro o corretor de seguros Fausto Matarazzo que atentara contra a própria vida desfechando um tiro no peito por dificuldades financeiras.

SWEEPSTAKE 5 7 de AGOSTO 1949 MILHÕES DE CRUZEIROS



**GRANDE PREMIO BRASIL
JOCKEY-CLUB BRASILEIRO**
Com a cooperação da LOTERIA FEDERAL

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS
DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade fazendo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



Antes de usar
"AMARALINA"

leia a bula com atenção. Pedidos pelo reembolso postal Cr\$ 45,00 o vidro. Distribuidores: - M. M. Burle & Cia. Ltda. - Av. Rio Branco, 137 - sala 616 - Rio de Janeiro.

Então use "AMARALINA" quando os seus cabelos comecem a cair, afim de que não fique na contingência de fazer aplicações por longo tempo quando eles já tiverem caído. "AMARALINA" certa

teza absoluta de que seus cabelos tornarão a nascer.



ou a SIM? NÃO PREFERE SER ASSIM, NÃO É?

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

EMÍLIO DE MENEZES. O ÚLTIMO BOÊMIO

Biografia, notas e comentários, de RAIMUNDO DE MENEZES

Coleção Saraiva
São Paulo
1949

Emílio de Menezes volta sensacionalmente, quase diríamos, pela nova moda, "espetacularmente", ao balcão das livrarias. Em alguns meses a primeira edição do "Último boêmio" se esgotou. E agora se anuncia a obra como refundida. Não poderíamos, de momento, avaliar até que ponto ou de que proveitosa maneira o livro teria sofrido tal modificação. Não será ela, porém, das mais consideráveis. O sr. Raimundo de Menezes tratara principalmente de acumular material de documentação. Para isso todos os elementos lhe serviam. Recorreu a memórias e reminiscências de toda sorte; folheou os próprios livros do poeta, das páginas mais preciosas às mais descuidadas; rebuscou contribuições esparsas de jornal a sério e de revista ligeira; multiplicou improvisos sobre a mesa das redações, à mesa de cafés e botequins; contou inúmeras anedotas próprias ou alheias; e chegou a colecionar disparates e barbaridades dos que Emílio até ao fim da vida — se cansou, mas debalde — em condenar, em repelir. Não seria, pois, fácil empresa a de apartar, em tal colheita, o trigo do espírito do joio da falsa alegria e da chalaça grossa, que fatalmente por ali se espalhou e misturou...

Para os admiradores do poeta como dos humorista, só haverá um recurso mais ou menos eficiente: separar cada um por si aquilo que julgue digno de ser estimado e guardado. E, através de livros que necessariamente não de vir, se fará devagar, isto é, a seu tempo, a verdadeira seleção.

OS DOIS AMORES

Romance de JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Edições Melhoramentos
São Paulo
1949

trazo, ora sutil ora veemente, mais límpido ou mais velado, mas sempre presente, do espírito.

Não esqueçamos que, sem fazer da comédia a sua força inventiva, a sua mais generosa fonte de inspiração, Macedo foi, nos dotes e recursos do seu tempo, excelente comediógrafo. Manejava o diálogo com singular presteza e espontaneidade. Sabia fazer sorrir com leve malícia e também, como na "Torre em concurso", armar situações e episódios de larga hilaridade. E, nas histórias mesmas da feição ingênua, quase infantil, da "Moreninha", o comediógrafo conseguia tirar do jocoso de certas cenas e o pitoresco de alguns trechos de coloquios os efeitos mais felizes. Em verdade, porém, é a novela entre comovedora e brilhante que, na sua obra, superiormente faz valer. Nos "Dois amores" há alguma coisa de primor no seu gênero. E' forçoso respeitar o que ali existe, além de notavelmente sincero, de engenhoso e elegante. Macedo exerce a observação e o comentário, conjugando-os com rara habilidade e harmonia. E aplica, explora um processo de crítica que consiste, não em se antecipar, pela nota de surpresa ou ousadia, à sua época, mas, ao contrário, em proceder como se, pela natureza dos fatos e o caráter dos personagens, tratasse assuntos um tanto envelhecidos e, por esse motivo, mais ou menos impressionadores.

A narrativa insiste na predileção de coisas que aconteceram, isto é: que deviam ter acontecido no correr da penúltima geração. Assim, o fio do enredo tem, por uma lei de naturalidade, que voltar atrás. São coerentes, como que intuitivas digressões pelo passado; são como autênticas recapitulações. E assim o interesse da história sobe de ponto não pelo que conte de verdadeiro mas também pelo que de curioso recorde, reconstitua ou até chegue a revelar.

São encantadores de imaginar aqueles cenários, aqueles tipos, aqueles usos e costumes, com o prestígio evocativo de uma vida que, de algum modo, continua. Continua em nós, porque, de mais longe ou mais perto, a ela nós afeiçoamos de espírito e coração. Não queremos que tal tempo haja passado nem compreendemos bem que possa passar.

"Ninguém há, na cidade do Rio de Janeiro, que

não conheça perfeitamente o Largo da Lapa do Destêrro..." Este princípio de romance vale, nem mais nem menos, que como uma síntese reconstrutiva, poderíamos dizer ressuscitadora. Inspira uma espécie de saudade de coisas adivinhadas, isto é: que, em vez de presenciadas ou sentidas ainda se vão realizar aos nossos olhos. O prodígio daquela nova existência as faz, não voltar ao que eram, mas começar de novo. A lanterna mágica da arte recompõe tudo aquilo que poderíamos ter perdido ou esquecido, no espetáculo da vida que, por efeito de tal ilusão, se não altera, permanece sagrada, adoravelmente a mesma. E' o "outro" Rio de Janeiro, tem que persistir e jamais findará.

"Sobretudo "ele" — o Largo da Lapa — se faz notável pelas missas que de madrugada se dizem em seu pequeno convento; por suas belas festas do Espírito Santo com seu império cheio de oferendas e seus grandes fogos de artifício; e, enfim, pela multidão imensa de povo, pelos carros, ônibus e gôndolas que incessantemente por ali transitam, indo e vindo desses bairros aristocráticos que ficam além do cais da Glória."

Não parece que só por uma forma de milagre multiplicador de imagens e sensações seria possível acreditar em todo aquele tumulto, alegria e magnificência? E teremos que recuar, na feição novelesca, um século e ainda mais, para se obter um regresso à verdade daquele tempo. Dentro das idéias e da sensibilidade dos homens e mulheres que vivem na exatidão daquele tempo que semi-deuses ou acabados demônios viriam a ser os novos personagens de Joaquim Manuel de Macedo?

INQUIETUDE

Páginas poéticas ou morais, de CARLOS WERLANG

1949

Tratar-se-á de uma obra de estréia ou de páginas longamente meditadas e trabalhadas, nas quais um homem procurou revelar a outros o que aprendera da experiência da vida e das lições do destino? Para a aspiração sincera do bem e da virtude sobre estas meditações, ou é a fantasia que as domina, sem outra lei ou princípio inspirador? Orientou-as, acima de tudo, um ideal de formosura e bondade ou nasceram do desejo simples de proporcionar a alegria, o gozo, sem olhar aos males de toda sorte que, para este, para aquele ou para toda a gente, dali possam resultar? O livro constitui realmente uma série de interrogações. Não há método nem disciplina no seguimento dos seus capítulos, profundos estes, leves aqueles, ora ditos ora doloridos, passando por fases ou momentos de júbilo consciente, descrença pessimista, ilusão arrebatada, desespero sem linha de horizonte nem possível salvação. Há de tudo. Questão simplesmente de escolher — se o homem, idealista ou prudente, não preferir deixar tudo à mercê dos dias que passam, sempre fogem e nunca se parecem. Neste caso, a verdadeira filosofia nos recomendaria que não pensássemos no dia de amanhã, nem sequer no de hoje e, então, no de ontem, nunca por nunca ser. O sr. Carlos Werlang andou talvez procurando a pura, única, suprema verdade — até que desistiu de a encontrar. Através de uma linguagem escolhida, no conceito e no sabor, preferiu não tirar conclusão alguma. Contentou-se com o seu quinhão possível, quer de beleza quer de emoção. E, sob o título "Hino ao vinho", conta, à maneira de epílogo ou resumo de tudo, filósofo ou poeta:

"Ontem, estendi meus passos até a água-furtada onde habita o poeta Amin Abad. Como de hábito, fui encontrá-lo sozinho, e entregue a libações alcoólicas. Ao ver-me, o poeta ergueu ao ar sua taça vazia e exclamou, em tom visivelmente irônico:

— Acabo de servir a décima taça do mais generoso e perfumado vinho de toda a Pérsia. Tu, que vens do mundo exterior, saberás informar-me se, neste momento, meus irmãos homens estão entregues às ocupações do sono, do amor ou do trabalho?...

Um galo tristonho cantou a distância. E o poeta prosseguiu, no mesmo tom:

— Quando regressares, caso eles também desejem saber algo a meu respeito, poderás então dizer-lhes que, neste instante, Amin Abad faz apenas isto — sonha!..."

CASIMIRO DE ABREU

Poesias completas, estudo crítico de SILVEIRA BUENO, organização, revisão e notas por FREDERICO JOSÉ DA SILVA RAMOS

Edição Saraiva
São Paulo
1948

E' um "livro de bolso" aprimorado e, no seu aspecto geral, "estilizado". Imprimiu-se no chamado papel de arroz, em pequeno formato, airoso, fino e leve, maleável de se acomodar entre as mãos, na posição que se deseje dar-lhe para melhor gozo ou conveniência da leitura. Não está, porém, nisso a melhor virtude da presente edição. Consiste no prefácio com que, além de ligeira nota bibliográfica do sr. F. J. da Silva Ramos, a embelezou e enriqueceu o mestre de belas letras Silveira Bueno. Este trabalho participa, em espontânea harmonia, da erudição e do gosto. E' um estudo preciso, de algum modo sóbrio e que, em tudo, vale por verdadeira lição. Nada de essencial ou importante deixando por dizer, não chega a perder-se em demasias de análise ou explicação. Corresponderá, em tempo, a pouco mais de meia hora de aula; e pode corresponder a um curso sobre Casimiro de Abreu.

O prefaciador começa por afirmar que nenhuma geração, como a dos Românticos, marcou a sua influência na vida intelectual do país. E a eles, acrescenta o sr. Silveira Bueno, somente a eles "cabe o título de poeta do Brasil". A proposição tem bem o ar de arriscada; e chega, um momento, a passar por arbitrária. Mas o professor expõe, com segurança e equilíbrio notáveis, a sua teoria capital. Explica os motivos fundamentais por que, no seu entender, diversas gerações e escolas que se haviam outorgado categorias de pretensa duração ou resistência e sem que hesitassem sequer em se dar por definitivas, fatalmente passaram. Líricos de vária gama, ritmo ou cambiante; parnasianos de impecável majestade; simbolistas ou impressionistas; modernistas — se aqui se encontra realmente uma classificação — gente de "poesias colhidas no ar", foram passando e bem pouco deixando da influência da sua época. No entanto, os românticos permanecem. E sem dúvida perdurarão.

Na biografia do poeta adorável se verificaram, como é bem sabido, desacertos e contradições. Nas despretensiosas, ingênuas "confissões" que servem de prefácio às "Primaveras", o próprio Casimiro de Abreu evita falar da sua natureza, das suas origens de poeta. Prefere escapar à investigação de críticos ou teóricos do seu tempo, apelando para a beleza do crepúsculo no visor das montanhas; a canção que vagueia nos espaços intermínios; a vida inocente e descuidada dos pássaros, outros motivos de música ou panorama, "flores e estrelas, murmúrios da terra e mistérios do céu"... Muito de passagem, e em citação única, recorda Lamartine. De tudo isto se conclui que, mais uma vez, o cantor das "Primaveras" exigiu agora ser esclarecido e comentado.

Não era de hoje que o sr. Silveira Bueno possuía títulos para tal missão. E ele a cumpriu com brilho e dignidade exemplares.

RECEBEMOS:

Brasil Cultural, ano II, ns. 2 e 3, relativos aos meses de março a maio de 1949 e em cujo sumário, além de notas de redação e transcrições diversas, avultam trabalhos, em prosa ou verso, de Renato Mendonça (diretor), Argeu Guimarães, M. Paulo Filho, João de Barros, Nuno Simões, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Armando Leça, A. de Magalhães Basto, Pimentel Gomes e Hugo Rocha. Porto, 1949.

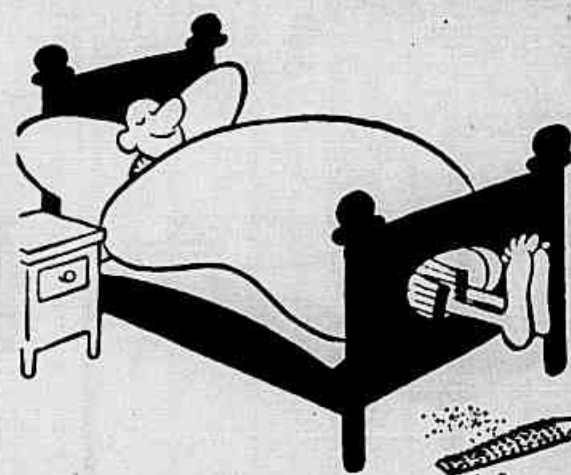
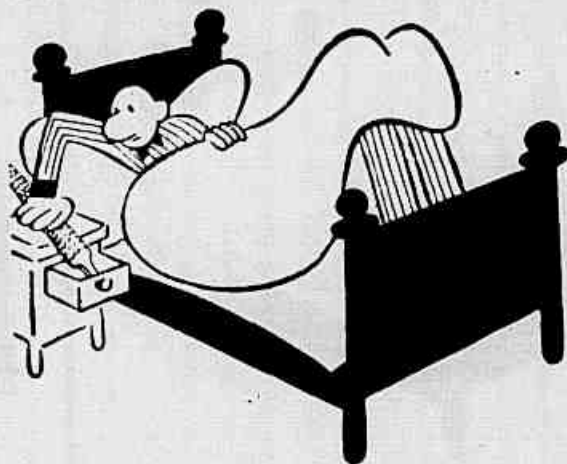
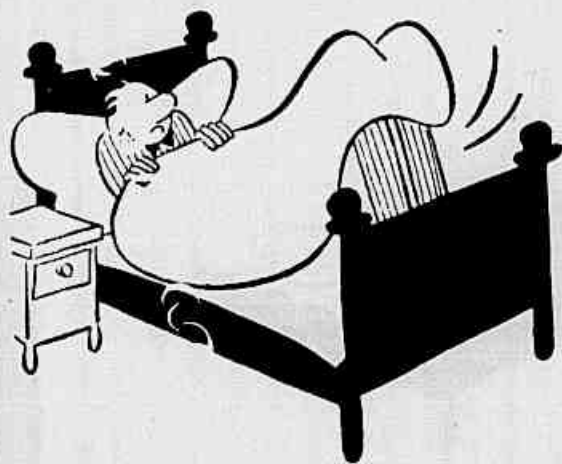
Afrânio Peixoto, o romancista e o crítico literário, opúsculo de Renato Mendonça. Coimbra, 1949.

Oração inaugural do Ginásio Regina Coeli, por Mansueto Bernardi, opúsculo cuja venda se destinou à decoração da capela daquele educandário. Porto Alegre, 1949.

Revista de Portugal, dirigida por Alvaro Pinto, nº 76, volume XIV, relativo a junho do corrente ano e de cujo sumário constam, além de notas de redação e transcrições, trabalhos de José Pedro Machado, Augusto Moreno, Elza Pacheco, José de Sá Nunes, Francisco José Freire e J. Xavier Fernandes.

Nobliarquia Brasileira, Titulares do sexo feminino, memória apresentada ao IV Congresso de História Nacional, em 1949, pelo coronel Laurênio Lago. Imprensa Militar, Rio de Janeiro, 1949.

BOM HUMOR



-- Que quer o senhor dizer com "onde come um, comem dois"?!



-- Whisky-and-soda, duplo!!!



-- E onde andou você durante a última fuga em massa?



-- Ela prometeu arranjar uma companheira, mas nega-se entrar em detalhes...

Viver com AMOR

Capítulo II

Clive Holdridge

O aspecto dos decks do navio de turismo era vulgar em situações como aquela. Sobre a cobertura os raios de um sol ameno espalhavam-se sobre passageiros que descansavam comodamente deitados em suas poltronas acolchoadas, enquanto outros jogavam no convés de esportes.

Carol se mantinha absorta, descansando em sua poltrona. Dirigindo a vista para um dos lados, viu que estava próximo a ela aquele estranho companheiro de viagem, Clive Holdridge, de cabelos bronzeados da mesma cor de sua pele.

A jovem olhou-o mais uma vez, de perfil, e lhe pareceu a figura de uma moeda. Era uma pessoa de complexão original, forte, robusto. Seus olhos davam a impressão de tristeza.

Carol começou então a fazer divagações mentais sobre os homens a quem encontrara na vida. Uns muito belos, atraentes, como Johnny, riam bem humorados, afetivos, dignos de simpatia com os livros bem encadernados, muito belos, exteriormente, embora ociosos por dentro. Mas aquele homem que já lhe dirigira a palavra no porto da capital de Cuba, era algo diferente, com um ar sardônico, olhar perscrutador...

— Julguei que estivesse dormindo — disse ele para puxar conversa, e com um leve sorriso.

— Não... nem mesmo adormecida — respondeu Carol a rir.

— Fica-lhe muito bem esse tom de queimada do sol. Não tem uma só sarda na pele.

Para mais uma vez não parecer importante, declarou:

— Como não tivemos grande oportunidade para apresentação, eu sou Clive Holdridge, Mrs. Sturtevant.

Ela sorriu em face daquela absurda maneira de apresentar-se, em meio de tanta gente deitada e a gozar as delícias do sol. Mas respondeu polidamente:

— Muito prazer... Como está o senhor?

— Posso asseverar que sabia de seu peso antes de saber seu nome.

Carol pensou um pouco. Esse sujeito me conhece. E', talvez, o único passageiro que esteja a par de minhas mágoas.

— Penso que o garçon esqueceu de oferecer-nos a laranjada. Agradar-lhe-ia um copo?

— Sim, e muito agradecida.

— Então, um momento.

Carol ficou a olhar a direção que tomara seu novo conhecido através do deck até encontrar-se com o garçon e falar-lhe qualquer coisa. Naturalmente reclamando laranjada. Esse senhor tomara o

navio em Panamá. Estava certamente só e, na falta de outras amizades com quem trocar idéias, procurara aproximar-se dela. Carol ainda não pudera descobrir qual a sua profissão, mas, quanto à idade, não era muito idoso.

Subitamente ela começou a pensar com seus botões: eu sou uma mulher inteiramente livre, tão livre como quando era solteira; mas não devo pensar em casamento nunca mais. Sei que estive casada por muito tempo, e é preciso que me sinta sempre como solteira. Que veja esse homem e tantos outros, mas me conserve liberta, fazendo apenas uma espécie de jogo sem manietar-me.

Quando acabava de pensar assim, acercou-se dela Clive e lhe entregou um copo de suco de laranja, levando outro para sua cadeira, bem ao lado da de Carol.

— Já leu as novidades de hoje? Está nevando em Nova York, o que é incrível. Quanta diferença daqui! Com um sol destes, um ar morno como este que nos envolve!

— Não há dúvida. Mas, desde ontem notei na fisionomia dos passageiros uma espécie de íntimo desejo de voltar.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Carol Sturtevant, jovem divorciada, torturada pela separação, empreende uma viagem de recreio e turismo pelos portos de Havana e escalas, a fim de fugir às recordações. A bordo faz amizade com vários passageiros, mas sempre com a lembrança voltada para seu ex-espôso, pessoas de sua família, um passado ainda muito recente para ser esquecido. Inesperadamente conhece Clive Holdridge.

— Vocês tocaram muito de leve, apenas, a superfície desses cruzeiros. Os americanos são muito entusiastas dessas viagens de turismo, porém, apenas pelo fato de adquirirem umas tantas orquídeas, plantas tropicais e terem conhecido pessoas dos países visitados, já se julgam conhecedores da América do Sul.

— E o amigo a conhece?

— Sim. Estive por lá durante três anos e estou desambientado com os climas de cá. Se a senhora vir alguém chafurdar-se na neve em Nova York, pode jurar que sou eu.

Dizendo isto, esvaziou o copo e o colocou ao lado, tornando a acomodar-se na poltrona, estirando as pernas. Em seguida falou:

— Perdôe-me se fui pouco cortês ontem à noite. Mas a senhora me pareceu muito superior às outras pessoas que a acompanhavam.

— Muito obrigada; mas... a única diferença que há entre mim e eles, é que eu bebo menos.

— Bebendo menos, ou bebendo mais, isso não impede de que a julgue superior a eles.

Voltou a cabeça para o lado dela e sorriu. Em seguida tornou:

— Há quanto tempo estamos a con-

versar? E a senhora ainda não me perguntou onde moro, que vida levo e se eu sou casado! E' uma senhora extraordinária!

Seu riso alto e cheio ecoou pelo deck. Carol viu Olivia como que interessada pelo diálogo, a esboçar um sorriso de inveja, descerrando seus lábios vermelhos.

Clive, mais seguro da amizade com a bela divorciada, cerrou os olhos ao receber de frente os raios do sol no rosto e perguntou-lhe:

— Quer dar-me o prazer de tomar uns coquetéis e jantar comigo esta noite? Coquetéis no bar, sem dúvida, e jantar à minha mesa, nós dois a sós.

Carol começou a perceber que ele estava tentando estabelecer compromissos. E achou graça. Recordou-se de seus dezesseis anos, quando, pela primeira vez recebeu de um garoto um convite que dizia assim, pelo telefone: "Vamos no sábado próximo a uma dança fraternal, Carol". Ela olhou para sua mãe, a fim de ver se devia ir ou não. Que deveria fazer agora que não tinha mãe, estava com vinte e seis anos e era divorciada? Embaraçava-lhe justamente na

— Já estava pensando que havia esquecido o meu convite. Mas me sinto agora muito contente por ver que tal não se deu.

Foi aí que ela veio a saber que ele era engenheiro e que estivera durante três anos na América do Sul, voltando agora aos Estados Unidos para sua primeira viagem em gozo de férias. Citou vários lugares em que trabalhara, parecendo esses nomes muito suaves e doces aos ouvidos de Carol que se mostrava encantada.

Clive começava a parecer-lhe um moço fino, educado, gentil e essa suposição aumentou de grau, quando o pequeno echarpe que ela usava caiu ao chão e ele o apanhou, colocando-lhe nos ombros com habilidade e perfeição. Esse moço teria que chamar a si, ou uma grande antipatia, ou forte atração, pois, à primeira vista podia fazer pensar a estranhos que fosse um "poseur" pelas atitudes e pela maneira de falar.

Deixando o bar foram ao salão de jantar e viu Carol que o engenheiro dera ordens para que lhes fosse servido um jantar todo especial.

Por duas vezes ele fez devolver o vinho, e, da última, procurou falar ao próprio dispenseiro.

A palestra se animou e eles muito conversaram sobre os portos em que o navio ia tocando. Ele se referiu às incertezas do mundo atual, os restaurantes e lugares que lhe eram mais familiares em Nova York nos três anos de sua ausência da grande metrópole. Conhecia ela certo pequenino restaurante, alguns daqueles pequeninos cinemas, onde somente filmes estrangeiros eram exibidos? Somente aí foi que lhe disse Carol que ela nada disso conhecia, pois não morava em Nova York, mas na poética e rissonha cidadezinha de Clinton, cerca de quatro horas de viagem de Nova York.

Às suas últimas palavras, Clive a advertiu de que um cidadão que parecia interessar-se muito por ela a mirava com olhos de lâmina afiada, por detrás dela.

— E' o seu mais idoso admirador... Pobre velhote!

— E' o sr. Cornelius Weger.

— Não me interessa quem seja ele. Parece-me um pobre sem sorte. — e mudando de tom: — Há hoje uma sessão de cinema após o jantar. Quer assisti-la comigo e depois dançarmos?

— Não desejaria ver o filme, de maneira nenhuma.

— Muito bem! Então passearemos. Mas não está bem agasalhada para umas voltas ao ar fresco. E está caindo a temperatura.

— Tenho um agasalho mais pesado.

Clive esboçou um sorriso de contentamento e tornou:

— Esperarei por você.

caída dessa terrível liberdade, desse direito de ser livre, senhora de seu destino, enfrentando sozinha o seu futuro.

Notando que ela estava silenciosa, Clive voltou:

— Estou esperando por sua resposta.

— E minha resposta é afirmativa.

Carol estava pensando que esse convite de Clive era apenas um impulso para saciar a curiosidade de um homem sobre uma mulher algo original em suas atitudes.

Depois de permanecer ali durante horas, ela ergueu-se, apanhou objetos que lhe pertenciam e se foi para o camarote. Clive não lhe fez pergunta nenhuma, nem se mexeu da cadeira em que se deitara confortavelmente sob o calor caricioso do sol em alto mar. Mas Carol começou a fazer seus monólogos introspectivos, a perguntar a si mesma qual o fim daquele convite, de suas consequências, se resultariam meros conhecimentos sem maiores complicações, ou se, na realidade, surgiriam perigos.

À hora aprazada, ela entrou no bar envergando belíssimo vestido vaporoso e excitante, e viu Clive em pequena mesa para dois, à sua espera.

Diante dela, Clive se ergueu e foi recebê-la com toda a cortesia.



Capítulo III

Reverendo o passado

O vento açoitava fortemente a proa do navio. Clive tomara o braço de Carol a fim de firmá-la no passeio, evitando que a moça tombasse muito e, talvez, enjoasse. Ao transporem a porta que dava para o tombadilho, Clive sorriu diante do esvoaçar dos cabelos de Carol ao sopro dos ventos.

Grandes ondas verdes se levantavam formando cristas de espumas rebentando à proa do barco. O céu estava escuro e não se via uma só estrela na abóbada celestial.

— Está frio? — perguntou Clive ao notar que ela procurava agasalhar as mãos. Talvez seja melhor irmos descansar um pouco e fumar uns cigarros em nossas cadeiras, livres do vento. Tenho a minha própria e procurarei uma outra para você.

Ela aceitou a sugestão e ambos procuraram um canto do deck defendidos do vento. O local era excelente e dali só ouviam o ruído das ondas a quebrar-se na proa do navio.

— Carol... — começou ele — toda vez que penso em falar-lhe sabendo de sua pessoa, tenho a impressão de que minha atitude pode parecer-lhe a de um vilão diante de uma linda mulher que, graças a Deus é muito encantadora.

Carol sorriu. Não disse nada imediatamente; porém, passados alguns instantes, falou:

— Não sei como satisfazê-lo com uma resposta satisfatória. Mas, posso apenas dizer que procedo como uma mulher sem compromissos que encontra homens na estrada de sua vida. Fui casada durante sete anos e acabo justamente, de estar em Reno, onde me divorciei de meu espôso. E isso porque ele caiu de amôres por uma outra mulher.

As palavras de Carol lhe saíam da boca sem maiores preocupações, mas não eram verdadeiras. Ela falava como se se dirigisse ao nada, representasse um papel no teatro ou no cinema. Eram palavras, palavras, melodramáticas, uma espécie de ficção com que iludia intimamente.

— Oh! Sinto muito... Sinto profundamente... — disse ele com sobriedade.

Carol se via ainda com Bill. Tinham brigado, ele a desprezara no largo caminho da vida. Casara com outra, mas Carol ainda o amava. Amou-o muito e lhe perdoou faltas. Ele também a amara. Porém agora... era a Evelyn que dedicava todo o seu coração. Procurando afastar os velhos pensamentos que tanto a torturavam, ela sugeriu:

— Talvez que você queira dançar...

— Não! — respondeu Clive com ênfase. — É isto um modo já muito antiquado de intimidade.

Parecia que Carol dava tratos à bola diante daquele homem de procedimentos algo estranhos e procurava penetrar no íntimo dessas situações criadas por duas pessoas que começam a aproximar-se cada vez mais e que não encontram fórmulas verbais para uma declaração de amor. Se ele tomasse coragem e lhe perguntasse se o amava, ela, com certeza responderia que não; mas havia para esse caminho mil outros modelos. Ela pensava que o amor não é apenas biológico, espiritual ou mental, mas tudo isto junto e mais alguma coisa de quebra, um sentimento misterioso cujo nome Carol não podia explicar. Ela pensara que o divórcio fôsse a última coisa a acontecer-lhe na vida desde que seus pais também se separaram, uma vez que não foram felizes no casamento; mas sabia que seu próprio pai jamais recuperara a felicidade depois da morte de sua mãe.

Depois disso abandonara sua posição e fôra morar com um irmão solteiro na Flórida, conservando sempre na memória a lembrança de sua espôsa como quem guarda um objeto sagrado em relicário.

Teria Clive Holdridge conquistado novamente seu interesse pelos homens em face de sua vitalidade espontânea? Estava ela a fazer dessas excursões pelo passado quando viu Clive mover a cadeira para mais perto dela. Carol estava com frio.

— Percebo que você se preocupa muito com os seus amigos; mas eles podem estar contra você. Certos amigos quase sempre se colocam contra as mulheres. Não considere ninguém seu amigo antes de possuir certeza disso através de experiências.

— Oh! Eu tenho muito bons amigos!

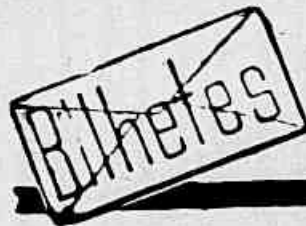
— Pois eu não confio nem mesmo em mim próprio. Como posso confiar nos outros? Há espíritos ingênuos e confiadíssimos que têm essa confiança porque jamais foram vítimas de tentações. É fácil para essa classe de piedosos espirituais. É muito vária a natureza humana. Eu posso perdoar-me quando meu espírito é tentado; mas já não posso fazê-lo se aqui por estupidez. Nós podemos ser considerados como uma classe de alto tipo de animais, vivendo numa floresta civilizada; eu já caeei feras na África. Um animal procura um ponto fraco no cutro, para então atacar.

— Você está-me parecendo um filósofo cínico.

Ele riu abafadamente, como se quisesse fugir a uma situação psíquica não penetrada por ela. E tornou:

— Pelo contrário. Sou até muito simples, uma criatura sem nenhuma complicação filosófica. Consequentemente, qualquer pessoa me compreenderá, sendo possível que muitos me antipatizem, talvez de coração, mas injustamente.

(Continua)



DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

POR colinas, vales e campinas a descobrir novos horizontes! Seguindo o velho costume, andamos sempre metendo o bedelho pelas cidades, seus subúrbios e arredores. Ora de ônibus, trem ou bonde e, certas vezes, mesmo com os borzguins a chiar. Tomamos outro dia o bonde "Lumiar", passamos pelas largas e belas avenidas das novas zonas cortando aqui e ali velhos trechos de povoados. No fim da linha saltamos e caminhamos pelas estradas e campos tirando um fiapo das hortas, das quintas, das antiquíssimas oliveiras que dão o azeite que Portugal nos mandou sempre e para pagamento do qual ainda nos falta remeter — disseram-nos — cerca de 200 milhões de cruzeiros! Mas não é de finanças que vamos falar. Estamos nas quintas sossegadas das belas vilazinhas, nos arredores de Lisboa, com suas casas caiadas, pintadas ou azulejadas, conforme as posses dos donos ou épocas em que foram construídas. Lá estão elas, bem limpinhas e pitorescas, os umbrais das portas e as janelas pintados com aquele azul rei, tão nosso conhecido e agradável aos olhos, aqueles homens ali com suas mulheres e filhas a cuidar da horta ou do campo com aquela devoção e amor à terra, que é a riqueza de Portugal.

Por toda parte, de sol a sol, lá estão eles empenhados na labuta diária, cuidando das plantações, do gado, dos carneiros, das cabras, porcos e galinhas, a trabalhar com energia produtiva. Ao escurecer, aquelas grandes carroças puxadas por cavalos e bois, ou os caminhões vão a caminho dos mercados das cidades.

Dá gosto intimamente observar essa gente laboriosa e boa, simples, de braços fortes, ombros largos e mãos calejadas.

Ao longo de certa estrada notam-se os ônibus repletos de passageiros que seguem para várias localidades, muitos deles marcados: "Bucelas".

Será que é perto? Será que podemos lá ir e voltar no mesmo dia?

Víamos caminhando em direção a Lumiar. Numa praça ao lado de algumas boas residências de gente de recursos, encontramos alguns taxis estacionados no ponto.

Onde é essa tal de Bucelas?... Indagamos do primeiro motorista. Fica a uns 24 quilômetros, disseram, e a viagem custa Cr\$ 1,80 por quilômetro.

Resolvemos aproveitar a bela tarde deste lindo dia de inverno. Fomos seguindo pela excelente rodovia — ladeando havia boas chácaras muito bem cuidadas. Oliveiras, trigo, verduras e, de quando em quando, bosques de pinheiros. A topografia é bastante montanhosa e cada vez mais, conforme vamos avançando, começam a aparecer vales estreitos e riachos animados a correr por entre pedras brancas que desceram lá da serra.

O nosso chofer ia nos explicando o cenário. Ali é a cerâmica, mais adiante a fábrica de papel. Ali é onde preparam o azeite, neste lugar há uma "serração" de pedras, movida a azenha. Querem ver?...

Paramos o carro e fomos contemplar, maravilhados com a paisagem bonita, com as montanhas altas de um lado com grandes pedras e de outro uma floresta cortada por um rio de regular volume d'água. Fomos ver a "serração" de mármore. O dono, prazenteiro, veio nos apertar a mão. Mostrou-nos a instalação da serra. Estava cortando um grande bloco de mármore com um metro e meio de largura e dois de comprimento. Já estavam as serras quase no chão.

Bem, dissemos nós, chegamos na hora mesmo de terminar o corte da pedra mármore de um branco rosado... Há trabalho para um dia ou dois, disse-nos o homem... Essa pedra leva 40 dias para ser cortada, trabalhando-se oito horas por dia, como trabalhamos aqui.

Não. Não é possível deixar serrando durante as 24 horas, pois pode entortar ou quebrar. É preciso vi-

gilância. Há uma pitoresca roda d'água (azenha) que faz andar a serra. Sobrava água que corria num pequeno canal ao lado. As pedras são dali mesmo. Fomos visitar o pátio onde é guardado o grande estoque de mármore, muitos já polidos e prontos para a venda.

Uma pedra com 40x100x3cms. vale Cr\$ 200,00, informou-nos. Oferecemos-lhe um cigarro que agradeceu e continuamos no nosso caminho. Mais uma légua e chegávamos a Bucelas, pitoresca cidade que quase poderia ser brasileira se não tivesse tantos prédios de três e quatro andares, como costumam construir aqui. Fomos a uma confeitaria muito asseada e moderna onde uma moça bonita e sadia nos serviu café e bolos com amáveis sorrisos. Compramos tabletes de excelente marmelada.

O motorista já a esta hora estava amigo e, interessando-se pela nossa excursão, sugeriu a volta por outro caminho mais longo porém muito interessante. Fomos seguindo pelas vilas de casas bem cuidadas, vendo as belas plantações e sítios pelo caminho, belas residências de campo. A terra era cada vez melhor e a cultura mais intensa e variada. Chegamos a Loures, onde tivemos de comprar um pão-de-ló, especialidade do lugar, pois cada vila ou cidade tem sua celebridade culinária ou doceira. Realmente, por Cr\$ 9,00, a dona da casa nos entregou um delicioso pão-de-ló feito na hora, pois via-se, da sala, o marido a dar os últimos retoques com uma camadinha de açúcar, antes de colocá-los ao forno. Tudo extremamente limpo e bem arranjado. Poderíamos mesmo estar na Holanda ou Dinamarca e realmente descrever o que estávamos observando. Havia outras pes-

uma larga porta. Poucos minutos depois voltou com um senhor já de certa idade e bastante robusto. O nosso anfitrião ficou comovido por ver ali na porta da sua casa alguns brasileiros residentes no Rio. Realmente a emoção foi grande, tanto para o sr. Antunes como para nós.

— Eu morei no Brasil uns 30 anos — informou-nos — e residia na rua São José. Possui negócios no Mercado Municipal. Há dois anos que para aqui voltei. Gosto muito do Brasil.

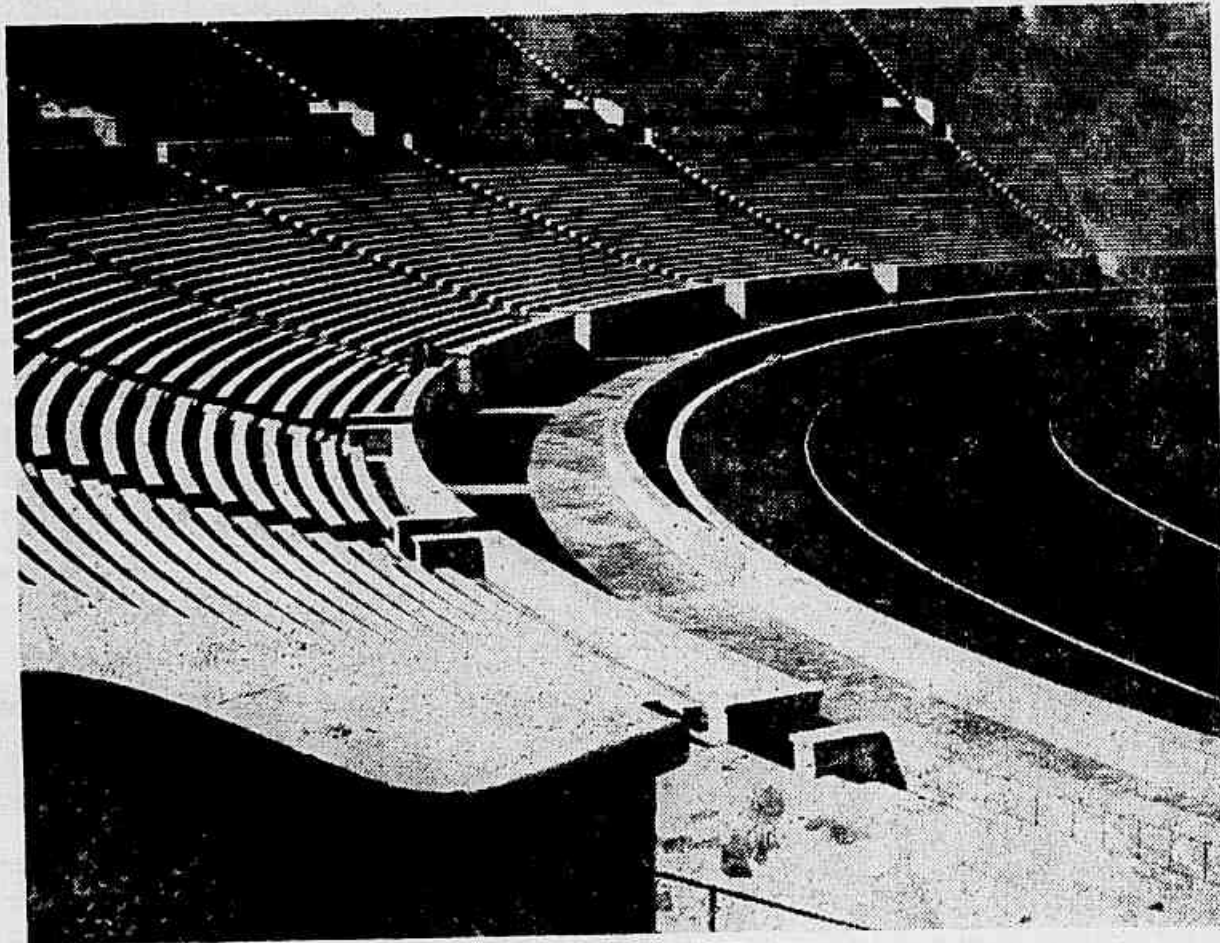
Contou-nos ainda, ligeiramente, sua vida de trabalho no Rio. Já estávamos a essa hora na adega, saboreando copos de bom vinho puro diretamente dos barris gorduchos e pachorrentos deitados ali a guardar o elixir da boa saúde! Se fosse pela boa vontade do nosso amigo ficaríamos ali mais tempo, até terminar, talvez, deitados ao lado dos barris e pipas. Mas, mesmo já tendo saboreado diversos tipos de vinho, tivemos ainda que encerrar as libações com um cálice de uma magnífica aguardente.

— Não podem vocês voltar ao Brasil sem poder dizer aos meus amigos no Rio que provaram o vinho do Antunes.

O nosso amigo contou-nos que recebe a REVISTA DA SEMANA. E adiantou:

— Eu vim descansar e abri um negociozinho para ajudar uns parentes; mas, devido a certas circunstâncias, aqui continuo. Aos domingos, no Salão, aparecem alguns músicos e há bailes para os campestres da aldeia. Gostaria muito se pudessem vir um dia ver isto aqui e dançar com estes bons vizinhos.

Despedimo-nos do nosso brasileiro e continuamos pelos lindos caminhos, a ver cada vez mais belas pro-



Estádio Nacional de Lisboa

soas, na mesma ocasião, fazendo compras da afamada gulodice. O motorista era realmente um rapaz bem informado. Apenas ele errou no preço, pois antes é que o bolo custava Cr\$ 8,00. Há vários meses, disse-nos a proprietária, tinha sido obrigada, devido ao custo dos ingredientes, a elevar para Cr\$ 9,00. Um dia chegará a Cr\$ 10,00.

Há vários brasileiros que compraram propriedades nesta redondeza. Quando chegamos à Ponte de Louisa, o motorista perguntou-nos se gostaríamos de conhecer um desses que vieram do Brasil.

Parou na porta de um grande e antigo edifício e foi entrando por

priedades de gente que vem veranejar por estes lados. Num certo ponto há um grande sanatório para tuberculosos, bem construído, novo, lá em cima do morro suave, com belas árvores: carvalhos, castanheiras e amendoeiras em flor.

Há interessantes moinhos de vento em muitos lugares, funcionando hoje, como há séculos passados.

Dalguns só existem as grossas paredes solidamente construídas como fortins.

Passamos por alguns velhos castelos e antigas residências de nobres proprietários de latifúndios — condes e barões de velha casta.

Quando chegamos portas a den-

tro de Liboa (estávamos fora de portas) e o automóvel parou em frente ao hotel, o velocímetro marcava 97 quilômetros.

De uma simples viagem de bonde por Cr\$ 1,20 fizemos uma magnífica excursão que mais valor teve porque foi acontecendo aos poucos, imprevisivelmente, sem ser previamente planejada, o que deu muito maior sabor. E assim continuamos em busca de novos horizontes por entre vales e montes!...

Temos observado, nos pequenos anúncios dos jornais, que há pensões que dão quarto e comida em Lisboa — não sei em que classe de bairro nem se a "bóia" é boa, ao preço de Cr\$ 600,00 mensais.

Os alugueis de casa aqui são aproximadamente 40% mais baratos do que no Rio, mas aqui também há a lei do inquilinato, de maneira que temos cavalheiros ocupando seis boas salas num sobrado da rua Aurea, pagando um conto por mês.

Como no Brasil, há negócio de luvas. Assim é que se o referido feli-zardo quisesse passar adiante a meia dúzia de salas, há um advogado disposto a lhe pagar 200 contos e submeter-se ainda a um novo aluguel convencional com 30% de aumento. Nas melhores ruas centrais há luvas de mil e dois mil contos para trapasse de locação. Estamos usando a palavra contos porque aqui ainda usam muitos as denominações antigas de tostões, mil réis e contos, e usam até a giria de "cinco paus" em lugar de cinco escudos. Mesmo com os numerosos bairros novos construídos nos últimos 15 anos, há falta de lojas e residências. O valor do terreno em geral é tão elevado como no Rio ou São Paulo. Nas grandes avenidas é comum o preço de cinco contos por metro quadrado, em outras ruas a coisa anda por dois ou três contos. Em bairros ainda não construídos, afastados uns dez quilômetros do centro, onde existe água, luz e esgoto, o preço regula Cr\$ 100,00 por metro quadrado.

Já dissemos em outro bilhete que o governo construiu milhares de bons apartamentos em zonas não muito distantes, onde o aluguel vai de Cr\$ 300,00 a Cr\$ 650,00, conforme o número de quartos. Examinamos essas novas construções e achamos muito bem feitas, com acomodações amplas e decentes.

★

A renda de certas partidas de futebol em Lisboa tem andado ao redor de 2.000 contos e mais por jogo, tendo havido algumas entre as equipes locais Benfica, Sporting e Beirense com a renda superior a 1.600 contos.

★

Perdemos um par de luvas de couro no bonde às 21 horas de ontem. Hoje, às 15 horas, na seção "Achados e Perdidos", fomos encontrá-las amarradinhas com um papel indicando o local e hora do encontro. Foi questão de minutos e saímos com as luvas.

Um nosso amigo é aqui dono de 50 taxis e, na sua empresa, os motoristas levam constantemente os objetos achados nos carros: malas com jóias e dinheiro (50 contos), carteiras, bilheteiras, relógios de ouro, guarda-chuvas, sapatos, chapéus, um cachorro perdigueiro grande. Certa vez um passageiro apressado correu para tomar o trem, deixando na caixa traseira do taxi três malas de mão com roupas e oito contos em dinheiro. No mês passado essa empresa anunciou com grandes títulos, no jornal de maior circulação de Lisboa, a lista completa dos artigos encontrados e apenas 2% foram reclamados.

Passados seis meses os motoristas recebem de volta os artigos encontrados por eles.

Geralmente as gorjetas dadas pelos interessados são pequenas: a senhora que perdeu a mala com todas as jóias e todo o dinheiro, deu Cr\$

(Continua na pág. 46)



Edouard Herriot, presidente de honra da nova agremiação literária

"AMIGOS DE TRISTAN BERNARD"

Uma nova associação literária foi fundada em Paris, Amigos de Tristan Bernard.

Os srs. Léon Blum e Edouard Herriot foram convidados e aceitaram a presidência de honra dessa nova agremiação, cuja diretoria está assim constituída: Presidente, Sr. Romain Coolus; membros, Srs. Emile Fabre, Eugène Fasquelle, Georges Lecombe, Thadée Natanson, Edmond Sée e Miguel Zamacois.

IMAGENS E CARICATURAS

E' na penumbra do crepúsculo de nossa vida que tornamos a ver melhor as paisagens. (Georges Duhamel).

★

O amor conserva a beleza, e o físico das mulheres se alimenta de carícias como a abelha de flores. (Anatole France — O Lírio Vermelho).

★

Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete anjélico, se querem, mas era-o, e então... (Machado de Assis — Memórias Póstumas de Braz Cubas).

★

O coração que não amou foi o primeiro ateu (Mercier).

Todos os tesouros da terra não valem a felicidade de ser amado. (Calderón).

ESTILOS

UM escritor pode ter — disse certa vez William Saroyan — pelo menos dois estilos: pode escrever numa maneira que implique a morte inevitável ou numa maneira que não a implique inevitável. Todos os estilos até agora empregados pelos escritores foram influenciados por uma ou outra dessas atitudes em relação à morte.

AMOR

UM jovem poeta americano, tirando densas e seguidas fumaças de seu cigarro, disse com displicência a André Maurois:

— O amor, hoje? Fumaça!

— Sim, respondeu o autor de "Climats", mas um provérbio francês diz que não há fumaça sem fogo...

VIDA LITERÁRIA

E. CATTETE REIS

O FENÔMENO SAROYAN

WILLIAM Saroyan é um, entre milhões, dos exemplos que a América do Norte nos dá como prova de sua exuberante democracia. E ficamos convencidos de que só mesmo sob esse clima de liberdade e dignidade a luta pela vida pode ter um objetivo certo e triunfal. Não irá muito longe o dia em que o autor de "Three Times Three" tendo perdido o pai, que fora um pastor armênio emigrado para a Califórnia, andava pelas ruas de Fresno, apregoando e vendendo as folhas do dia. Aí, começou a sua batalha crua, ajudando a mãe no sustento do lar enlutado. E aí começou, também, o seu entendimento da própria vida. Conheceu de tudo. As experiências diárias se iam sedimentando duramente no corpo e no espírito. São Francisco foi o seu grande mundo.

Quando descobriu a sua vocação para as letras, fez várias tentativas para trocar os balcões e escritórios comerciais pela sedutora profissão de escritor. O seu talento acabou perfurando as rochas do desinteresse e da má vontade, quando, pela primeira vez, foi agasalhado nas colunas que se lhe abriram em "Story", onde publicou "The Daring Young Man in the Flying Trapeze". Animado pelos diretores dessa publicação, prosseguiu na produção incessante que chegou a atingir a média de um conto por dia!

Poucos escritores tiveram até hoje um sucesso tão rápido como Saroyan. Nem mesmo os ataques de alguns críticos, que sempre o destacaram como um grande cabotino, puderam perturbar-lhe a marcha vitoriosa, sendo que, ao ser apresentada na Broadway a peça "The Time of Your Life", a qual lhe valeu o prêmio Pulitzer — recusado, aliás — muitos chegaram a chamá-lo de gênio.

De fato, Saroyan é um tipo meio excêntrico. Mas é preciso compreender a sua vida para poder encontrar a causa de sua aparente exteriorização. Ele é um integrado no espírito norte-americano e dificilmente se verá em sua obra ou nele mesmo algo que não seja a tradução daquilo que sua personalidade destaca, como produto do meio. O seu bom humor, o seu otimismo, a sua alegria de viver, tudo isso, que se encontra em seus livros e em suas atitudes e gestos, é tipicamente americano. Isso de "aparar o cabelo" ou, como querem outros, de ser cabotino, obedece a uma determinação de duas crises indeclináveis: o seu grande talento de escritor e a necessidade de sublimar todos os complexos de quem, em os havendo adquirido no decorrer de seus dias de infância e juventude e sabendo como livrar-se deles, os vai atirando fora, num gozo íntimo de uma superação gradativa. Através desse prisma é que devemos observar o "fenômeno Saroyan", dando-lhe o que lhe pertence, isto é, o merecido título de uma das afirmações mais vigorosas da moderna literatura norte-americana, no que esta tem de expressivo como espelho fiel de seu tumulto, de seu progresso e de seu encanto.

DISTRAÇÃO

DWIGHT Whitney Morrow, que sempre se fez notar por sua distração, estava certa vez lendo o jornal, num trem, quando o chefe lhe pediu a passagem. Morrow procurou o bilhete por todos os meios e freneticamente, mas seus esforços foram baldados.

— Não faz mal, Mr. Morrow — interveiu amável o chefe. Quando o senhor achar o bilhete, mande-o para a companhia. Tenho a certeza de que o senhor pagou a passagem.

— Disso também sei — explodiu Morrow. — Mas agora, como é que vou descobrir para onde vou?

CONSAGRAÇÃO

O sr. Vicente Auriol está sempre a par das novidades do mundo literário.

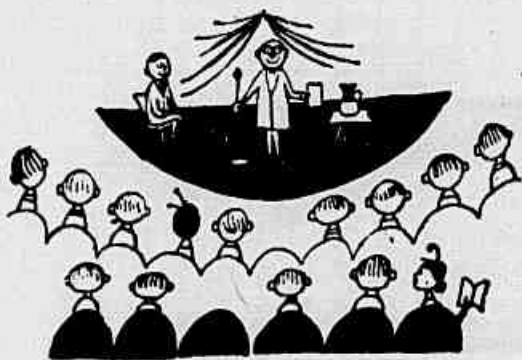
Durante sua longa visita à venda da Associação dos Escritores Combatentes, teve ele uma palavra espirituosa para cada vendedor. A Philippe Hériat, a Maurice Druon, a Jean-Jacques Gautier e a Michel Robida, o sr. Auriol afirmou:

— Eu li seu livro em minhas férias.

A Jules Romains, entretanto, o chefe da Nação assegurou:

— Ah! Sr. Romains, eu reli seu livro, durante minhas últimas férias.

Esta afirmativa vale por uma consagração.



★ No auditório da Biblioteca Municipal, da cidade de São Paulo, o sr. Manuel Bandeira pronunciou, no dia 8 do corrente, às 20,30 horas, uma conferência subordinada ao tema: "A Poética de Gonçalves Dias".

O Departamento Municipal de Cultura foi patrono dessa reunião literária.

★

★ Esteve no Brasil, tendo seguido para Montevideu Sir Ronald Adam, Presidente do Conselho Britânico, que realiza uma viagem de inspeção e intercâmbio cultural pelos países da América Latina.

De passagem por esta capital, Sir Ronald Adam pronunciou duas conferências, uma, na sede da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, subordinada ao tema: "The British Council in the Post-War World" e outra, no salão da biblioteca do Palácio Itamarati, sobre "A UNESCO e o Conselho Britânico".

★

Também, em São Paulo, onde esteve por alguns dias, o General Sir Ronald Adam fez conferências, abordando assuntos referentes à organização que preside.

O EXEMPLO DE CHEVALIER

LILIAN Gish, célebre estrela do cinema mudo, assinou contrato com a revista americana "Theatre". A partir de outubro, Lilian será a correspondente dessa revista na França e ela mesma explicou os motivos que a levaram a dedicar-se às letras:

— A leitura das "Memórias" de Maurice Chevallier me deu a idéia de escrever também.

★

Maurice Chevallier, numa expressão bem característica de sua vida de artista, há pouco, narrada com tanto sucesso nas suas "Memórias"





O sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, cumprimentando a senhorita Jussara Marquez, miss Brasil

A HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB A MISS BRASIL

O Jockey Club Brasileiro vem de prestar destacada homenagem à senhorita Jussara Marquez, eleita recentemente a mulher mais bela do Brasil, e às representantes estaduais no concurso de beleza ultimamente realizado no País. Foi uma festa encantadora, iniciando-se com a disputa do Prêmio "Miss Brasil", carreira dedicada à vencedora daquele concurso. A isto seguiu-se um animadíssimo e elegante chá dançante nas dependências sociais do Hipódromo da Gávea, que teve o comparecimento de numerosos elementos do quadro associativo do Jockey e suas

famílias, o que equivale a dizer, da nossa melhor sociedade. Como sempre acontece com as festas da nossa grande entidade turfista, a homenagem às nossas misses transcorreu num ambiente de inigualável distinção, elegância e espiritualidade, sendo as lindas patricias cercadas do carinho de todos os presentes. Estas páginas mostram aspectos da esplêndida festa que o Jockey Club ofereceu no Hipódromo Brasileiro às representantes da beleza e da graça da mulher brasileira.



As misses na Tribuna de Honra do Hipódromo Brasileiro



A senhorita Jussara Marquez concede autógrafos aos fãs



Em cima: Miss Brasil, durante um momento da linda festa, ladeada pelo sr. Armando Fajardo, diretor do Jockey, e pelo ministro Armando Trompowsky. Em baixo: Aspecto da multidão que lotou as dependências do Hipódromo Brasileiro, e que aplaudiu calorosamente as nossas rainhas de beleza



o trajeto para minha residência sentia uma espécie de mágoa íntima, uma certa dor moral a ferir-me o fundo do coração, como se eu estivesse com pena de Carlota, a pobre confiada e vítima de tanta falsidade! E entrei no apartamento disposto a seguir uma determinação.

Dez minutos depois a empregada me veio comunicar que uma senhorita me desejava ver. Era Carlota. Saímos os dois e fomos para uma rua próxima pouco movimentada onde pudéssemos conversar.

— Marcial, meu amor! Acabo de fugir de casa!

— Estás louca?... Por que fizeste tamanha loucura?

— Discuti com meu pai e lhe disse que me casaria contigo de qualquer modo. Sou maior de idade e não preciso de estar subordinando minha vida a terceiros. E me retirei de casa. Nada tenho, a não ser este auto. Mas poderemos vendê-lo, se achas que isso trará algum proveito.

— Mas Carlota! Eu não ganho o suficiente para manter uma esposa!

Ela procurou mostrar que não era tanto assim; mas Marcial não lhe deu ouvidos.

— Trabalharei, Marcial! Farei alguma coisa.

Senti que o melhor era acabar com aquilo de uma vez. Não queria feri-la; mas já estava farto de comédia. O certo é que não desejava mesmo casar-me com uma pobretona. E fui diretamente ao ponto crucial:

— Olha, Carlota! Será melhor que voltes e faças as pazes com teu pai. Nosso casamento fica desfeito. Eu, em verdade, nunca te quis, nem te quero. Sou exatamente o que de mim disse teu pai: um espertalhão que ia atrás do teu dinheiro. Neste caso... é melhor que me esqueças.

— Marcial! Isto não é verdade! Não estás falando sério!

— Claro que é verdade, a mais pura das verdades.

Disse isso e sai do carro onde, ao seu lado, conversávamos. Parti de volta para meu apartamento sem voltar a cabeça para ela. E assim estava decidido: acabara com o compromisso.

Infelizmente descobri que, apesar dos pesares, eu tinha consciência e esta me remordia. Reconhecia eu, intimamente, que Carlota saíra vencedora moralmente, pois eu não passava de um canalha. Torturado por esses pensamentos, fui a um bar. Bebi bastante. No dia seguinte me sentia de tal forma esmagado e aborrecido que decidi sair da cidade e refugiar-me noutro lugar. Subi

PARA O AMOR NÃO HÁ CALCULOS

MARCIAL sempre foi um jovem de sentido prático na vida. Por esse motivo nunca procurou casar-se por amor, dizendo que, se viesse a amarrar-se, fá-lo-ia para decidir sua existência e tornar-se rico.

Um dia descobriu a candidata que lhe traria riqueza. Era a jovem Carlota, moça sem atrativos, jamais cortejada em face de sua desgraciada figura. Mas era rica e isso bastou para atrair as atenções de Marcial Palomino.

Um dia, porém, o pai de sua escolhida descobriu que ele está apenas interessado no recurso da filha e o desmascara, enxotando-o de sua casa.

Mas esse velho era casado com a formosa Flora, em segundas núpcias e ela se colocou ao lado de Marcial, defendendo-o. O rapaz ficou meio confuso com esse episódio e muito agradecido pelos serviços que essa mulher lhe ia prestar desinteressadamente.

Logo que se deu a cena, Flora o mirou e ele percebeu que algo de íntimo e misterioso havia naquele olhar.

— Bem, Marcial — disse ela. — Deixemos de comédia. Sei também que você só quer casar com Carlota por interesse. Não é verdade?

— Se assim é, por que você me ajuda?

— E' porque eu te adoro, meu bem. Arranjarei tudo para que te cases com Carlota, mas tu manterás comigo um convênio... E desde já te digo: assim como posso fazer o casamento, também posso destruí-lo.

— Mas isso é ser amiga da onça!

Ela estava a meu lado muito bela, luminosa, excitante. Ambos estávamos loucos um pelo outro e não mais demoramos. Trocamos os mais ardentes beijos.

Mal acabávamos essa cena de amor e de carícias, quando meus olhos dão com um homem alto, sombrio, que surgira à porta da sala onde estávamos, a poucos passos de nós dois.

Assustei-me e procurei apartar-me de Flora. Esta, percebendo que algo me alarmava, voltou-se e viu o que me havia provocado tanto susto.

— Olá! Como vai, Marco Antônio? — saudou Flora com certo tom de insolência.

Aquêle homem para mim desconhecido se aproximou em silêncio. Era pelo menos uns vinte anos mais jovem do que o pai de Carlota. Nesse momento Flora me fez esta apresentação:

— Meu irmão político... E' uma personagem interessante.

Percebi que insopitável ódio conturbou a fisionomia de Marco Antônio. Estava eu certo de que havia ouvido toda a nossa conversa. Imediatamente começou a injuriá-la. Ela lhe respondia na mesma moeda. Então decidi sair antes que a tempestade desabasse também sobre mim. E já ia tarde, pois Marco Antônio começara a dirigir-se a mim, embora com palavras menos fortes.

— Deixa-te de tolices, Marco Antônio! — disse Flora. — Com tudo o que sei de ti, não te atreves a abrir a boca para acusar-me! — E se voltando para mim: — Podes ir, meu caro amigo; tratarei de ajustar estas coisas e depois me comunicarei contigo.

Bem vi que Flora podia mesmo. E sai. Durante

ao meu quarto e em minutos arrumei o pouco que me pertencia. Fui à garagem onde guardava meu velho carro. Levei-o ao posto de gasolina, enchi-o e fui à firma onde trabalhava, despedindo-me. Meu patrão não compreendia como ia assim embora, sem motivo, chegando mesmo a discutir comigo, visivelmente aborrecido com o meu procedimento. Mas eu estava disposto e dentro de mais alguns minutos lá ia eu com o velho carro pela estrada de rodagem fora da cidade...

No dia seguinte, inesperadamente, sou procurado pela polícia e metido na cadeia. Que fizera eu? Disseram-me que estava sendo acusado por crime de morte: matara Flora e o seu pai!

Atordado, não pude concatenar as idéias. Mas, passados os primeiros instantes de cárcere, comecei a articular os acontecimentos e me veio à lembrança que a única pessoa interessada em acusar-me era Marco Antônio Darbon. Esse homem, naturalmente enclumado com os meus amôres com

(Continua na pág. 48)

SABER ESCOLHER

A precipitação no casamento resulta quase sempre em decepções e fracassos. Seria necessário um minucioso exame de consciência antes de resolver tomar a decisão definitiva. Existem pessoas que se casam pelo único receio de ficarem solteiras, daí cometerem erro ainda maior pois, sem dúvida alguma é preferível ficar solteira do que levar uma vida de casada insuportável e infeliz.

Para auxiliar as que se encontram indecisas ou as que receiam tomar um caminho um tanto precipitado, organizamos o questionário que se segue:

- 1 — E' esta a primeira vez que ama?
- 2 — Tem mais de vinte anos?
- 3 — Sua vida tem sido infeliz?
- 4 — Seu noivo já tem uma posição definida?
- 5 — E. difícil para qualquer um de vocês confiar nos outros?
- 6 — Você tem vivido à sua própria custa?
- 7 — Você às vezes receia que ele venha a gostar de outra?
- 8 — Já teve a oportunidade de conhecer os seus amigos?
- 9 — Vocês têm a mesma religião?
- 10 — Ambos estão livres de qualquer defeito físico?
- 11 — Você o conhece há mais de seis meses?
- 12 — Seus pais são favoráveis ao casamento?
- 13 — Um dos dois já teve alguma desilusão no amor?
- 14 — Você tem a certeza de que admira e respeita os seus parentes?
- 15 — Você costuma sentir-se solitária?
- 16 — E' ele agradável, trabalhador e independente?
- 17 — Foi difícil despertar nele o interesse pela sua pessoa?
- 18 — Você e os seus pais têm um ponto de vista comum?
- 19 — Sua vida tem sido livre de durezas e má sorte?
- 20 — Você tem confiança nele?

Cada pergunta ímpar deverá ter um **não** como resposta e cada pergunta par um **sim**. Se você tiver menos que 16 respostas corretas você deverá refletir alguns meses antes de casar. E' provável que você esteja confundindo amor com outro sentimento qualquer. Será melhor esperar até obter um resultado melhor.

★

De grande beleza é este modelo de Carven em mousseline branca com rendas em estamparia preta. Originais cordões de veludo negro separam os babados.

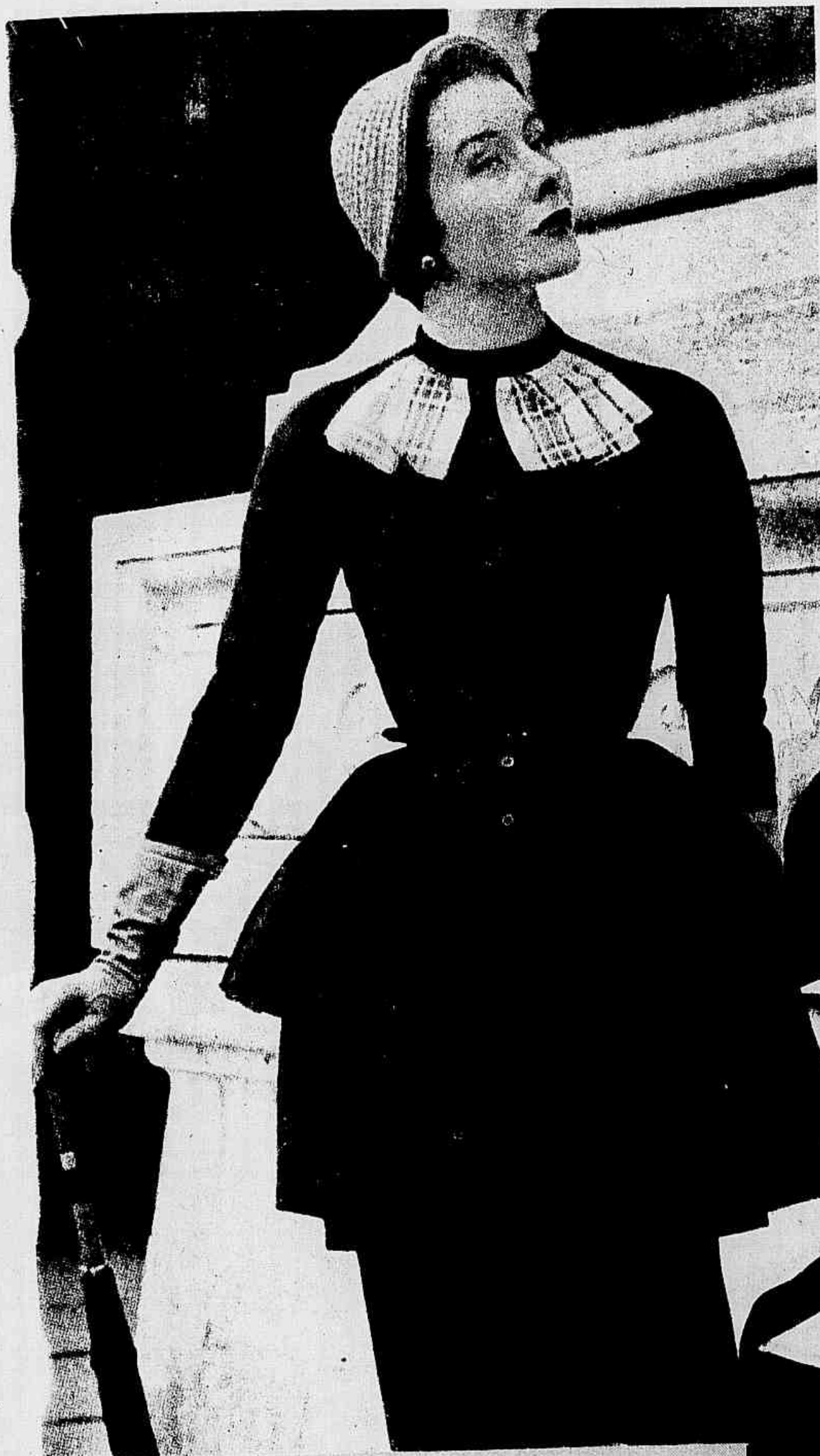


Gente

NOVA



*A*LGUMAS encantadoras sugestões aqui apresentadas nesta página para a gente moça. Em cima, com uma saia cinza em panos, "cardigan" em malha verde escuro. Ao centro: dois modelos interessantes, são dois clássicos "tailleurs" usados com "sweaters" vistosos, e lenços de cores alegres que substituem as golas. Em baixo: em lã azul-marinho, cinto com botões em pelica verde. Finalmente, à direita: elegante duas peças, em lã azul-claro, saia ligeiramente franzida na frente.



Distinção

Elegantes e distintos são os modelos que aqui apresentamos para os dias frios do inverno. Ao alto, à esquerda, temos: modelo original, de Mollyneux, em azul-marinho, com dois babados franzidos partindo da cintura, no decote adornos de fita escocesa; à direita: um notável modelo em fina lã cinza chumbo, com elegante drapeado sobre os quadris. Criação de Jeanne Lafaurie. Em baixo, à direita: original "tailleur" em alpaca azul-marinho, com frente e gola em gorgurão de seda branca, grandes botões completam o conjunto.



O AMOR

E' ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

A impressão que nos fica do primeiro amor, é a mais indelével. Mesmo que vivamos um século e tenhamos nutrido durante todo esse tempo vários amôres, aquele primeiro é o mais firme em nosso espírito, o que maiores recordações amáveis nos relembra os bons tempos de ilusões e fantasias.

Ruth, linda garota, educada e cheia de predicados morais e intelectuais, aos quinze anos amou apaixonadamente um jovem em sua terra natal, uma cidadezinha do norte do país.

Mas eram ambos muito moços e os mais velhos sempre julgaram que aos jovens não pode ser dada a felicidade de unirem os corações numa só vida.

Ela foi contrariada em seus desejos. Ele se viu forçado a emigrar para longas terras. Como a vigilância entre as respectivas famílias era grande, todas as cartas que ele lhe dirigira, foram desviadas, lidas e queimadas.

Escrevendo durante mais de seis meses sem receber uma só linha como resposta, aprovando ou condenando, o enamorado pensou que aquele incrível silêncio era obra de um esquecimento prematuro, talvez determinado pela ausência dele e o aparecimento de um outro amor. E não insistiu mais.

Por sua vez, Ruth, não tendo recebido uma linha sequer de seu amado, julgou-se desprezada pela distância que os separava, ou, quem sabe, outra mulher lhe estivesse a ocupar o seu lugar no coração do ingrato.

E não esperou mais nada dele...

Quem se sentiu vitoriosa com essa circunstância foi a parte contrária, a família de cada um deles.

Ruth continuou o seu curso na Escola Normal da cidade, gaugou as promoções, diplomou-se, foi nomeada para reger uma cadeira de ensino primário, sempre cumprindo muito bem a sua missão.

Aos vinte e um anos, seus pais se preocupavam com sua persistência em manter-se solteira. Sua boa mãe chegava mesmo a provocar aproximações de rapazes bem instalados na vida, a fim de que ela se enamorasse de um e casasse. Mas Ruth parecia manter dentro do peito uma mágoa sempre acesa a filtrar-se no coração dando-lhe um ar de ressentida e triste com a vida.

Seu único lenitivo eram os alunos. Parecia que era a mãe de todos os garotos, tanto bem lhes queria, tanto amor lhes dedicava. Um dia, quando já tinha ela trinta e tantos...

Apareceu-lhe um candidato. Era um jovem bem apessoado, rico, simpático, mas de pouca cultura. Houve namoro. Noivaram. Marcaram o casamento. Inesperadamente, porém, chega à cidade o novo Juiz de Direito. E quem seria! Ele!...

Ruth empalideceu. Desfez-se o noivado. Ela o procurou. Trocaram confidências. Ambos permaneciam solteiros. Explicou-se o caso das cartas. Houve sérios aborrecimentos e os pais estiveram à beira de ser processados por violação da correspondência particular...

Enfim... casaram-se! E porque eles se conservaram fiéis àquele amor quase juvenil? Por quê? Porque o amor é assim...



DETALHES E NOVIDADES



Num vestido de lã, botões na frente, botões do lado... a grande moda do momento atual

Com a moda dos bolsos, voltam os vestidos a ser enfeitados com lenços finos, como o de Teresa Wright, da RKO

Luvas de camurça preta com vize branco, elegantes e muito em moda



Bracelete de pérolas com medalhão antigo. Jóia original e de grande efeito

Sobre um vestido preto, casaco vago, em lã creme. De um bolso cai, negligentemente, um lenço vermelho



Blusa marinho com listras brancas. Fitas vermelhas, própria para sua "toilette" de passeio

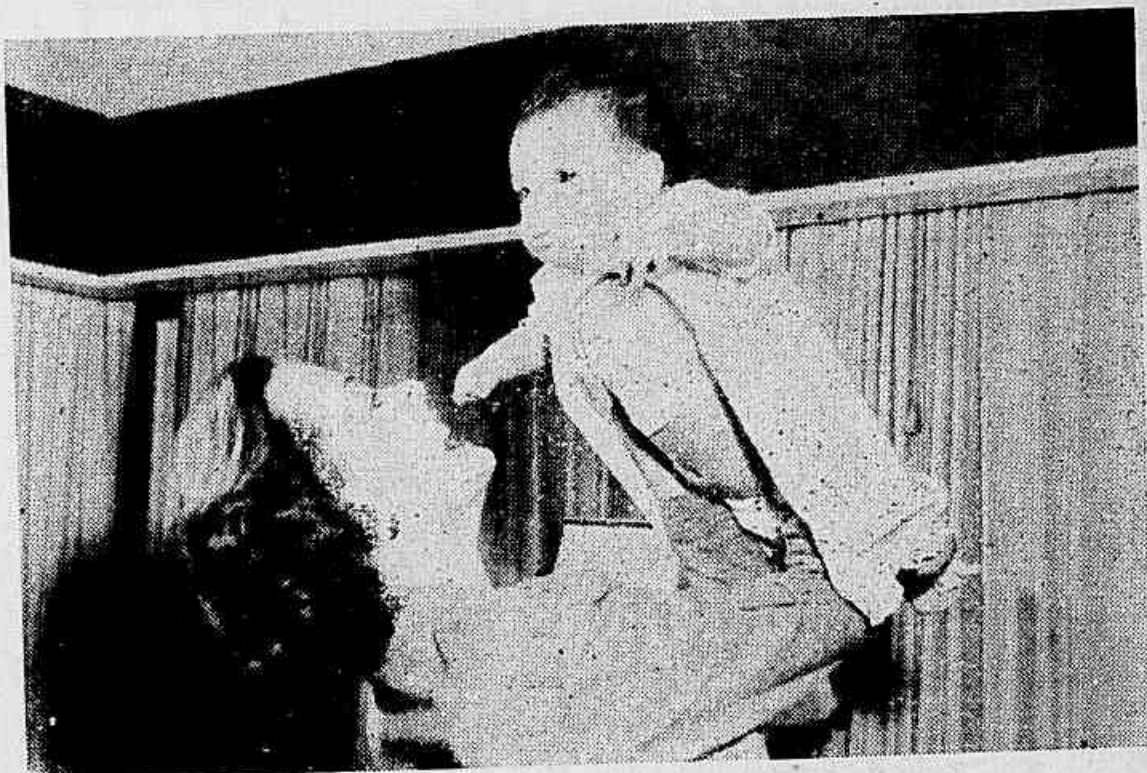
Sapato esportivo em couro granulado, sola dupla em cortiça com pespontos largos



NÃO menos elegante do que os outros, a sua beleza repousa principalmente na simplicidade das suas linhas. Além disso, são modelos fáceis de serem usados, podendo ser adaptados à hora e à ocasião, modificando-se apenas os acessórios. Aqui estão algumas encantadoras sugestões no gênero, que por certo muito agradarão às nossas leitoras.



Modelos
PRÁTICOS



Jane Greer, da RKO, exhibe, feliz, o seu primogenito Albert

UMA SUGESTÃO Numa época em que surgem tantas "campanhas", julgamos poder fazer, também, a nossa sugestão. Trata-se de uma "campanha de educação dos pais", e se ninguém chegou ainda a pensar nisso, julgamos que chegou a hora oportuna pois nada poderá ser feito em benefício da criança se os pais não estiverem preparados para uma cooperação eficiente. Reconhecemos o quanto é difícil a tarefa pois a campanha irá certamente esbarrar com a ignorância, a teimosia e a estupidez o que, no entanto, não deverá constituir motivo para desistência. E, não é uma campanha que só deva atingir aos pais de crianças pobres, mas a muitos e muitos de classes privilegiadas. Junto a estes teríamos que insistir, principalmente, a que dedicassem um pouco mais de tempo aos seus filhos — mesmo com prejuízo de algumas obrigações sociais — que fiscalizassem a sua alimentação, que cuidassem dos seus regimes alimentares, que observassem o seu desenvolvimento físico e mental, que lhes proporcionassem meios de se desenvolverem normalmente, sem medos e complexos; que lhes fizessem sentir o seu amor e a sua compreensão e que estivessem sempre prontos a sacrificar o seu próprio conforto em benefício dos filhos. Que se fizesse com que tais pais compreendessem que os seus filhos precisam de muitas outras cousas além de amas, brinquedos caros e roupas luxuosas; precisam, principalmente, de ter a certeza de que são amados e compreendidos, de que encontrarão sempre proteção e ternura junto aos pais e que nêles existe a preocupação de torná-los sadios e felizes. Talvez que esta fôsse a parte

mais difícil da campanha, porque, apesar de se tratar de pessoas que pela própria situação deveriam ter mais inteligência, devoção e compreensão, iria a campanha esbarrar com o egoísmo, a indiferença, o comodismo, etc.

Quanto à outra parte, a menos privilegiada e talvez, quem sabe, a melhor intencionada, o problema estaria na ignorância e na estupidez. Nascidos e criados na ignorância que outra atitude poderíamos esperar senão aquelas ditadas pela própria ignorância? Que noções de educação, higiene e conforto podem ter criaturas que viveram, muitas das vezes, amontoadas como animais? Já se tentou educá-las? São "bichos", todos dizem, mas os bichos têm muitas vezes o instinto maternal muito mais desenvolvido do que muitas mulheres. E apelando para esse instinto talvez não seja tão



A "ligerie" das nossas filhinhas também deve merecer a máxima atenção difícil educá-las afim de que possam cuidar convenientemente dos seus filhos. Isto seria até mais fácil do que convencer à uma mãe da classe mais elevada a deixar um compromisso social ou uma simples sessão de cinema para ficar ao lado de um filho doente. O que está fora de duvida é que para se cuidar da criança é necessário antes educar os pais, seja qual for a sua camada social.



Asaúde do BEBÊ

Dr. SABOIA RIBEIRO

INTRODUÇÃO À PUERICULTURA PRÉ-NATAL

Já se escreveu que a mulher grávida é um ambiente no qual e do qual o nascituro passa a viver, desde o primeiro instante de vida, quando modificações concomitantes, ora mais, ora menos profundas, logo se desenvolvem para recebê-lo e fixá-lo, intimamente, a si própria.

Ovo, embrião, feto, tudo é já, ou mais tarde, a carne de sua carne, e sangue de seu sangue.

Apenas formado, o primeiro, uma espécie de capsula o envolve e o fixa no fundo da cavidade uterina, devido a transformações da respectiva mucosa que então se operam; de modo que, ao fim da segunda semana, o ovo já não está mais livre na cavidade, eis que, realizada a fecundação, a secreção luteínica do ovário provoca as aludidas transformações, cujo processamento é garantir a nidificação do ovo.

Junto ao ovo esta mucosa toma o nome de decidua reflexa; no ponto de função deste, chama-se serotina. No ovo distingue-se de fora para dentro:

a) Corion — membrana exterior vilosa; b) amnios — idem, em contacto com o embrião; mais tarde transforma-se em bolsa cheia de líquido (o líquido amniótico) no qual mergulha o feto; c) Saco vitelino — uma vesícula, mais tarde transformada em cordão umbilical.

As vilosidades do corion, penetrando para o 3.º mês a serotina, constituem então a placenta. Já a vesícula umbilical se atrofiou e um pedículo — o canal vitelino — envolveu o sistema vascular ali desenvolvido, e o amnios cercou todas as comunicações do embrião com o útero envolvendo o canal vitelino numa bainha convexa o cordão umbilical.

Desde então está constituída a íntima união do sangue materno com o do feto; o sangue materno é o sangue do feto, e já no 3.º mês da gravidez tal evolução se deu.

O ser gerado até o 3.º mês é o embrião; daí até o nascimento é o feto. Ao fim do 1.º mês, é do volume de um ovo de pombo; do 2.º, de galinha; do 3.º, de ganso. Até aí são frágeis as aderências com o útero; daí a relativa facilidade com que, até o 3.º mês, se verifica a expulsão devido a causas mecânicas (abalos, sustos etc.).

Em grande parte, o que se passa no organismo da gestante é resultado do novo mecanismo glandular que entra a funcionar.

Na gravidez, cresce o lobo anterior da hipófise, cresce a paratiroide, e cresce o ovário. A atividade do corpo luteo, deste, desperta, e prolonga-se até o fim da primeira metade da gravidez; porém os folículos do ovário entram em repouso, parando a ovulação, suspendendo-se por isso as regras em todo o período da gravidez.

As supra-renais funcionam, aumentando a taxa do colesterol e da gordura no sangue.

A tireóide segrega e armazena o colóide, e aumenta a taxa de iódina, também no sangue. Sob a taxa de prolactina, neste, devido à hipófise, e devido à paratiroide, há redução do cálcio circulante.

Duas modificações primordiais denunciam, ao cabo, essas atividades; o aumento da massa corporal, e a destruição da pigmentação, acentuando-se estas em particular, no rosto (cloasma ou máscara gravídica) e nos seios, onde se verifica uma coloração mais carregada, mais escura. São dois sinais precisos de gravidez.

As análises apreendem retenção do nitrogênio, aumento das gorduras, no sangue. E retenção do magnésio e enxofre, diminuição dos cloretos, ferro e fósforo. Como consequência, diminuição da reserva alcalina do sangue.

A albuminúria é frequente. A glicosúria, também, devido à diminuição da tolerância para os hidratos de carbono em geral (donde também lactosúria).

Geralmente, altera-se o sistema nervoso da mulher em face dessas modificações; com maior ou menor brevidade, o organismo adapta-se às novas condições criadas pelo sistema globular e suas modificações humorais. Isso, porém, nem sempre se faz sem abalo.

A redução de cálcio circulante, sobretudo, operada pela tireóide, traz em grande parte modificações nervosas. Cai, assim, a relação cálcio-fósforo, quando é justamente do equilíbrio da mesma que resulta normal a excitabilidade do sistema nervoso e da fibra muscular.

Rompido, porém, o equilíbrio na gravidez, altera-se em consequência todo o sistema neuro-muscular, variando isso, naturalmente, em vista de múltiplos fatores. A tendência da mulher grávida às convulsões, não poucas vezes, encontra na quebra da relação cálcio-fósforo a sua única explicação.

O suprimento de cálcio ao organismo do feto é a causa pela qual o organismo da gestante passa a funcionar segundo esse ritmo de metabolismo do cálcio, necessário à formação do esqueleto daquele.

O desenvolvimento do feto, a seu turno, cria outros estados não menos importantes. O tumor ventral que então se denuncia, recalando cada vez mais os órgãos digestivos e os da pequena bacia, sobretudo o reto, determina, a miúdo, pelo obstáculo mecânico, um estado de prisão de ventre, e pela compressão sobre os vasos da pequena bacia e veias mesaríais, já as varizes, já as hemorroidas, que constituem com muita frequência verdadeiros acidentes da gravidez.

Conclui-se, disso tudo, que a gestante é alguma coisa delicada, cujo estado merece, sempre, atenções especiais. Nessa fase, sobretudo as modificações humorais, não raro, revelam situações melindrosas, porém nem sempre trazendo in- comodidades aparentes de estado de saúde. Somente o exame irá pôr de sobreaviso em relação às suas consequências, quer durante a gravidez, quer no momento do parto.

Duas ordens de cuidados há sempre atender durante a gestação. Uns, visando a saúde materna, figurando em primeiro lugar os destinados a combater os efeitos decorrentes do aumento de tumor ventral, como a prisão de ventre e as varizes, ou a insuficiência de órgãos como o fígado e rins, sobrecarregados nessa fase pela dupla função depuradora assim do organismo materno como do feto; outros visando a saúde do feto, assim, durante seu desenvolvimento, durante a vida intra-uterina como durante o ato parturitivo, no nascimento, ocasião propícia a certos traumatismos, se descurados em tempo esses cuidados.

O regime alimentar da gestante tem a esse respeito uma importância primordial, e eis porque em grande parte ele atende a uma das necessidades mais imperiosas durante a gravidez e capaz muitas vezes de corrigir inúmeros incômodos, que então se apresentam. O estado de sobrecarga que pesa sobre os órgãos depuradores, mormente fígado e rins, devido a que, nessa fase, elimina a mulher assim as suas próprias perdas orgânicas como as do feto, encontra, sem dúvida, no regime alimentar um dos recursos mais valiosos para restabelecer o equilíbrio acaso perturbado pelas novas condições.

A gravidez descurada constitui um dos maiores fatores da prematuridade, da debilidade e da nati-mortalidade, sendo as toxínias gravídicas (náuseas, vômitos, perturbações visuais, etc.), o parto demorado (estreiteza da bacia, defeito de apresentação do feto) e as infecções de feto (sífilis maternas, doenças intercorrentes na gravidez) as causas mais frequentes, respectivamente.

Os males que resultam dessas situações revestem uma importância excepcional. Os prematuros formam metade dos que morrem nos 7 primeiros dias.

Os partos prolongados, obrigando a intervenções ou manobras de emergência (forceps, versões), ensejam, a miúdo, a debilidade congênita, com os frequentes traumatismos do feto e as lesões indeléveis então resultantes, que lhe reduzem a capacidade; as paralisias congênitas são, comumente, os despojos dessas situações do parto demorado, paralisias já faciais, já dos membros, superiores ou inferiores.

Muitas vezes, também, surge a debilidade do recém-nascido, atestando defeitos da nutrição materna (fetos atroficos, defeitos de ossificação), ou uma anemia devido às hemorragias placentárias (na albuminúria gravídica).

A nati-mortalidade, imputa-se à sífilis materna não tratada (e o pode ser em relação ao feto (com proveito no decurso da gravidez) uma influência primordial; tanto que, após uma série de nati-mortos, uma vez tratado, a sífilis, passa a mulher a ter filhos a termos, e são.

Evidente, porém, que não é essa a causa única, exclusiva, dos nati-mortos. Outras situações que não foram conjuradas, durante a gravidez — assim, por exemplo, a placenta prévia — contribuem, ao lado da sífilis, para a estatística dos nati-mortos. Outro acidente da gravidez descurada — a eclampsia — estará em causa muitas vezes.

A assistência, com vistas ao nascituro, da gravidez, constitui o objeto da Puericultura intra-uterina. Deste breve resumo se vê a alta importância dela como proteção da vida e da saúde da criança e seu papel básico na luta contra a mortalidade infantil.



Em mousseline de seda
guarnecida de ninho de
abelhas

Em mousseline de seda
com renda negra

Em crepe cetim mate com incrustações
em cetim brilhante. Abrigo em crepe da
China e rendas

PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS

O HOMEM AGONIZANTE

O bonde "Ipanema" parou quase bruscamente. Do seu interior, o moço torneiro e o condutor retiraram um homem e, como se aquela criatura humana fosse um fardo contendo qualquer mercadoria barata, lançaram de qualquer jeito em frente a uma farmácia na Av. Nossa Senhora de Copacabana.

— O homem está morrendo e já vai tarde! — gritou o "galego" sem coração. Com uma cara de nojo, limpou as mãos nas pernas da calça e acrescentou: — Que diabo, são destas coisas que se arranja para atrasar a viagem da gente! Em todo caso... o que está feito não está mais por fazer.

Sacudiu os ombros bem nutridos, alisou o longo bigode e pôs o veículo em movimento. No meio-fio, com a cabeça pendida sobre o ombro esquerdo, pernas curvadas e braços abandonados, num gesto de displicência, ficou o infeliz homem. Os transeuntes indiferentes — ou antes, acostumados a estas cenas — passavam rápidos. Não lançavam sequer um olhar de comiseração àquela pobre criatura. No entanto, sem procurarem saber o que realmente havia acontecido, limitavam-se a julgamentos apressados: maconha, cachaça! — Eis as rudes palavras que ficavam no ar.

Eu que permaneci perto da farmácia, não perdi um só detalhe daquele triste episódio. Enquanto marcava a relógio o tempo que corria, sem que fosse atendido aquele infeliz, percebia que lentamente ia se formando em sua volta uma turma de curiosos; todavia, nenhum deles tomava uma iniciativa. Finalmente já haviam transcorrido exatamente vinte minutos, quando observei um ligeiro estremecimento no corpo do pobre homem. Aproximei-me, pois um dever humanitário, não me senti com forças para permanecer inativa. Entrei na farmácia. Lá dentro conversavam, despreocupadamente, dois auxiliares.

— Existe aqui algum médico? perguntei.

— Não senhora! — respondeu prontamente um dos rapazes.

— Posso usar o telefone?

— Pois não. E' aí, perto da caixa.

Fiz primeiro uma ligação para o Hospital Miguel Couto. Conte o caso e como única providência, ouvi uma voz feminina muito estridente dizer: — E' pena, mas no momento não existe ambulância!

Recorri à Rádio Patrulha, — embora compreendesse que o caso não lhes dissesse respeito, quis apenas apelar para os sentimentos humanitários de um daqueles homens — de lá uma voz grossa e pouco amável respondeu-me: "Isto aqui, minha senhora, não é hospital" — e, "craque", desligou o aparelho. A minha última tentativa foi dirigida a um distrito policial, próximo dali. Desta vez, no entanto, as frases recebidas foram estas: "Escuta beleza, isto aqui é um distrito policial, sabia? Se você quiser um carro forte eu lhe arranjo com muito prazer, mas uma ambulância, isto é com o Pronto Socorro".

Agradei a informação e desliguei o telefone. Quando pretendia deixar a farmácia tive os meus passos embargados por um dos rapazes.

— Por favor madame, não foram três? Pois, são exatamente um cruzeiro e cinquenta centavos.

Francamente, senti uma raiva tão grande se apoderar de mim, que nem sei como pude ficar calada e ter forças para abrir a carteira e entregar-lhe o dinheiro. Creio que ele notou isto porque muito cinicamente acrescentou: — Não adianta esta cara madame, infelizmente não somos sócios da Light!

Já não me era possível suportar tanta desumanidade e falta de cooperação. Deixei a farmácia e fui ver se aquele infeliz já havia morrido ou se ainda estava agonizando. Os curiosos estavam resumidos em quatro, todos eles num silêncio quase religioso. Pude finalmente observar melhor aquele homem. Aparentava pouco mais de 30 anos, modestamente vestido, fisionomia lívida e lábios crispados num gesto de dor. Todavia, não era um bêbedo ou um toxiômano. Estava unicamente acometido de um mal súbito, talvez viesse a resistir, talvez não. No entanto, entre muitas portas fechadas, o pedinte termina encontrando uma aberta e foi justamente isto que aconteceu com aquele misero mortal. Passou pelo local um jovem num automóvel particular. Parou. Ao ser cientificado de que todos os recursos solicitados foram negados, não esperou, desceu do carro, tomou-o nos braços e rumou para o Hospital Miguel Couto.

Inegavelmente é uma lástima que aconteça horrores desta natureza em plena Capital da República e por cima numa zona tão movimentada. Todavia, mais lastimável ainda, é a má vontade que encontramos nesses serviços pagos pelo povo, para assisti-lo nas horas realmente necessárias. Entretanto, estes cavalheiros, cujos ordenados vêm dos cofres públicos, deviam ser mais humanos e procurarem cumprir com dignidade os deveres que lhes são confiados.

Correspondência

Edna — Lambari Sul de Minas.

"Minha família não quis compreender e expulsou-me de casa. E, o homem, a quem devo a minha infelicidade, abandonou-me. Indique-me, por favor, o que devo fazer nesta fase de completa escuridão".

Edna, errar é humano; persistir no erro é um crime. Não sei a extensão da tragédia que você está vivendo, visto a sua carta estar bastante confusa. De qualquer forma, se sua família, de quem você deveria receber todo apoio e compreensão, agiu tão desumanamente, e o homem que proporcionou-lhe tanta infelicidade, fugiu covardemente para não assumir os compromissos que tamanho ato requer, só vejo um caminho para lhe apontar: arranje um trabalho, mesmo que seja modesto, dedique-se a ele com ardor e perseverança e futuramente você há de compreender que esta fase de escuridão não representou para a sua vida nada mais do que um fugaz pesadelo. Seja forte Edna, que a felicidade ainda haverá de lhe sorrir.

Toda correspondência para esta seção, deve ser endereçada a M. Mercedes Santos — Problemas da Mulher — na redação desta revista, à rua Maranguape, 15, — Lapa — Rio de Janeiro.

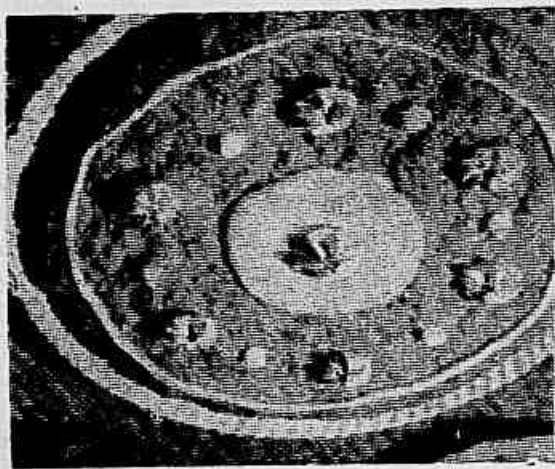


Modelos de Hollywood

MARTA Toren, da Universal International, apresenta seus mais recentes modelos e, cada um deles realmente um verdadeiro encanto. Ao alto temos: "Tailleur" cinza. "Pences" na saia. Gola de veludo. Modelo para a tarde em lã preta. Drapeado sobre os ombros terminando em franjos. Largo cinturão de tafetá. Em baixo: Em lã azul-marinho com grande gola em fustão branco. Punhos também brancos. Saia franzida com bolsos.



week-end NA COZINHA



As tortas, sejam elas de qualquer qualidade, serão sempre bem-vindas e apreciadas

TOASTS DE FOIE-GRAS TRUFADO

Parta em fatias de 1 cm. de espessura o miolo de $\frac{1}{2}$ pão de forma. Torre inteiras, passe manteiga e corte em quadrados de 4 cm. colocando no centro um pedacinho de foie-gras.

FAROFA DE CLARAS

Leve as claras que tiver a fritar na manteiga, parta com o garfo aos pedaços, tempere com sal, revolva e vá deitando farinha em chuva em pouca quantidade.

FEIJÃO COM LEITE DE CÔCO

Tire o leite grosso de um côco e reserve. Junte 1 xícara de água quente ao bagaço, exprima e guarde. Cozinhe $\frac{1}{2}$ quilo de feijão mulatinho ou branco, peneire e junte um bom refogado; molhe com o leite ralo 1 colher rasa de açúcar, sal e deixe no fogo sempre mexendo até aparecer o fundo da panela; incorpore o leite grosso, deixe mais um pouco, retire e



CULINARIA

Para se obter o açúcar de confeiteiro, basta socar bem o açúcar e passá-lo em seguida em peneira de seda. ★ A gordura de vaca, depois de limpa das peles, pode ser levada ao fogo para derreter. Depois de pronta, cõe e guar-

dirva com bacalhau ensopado ou carnes salgadas.

SOUFFLÊ DE ESPINAFRE

Toste 1 colher de manteiga com 2 de farinha, molhe com 2 xícaras de leite, ferva um pouco e junte 6 molhos de espinafres cozidos, exprimidos e batidos. Incorpore 3 gemas, 2 colheres de queijo ralado e por último 3 claras em neve. Deite numa fôrma untada e polvilhada de pó de pão e leve a assar no forno. Não deixe endurecer demais.

PUDIM DE CHOCOLATE

Desmanche no fogo com um pouco de água, 150 grs. de chocolate de baunilha; depois retire do fogo, junte



Seja original na arrumação dos seus pratos, dando à sua mesa um aspecto diferente e agradável

250 grs. de açúcar, 100 de manteiga, 100 de farinha, 5 gemas e 5 claras em neve. Misture, deite numa fôrma untada e leve a assar no forno. Cubra com a glace abaixo e guarneça com frutas secas.

GLACE DE CHOCOLATE

1 xícara de açúcar, 1 colher de chá de manteiga, 1 pau de chocolate derretido no fogo, sem água. Bata tudo muito bem com um batedor e derrame sobre o pudim.

PUDIM DE GEMAS

Faça uma calda com 450 grs. de açúcar e junte $\frac{1}{2}$ colher de manteiga; depois de fria junte 18 gemas e 2 colheres de licor de cacau. Despeje em forma untada e leve a assar em banho-maria.

de em potes vidraços. Pode ser usada simples ou com baunilha. ★ Para que as avelãs, e as castanhas do Pará soltem depressa as peles, devem ser levadas, por alguns minutos ao forno. Depois basta esfregá-las que as peles se soltam.



CUIDADOS INDISPENSÁVEIS...



A duração de um vestido, de um "tailleur", de uma luva ou de uma meia, depende, em grande parte, dos cuidados que lhes dispensamos. Barbara Hale tem como parte do seu programa, dedicar uma tarde na semana para as suas coisas. A escôva entra então em ação. Os vestidos escuros, os "tailleurs", tudo é escovado com cuidado. As luvas laváveis são por ela lavadas, pois Barbara Hale é contra a teoria de que é elegante usar-se luvas sujas. Finalmente, a "estrela" da RKO, não deixa que as roupas se estraguem só porque não foi possível dar "um ponto" na blusa ou no vestido. Qualquer rasgão, qualquer botão, qualquer costura que se abra é imediatamente tratada. Assim a roupa dura mais e o seu aspecto é sempre agradável.





BROADCAST



Araci de Almeida, ao ingressar no rádio, recebia trinta cruzeiros por audição. Hoje, bem...



Celestino Silveira atribui o sucesso de "Cine-Rádio-Jornal", que acaba de completar 15 anos, ao "princípio sempre respeitado de informar com imparcialidade e criticar com espírito".

RADIO-FLASHES

CONFISSÃO

No dia vinte e quatro de junho, "Cine-Rádio-Jornal" completou o seu décimo sexto ano de existência. Ora, um programa com esse tempão de vida, é algu-

ma coisa de notável, sabendo-se que a maioria não passa dos nove meses... Por isso, procuramos saber de Celestino Silveira, a causa desse sucesso. E o vitorioso "rádio-writer" não se furtou a resposta: "Talvez ao princípio sempre respeitado de informar com imparcialidade e criticar com espírito. Essencial foi conquistar a confiança do ouvinte; depois tudo ficou sendo relativamente fácil. Já existe uma segunda geração de "amigos fans" e nada menos de cinco mil e seiscentas audições estão feitas. O público acostumou-se e eu faço o possível para que ele não perca esse hábito, dando-lhe o máximo de informação honesta e sempre a mais imparcial".

A propósito do aniversário de "Cine-Rádio-Jornal", podemos informar que Celestino Silveira organizou para o dia primeiro de agosto uma "big" festa, a qual contará com a participação dos maiores da Globo, figurando, entre outros, Louis Serrano, Sagrador de Scuvero, Amaral Gurgel e Osvaldo Diniz Magalhães.

★

ESBOÇO BIOGRÁFICO

Virgínia de Moraes, artista exclusiva da Mayrink Veiga, nasceu na cidade de Araraquara, a cinco de setembro de um ano não muito distante. Demonstrando qualidades para a música fina, cedo iniciou o curso de bel-canto, vindo a alcançar apreciável êxito. Levou a efeito, então, uma "tourné" artística, realizando recitais em Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo. A seguir, atraída pelo extraordinário poder divulgativo do rádio, tentou-o, inscrevendo-se como cantora num programa de novos, que a Rádio Cultura apresentava. Saiu-se bem, conquistando a "peneira de ouro". Tanto bastou para prosseguir na carreira radiofônica. Hoje, radicada no Distrito Federal, participa da linha de programações da PRA-9. Além de intérprete de músicas finas, Virgínia de Moraes dedica-se ao gênero de teatro-cego, emprestando seu concurso ao elenco dirigido por Sadi Cabral. Bastante jovem, pois não ultrapassou a casa dos vinte e cinco, ela é um dos bons elementos com que conta o "broadcasting" carioca, embora seu retrato não viva a ilustrar as colunas especializadas.

★

NOVIDADES EM FOCO

Heber de Bóscoli fechou contrato com Oscarito, a fim de que o mesmo participe das viagens do "Trem da Alegria". Nesse empreendimento, o espôso de Iara Sales dispenseu apreciável soma. ★ Em continuação ao lançamento de cartazes internacionais, a PRE3 vem de ultimar a vinda da cantora francesa Dany Lamar. Trata-se de elemento de primeiro plano da música da imortal França.

★ Também a Mayrink Veiga, dando um ar de sua graça, acaba de apresentar uma das maiores intérpretes da canção gaulesa. Referimo-nos a Renée Lamy, cuja presença ao microfone PRA-9 está obtendo apreciável sucesso. ★ Benvindo Edinaldo, ora à frente da linha de programação da Rádio Clube do Brasil, última três interessantes programas rádio-teatrais. A julgar-se pelo que ouvimos, um deles é completamente inédito no "broadcasting" nacional. ★ "Só um Pecado", novela de Valter Foster, é o mais recente lançamento da Tupi. Os papéis centrais dessa história em capítulos foram confiados ao desempenho correto de Paulo Gracindo e Zezé Fonseca. ★ "Tribuna Política", cartaz destinado a focalizar as atividades políticas e parlamentares do dia, é a novidade da programação PRE-3. Cabe a Caio Cesar Pinheiro, a responsabilidade desse programa.

★

SAIBA...

...que durante a transmissão do jogo Brasil x Uruguai, aproveitando-se de ligeiro atraso de Gagliano Neto, Jorge Curi revelou-se apreciável locutor esportivo, substituindo aquele durante alguns minutos.

...que Lígia Sarmento, artista exclusiva da PRE-8, iniciou sua carreira artística aos dezessete anos de idade, trabalhando ao lado de Leopoldo Fróis e Chabi Pinheiro, no antigo Lírico.

...que Araci de Almeida estreou na cena gravando "Sorriso de Criança", o qual trazia o selo Columbia. Nessa época, a vitoriosa intérprete de nossa música popular, ganhava trinta cruzeiros para cantar nos programas da Guanabara.

...que Armando Louzada, espôso de Simone de Moraes, iniciou sua carreira teatral como participante da Companhia Abigail Maia, ao tempo em que esta contava com o concurso de Ismênia dos Santos, Chaves Filho, Brandão Sobrinho e outros.

★

A PROPÓSITO DE FRANK

Depois da presença de Xavier Cugat e sua famosa orquestra, fala-se, agora, na vinda de Frank Sinatra ao Brasil, a fim de participar do programa de inauguração dos cinquenta kilowatts da PRE3. Daí, uma breve nota sobre o cantor que provoca desmaios... Seu primeiro contacto com o rádio constituiu autêntico fracasso, levando-o a servir de mestre de cerimônias num cabaré de Nova Jersey. Mais tarde, ingressou como "crooner" da orquestra de Harry James, a qual veio a trocar pela de Tommy Dorsey. Nesse conjunto, é que sua estrêla começou a brilhar.



Virgínia de Moraes começou no "broadcasting" paulista, levantando um programa de calouros. Atualmente, canta e faz rádio-teatro na Mayrink Veiga, da qual é exclusiva

MADRECITA SANTA
Tango de Bill Pastor
Madrecita santa escuchame
Hoy quiero cantarte mi pesar
He sofrido tanto que hoy estoy
[tan viejo
Que no tengo fuerzas ni para
[luchar...

Desde que te fuiste no senti
Nunca mas um beso de amor
Hoy, quando te evoco siento aqui
[em mi pecho
El grito de angustia clamando
[piedad

Perdon madrecita, lo ingrato que
[he sido
Cuanta... cuanta culpa tuve en
[tu sufrir.
El remordimiento hoy me está ma-
[tando

Los ojos me sangran de tanto llorar
Mi fiel viejecita llevame contigo
Muy juntos acaso en un mundo
[de fé
Alli gozaremos de paz inefable
Donde he de cantarte todo tu
[querer.

★

EXALTAÇÃO A BAHIA

(Samba)

Vicente Paiva e Chianca de Garcia
Côro: — Oh! Bahia
Umbu, vatapá e azeite dendê.
Solo: — E tem moamba,
Pra nego bamba fazê cangerê.

Um nome à história vou buscar,
Sargento Camarão,
Herói foi da Bahia!
Castro Alves nos faz lembrar,
Tempos d'Abolição,
Poeta da Bahia,
Rui Barbosa fogo triunfal,
Voz da raça e do Bem
O gênio da Bahia!
E há nesse encanto natural,
Que a baiana tem,
A graça da Bahia!

A Bahia tem conventos
Tem macumba e tem moamba,
Mas onde ela é mais Bahia,
E' no batuque e no samba!
Côro:

Foi na Bahia
Das Igrejas tôdas de ouro,
Onde vale a morena um tesouro
Como nenhum não pode haver...
Salve a baiana
Com sandália e balangandans,
Vai mostrar ao mundo inteiro
Nosso samba brasileiro
Do auri-verde
Bahia.
Alegria, oi,
Do Brasil!

★

DIEZ MINUTOS MAS

Bolero

Gabriel Ruiz e José Antônio Zorilla
Mira, no te vayas, quédate un
[momento
Quédate conmigo tú no te me vayas;
Pase lo que pase, digan lo que digan
Tu me perteneces, esa es la ver-
[dad.

Quédate un ratito, deja que te
[mire.
Deja que mis manos se llenen
[de ti.

Quiero que me beses y que me
[acaricies
Quiero lo que quieres pero quédate
[aquí

Quédate un ratito, quédate en mis
[brazos
Deja que te quiera, deja te besar.
Quédate en mis ojos, quédate en
[mis manos.

RÁDIO E POLÍTICA

O rádio não pôde escapar aos tentáculos envolventes da política. Enquanto na Câmara transita o Código Brasileiro de Rádio, alvo de várias centenas de emendas, nas ondas de Hertz travam-se acalorados debates sobre a finalidade desta ou daquela iniciativa, quando não se discute a ação de qualquer autoridade governamental. Neste ponto, aliás, chegamos ao cúmulo de apreciar a preferência de alguns parlamentares pelos microfones de nossas emissoras, como no caso do vereador Luiz Pais Leme que, diariamente, se vale das ondas da Continental para sua costumeira crítica aos atos do executivo municipal. Antes desse líder udenista, tivemos Benedito Mergulhão, com seu ouvidíssimo "Astros e Ostras", logo seguido de outro não menos ouvido programa e que valeu a seu autor Carlos Lacerda, misteriosa agressão física. Presentemente, com o problema sucessório à vista, fala-se na aquisição da Guanabara pelo governador Ademar de Barros que, todas as semanas, deita falação, através de uma cadeia de emissoras, em que figuram a Tupi e a Continental. O Rádio Clube do Brasil, por sua vez, entrou no páreo lançando "Caravana Política", que vai ao ar sob a tutela de diversas agremiações partidárias. Também a Globo, não fugindo à regra, tem de diversas agremiações partidárias. Também a Globo, não fugindo à regra, tem sua "Tribuna Política", que, no dizer de seu orientador, destina-se a noticiar e comentar com isenção as ocorrências ligadas ao problema sucessório. A Nacional, com os comentários políticos de Ernani Reis, é outra que não ficou indiferente à questão, o mesmo acontecendo com a Tupi, que mantém um programa sobre as atividades e finalidades do partido do sr. Plínio Salgado. Como vêm, o rádio, hoje mais do que nunca, acompanha o desenrolar dos acontecimentos políticos, a eles se associando por intermédio de uma série de cartazes que, até à decretação do Código Brasileiro de Rádio, não obedecem a nenhuma norma. Será que este, uma vez aprovado, imporá condições à divulgação do noticiário político? Caso afirmativo, nem mesmo assim o "broadcasting" nacional escapará aos demagogos e "profiteurs" da política.

A. MIGUEIS

"LADRÕES DE BICICLETA"

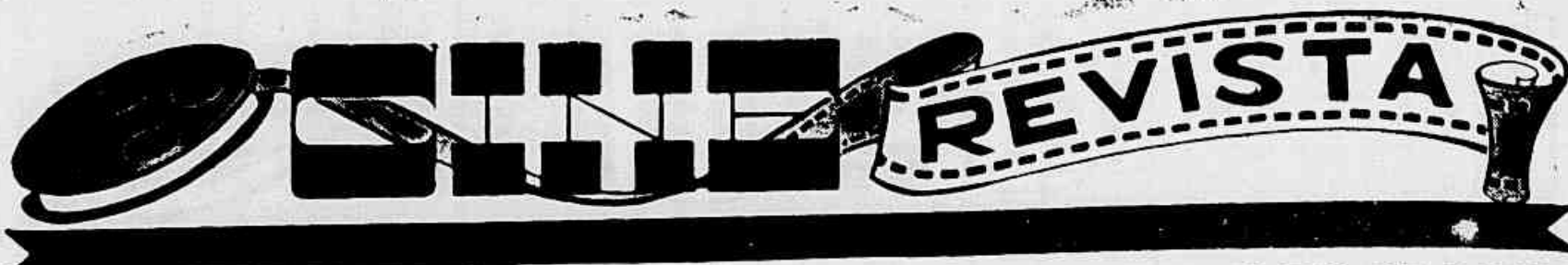
GRANDE PRÊMIO NO FESTIVAL DE KNOCKE LE-ZOUTE

NOTÍCIAS de Bruxelas informaram o resultado do Festival cinematográfico de Knocke Le-Zoute. Neste festival, o júri concedeu o prêmio para o melhor "cenário" ao filme "Les casse pieds", de Noel-Noel, e o prêmio pela melhor interpretação masculina foi dado a Bernard Blier, por seu papel em "Ecole Buissonnière", de Jean Paul Le Chanois. O prêmio de melhor filme para a juventude coube à "Difusão dos Conhecimentos e Filmes de Atualidades". O prêmio para o melhor filme cultural foi dado a "Cesaree", de U. Heissmann, da Argélia. O prêmio para a melhor fotografia coube a Gabriel Figueroa, pelo seu trabalho no filme mexicano "Salón Mexico". Anna Magnani, pelo seu trabalho em "Molti dogi per la strade", de Mario Camerini, obteve o prêmio da melhor interpretação feminina, enquanto que o prêmio pela melhor "mise-en-scène" foi concedido ao filme americano "The window".

"Brother head of man", de Robert Connor, também americano, foi considerado o melhor desenho animado em cores, enquanto o filme "Inspiração", de Karel Zeman, da Tcheco-Eslováquia, recebeu o prêmio para o melhor filme de bonecos. "Zobadela", da União Sul-Africana, foi considerado o melhor documentário, e "Anestesia geral para a cirurgia local", de Genes Henrikson, da Dinamarca, foi considerado o melhor filme científico. O filme italiano "Ntre Charybides e Sicilia" foi premiado como a melhor reportagem.

O prêmio ao melhor filme escolar foi dado a "Circulação sanguínea", da Inglaterra, e o grande prêmio destinado ao melhor jornal hebdomadário editado a 20 de junho de 1949 foi concedido ao Fox Movietone. O comité belga de trabalhos cinematográficos concedeu prêmio especial à equipe de trabalhadores que realizou o filme mexicano "Maclovio", de Emilio Fernandez e Gabriel Figueroa. O prêmio da melhor seleção nacional para o festival coube aos Estados Unidos.

E finalmente, o grande prêmio do Festival Cinematográfico de Knocke Le-Zoute coube ao filme italiano "Ladrões de bicicletas", película dirigida pelo famoso Vittorio de Sica. "Ladrões de bicicletas", quando do seu lançamento na Itália, foi considerado pela crítica peninsular como a expressão máxima do neorealismo italiano.



Por LUIS ALÍPIO DE BARROS

RÁPIDA BIOGRAFIA DE UM GÊNIO



WELLES

Considerado um gênio Orson Welles criou grandes obras no cinema, no teatro e no rádio, além disso, é um excelente articulista político. Cabotino ou não, Welles é uma das maiores personalidades no ambiente artístico norte-americano.

"Horse Eat Hat" e "Fausto", e "The Cradle Will Rock". Em 1937 a dupla Welles-Houseman levou "Júlio Cesar", e levou grandes livros e grandes peças para o microfone, através do "Mercury Theatre of the Air".

Em 1940 chegou Welles a Hollywood e escreveu, dirigiu, produziu e "estrelou" o excelente "Cidadão Kane", uma das grandes obras do cinema de todos os tempos. Em seguida faz "Soberba" (The Magnificent Ambersons), outro filme de notáveis qualidades artísticas. Veio em seguida com "Jornada do pavor" (Journey into fear), e como principal intérprete masculino em "Jane Eyre", ao lado de Joan Fontaine. Em 1945 produziu e dirigiu "O estranho" (The Stranger) e interpretou o principal "role" de "Tomorrow is Forever". Esteve no Brasil e começou a realizar um filme sobre nosso país, mas tudo foi por água abaixo, não se sabe porque. Começou então (e não terminou) para a Columbia, como diretor, intérprete e autor do argumento "A dama de Shanghai", apresentando como principal intérprete feminina a própria ex-espôsa, Rita Hayworth. Depois de algum tempo resolveu levar para a tela o grande drama de Shakespeare, "Macbeth", e fez um filme discutido. Rumando para a Europa fez em seguida, na Itália, a película "Cagliostro".

Mas o homem que realizou uma obra clássica do cinema em "Cidadão Kane", o homem que produziu no palco em "Around the World" uma fantasia teatral com ares de coisa genial, este homem, Orson Welles, não é apenas a notável figura do cinema e do teatro. É também um articulista magnífico (famosos são os seus comentários políticos) e um autêntico revolucionário do rádio (suas irradiações baseadas na "Guerra dos Mundos" trouxe na maioria das vezes o pânico entre os ouvintes, tal o realismo da narração). Orson Welles é um gênio.



EDWIGE FEUILLÈRE NA INGLATERRA — A excelente atriz internacional Edwige Feuillère, que tantos filmes de sucesso interpretou na Europa (na França ela teve um dos seus maiores trabalhos, como a "Nastasia" de "O idiota"), realizou uma película na Grã-Bretanha. Título da película: "Woman Hater". Ao lado de Stewart Granger. Na foto acima aparecem, em um descanso de filmagem, a atriz Edwige Feuillère, Terence Young, o diretor da película e os atores coadjuvantes André Thomas e Mary Jerrold. Edwige Feuillère pode ser considerada como uma das mulheres mais belas do cinema. Não é uma juvenzinha, mas possui ainda uma esplêndida beleza



O MAIS RECENTE FILME DE FENELON — Aos leitores da REVISTA DA SEMANA apresentamos uma das cenas do mais recente filme produzido por Moacyr Fenelon (Cine Produções Fenelon). Na foto aparecem Paulo Porto e Rodolfo Mayer em um dos momentos do filme "O homem que passa", película nacional que será brevemente apresentada ao público carioca. "O homem que passa" tem argumento de Pedro Bloch e direção de Moacyr Fenelon. Fotografia de Afrodísio Castro, "camera" de Roberto Mirilli, som de Luis Braga Junior e direção artística de Cajado Filho. Além de Paulo Porto e Rodolfo Mayer, o filme traz nos principais papéis femininos as figuras queridas de Lourdinha Bittencourt e Lúcia Stuart



O DIRETOR E A ESTRELA — Quando de sua mais recente visita ao Brasil, onde veio para ultimar algumas sequências do filme "Vendaval Maravilhoso" (A vida de Castro Alves), o diretor português Leitão de Barros visitou a artista Maria Della Costa, quando a bonita "estrela" trabalhava em "Caminhos do Sul". Foi uma visita cordial, a do diretor português. Tanto

"Vendaval Maravilhoso" como "Caminhos do Sul" serão lançados ainda este ano. "Caminhos do Sul" está pronto, e têm-se apenas que tirar as cópias. Sobre Leitão de Barros e Maria Della Costa podemos informar que o primeiro encontra-se em Portugal, e a "estrela" acaba de fazer uma longa e muito bem sucedida "tourné" teatral pelos Estados do Sul do Brasil...

PANELINHA

Falam, no "Corredor do Veneno", que o sr. Alípio Ramos ficou fortemente impressionado com o material fotográfico da publicidade de "Caminhos do Sul". E que a impressão foi tanta que o sr. Alípio Ramos está realizando o seu "Escrava Isaura" (o sr. Alípio afirma que a sua adaptação cinematográfica da conhecida obra de Bernardo Guimarães resultará em uma das melhores coisas do nosso cinema), de acordo com as fotos de publicidade de "Caminhos do Sul". Cuidado, Fernando de Barros. Sala logo com seu filme... Senão, talvez você ainda chegue a ser considerado um plagiador.

E a história de "Iracema"?... O "diretor" italiano Cardinali, que aqui chegou com tanta fama, meteu um homem honesto e completamente leigo aos negócios de cinema num "fogo dos diabos"... Quando o sr. Ferrari viu que havia caído numa "confusão", tratou de tirar o corpo fora e de arranjar um salvador para os seus novecentos mil cruzeiros que haviam sido enterrados no "Iracema". Mais um capitalista honesto e de boas intenções perdeu o cinema nacional o sr. Ferrari, depois de ver o seu capital ser estragado assim, sem mais nem menos... Um conselho ao sr. Ferrari: a produção cinematográfica no Brasil é um excelente negócio; tente mais uma vez e veja se não temos razão; mas não entregue o seu dinheiro a qualquer aventureiro. Procure gente honesta e que conheça verdadeiramente o ofício.

Errol Flynn foi preso em Londres, em virtude de um equívoco, ao preencher uma fórmula do Serviço de Imigração. Mas foi logo posto em li-

berdade. O diabo é que poucos dias depois perdeu definitivamente a mulher, Nora Eddington Flynn, que requereu divórcio. Dizem que Nora pretende se casar com o cantor Dick Haymes, já divorciado da nova "estrela" Joanne Dru. Que confusão...

A Atlântida orçou em um milhão de cruzeiros o filme "Elza e Helena", que está sendo rodado, sob a direção de Watson Macedo, nos estúdios da rua Visconde do Rio Branco.

A película francesa "Escravas do amor" teve um lançamento superior a 1 milhão de cruzeiros, no Rio de Janeiro.

Depois de ser estudado por vários distribuidores, o filme "Les enfants du paradis", produção francesa dirigida pelo famoso Marcel Carné, calu nas mãos da UCB, que vai lançar o filme em um cinema da Cinelândia. Ora, meus senhores, este é um filme que merece um lançamento espetacular. Difícil, sim, mas é um filme que merece — como "Hamlet", ou "Macbeth", ou "Les visiteurs du soir", ou "Henrique V", ou "O processo", ou "Em qualquer parte da Europa", ou "Sapatinhos vermelhos", ou "Mourning becomes Electra", ou "Oliver Twist", ou "Snake Pit" — melhor consideração da parte dos exibidores.

Olivia de Havilland anunciou que será mãe em agosto.

E por falar nisso, Dorothy McGuire presenteou o marido, John Swope, com uma garotinha.

NAS TELAS

"A VIDA POR UM FIO"

N A semana plena de estréias insignificantes — a boba "Travessuras de Júlia", o sem graça "Malabaristas da vida", os sofríveis "O segredo de Don Juan" e "Tudo por um beijo" — somente podemos destacar "A vida por um fio" como uma película de algum valor. Filme bem realizado, "A vida por um fio" (Sorry, wrong number) vale mais pela direção impecável de Anatole Litvak e pelo bom trabalho de Barbara Stanwyck do que mesmo pela sua história, um insignificante drama radiofônico transposto para a tela dentro de uma confusa fórmula de narração retrospectiva. Mas há no filme Litvak e Barbara Stanwyck, e uma boa fotografia. Burt Lancaster inexpressivo no papel que lhe destacaram. Produção de Hal Wallis. Um filme da Paramount.

O PRIMEIRO "THRILLER"

S EGUNDO afirma o historiador Deems Taylor, o primeiro filme cinematográfico realizado na América do Norte, foi uma produção de W. K. L. Dickson, realizada por Thomas Alva Edison, no ano de 1889. Assim como o primeiro estúdio foi o oficialmente chamado "The Kinetograph Theatre", mais popularmente conhecido como "The Black Maria", e construído também pela Edison Company, em West Orange Nova Jersey, em 1893. Como reminiscência pode-se citar ainda Fred Ott, um comediante que trabalhou para a "Edison Company" em 1893, como o primeiro ator cinematográfico, e como o primeiro beijo no cinema temos o choque entre May Irwin e John C. Rice em "The widow Jones" (1896), o que não deixou de merecer a desaprovação da censura religiosa.

Mas, ainda afirma Deems Taylor, "The great train robbery" (1903) foi evidentemente o primeiro filme que contou uma história, um drama, e como tal pode ser considerado como a primeira película norte-americana. "The great train robbery" foi seguida por outros thrillers semelhantes ("The great bank robbery" e "The bold bank robbery"), todos realizados dentro da velha fórmula do melodrama.



NOVO ROMANCE DE MICHÈLE MORGAN — As revistas francesas falam com insistência em um provável romance entre Michèle Morgan e o jovem ator francês Henri Vidal, que fez o papel de "Rhual" na película italiana "Fabiola". Na foto acima vemos Michèle nos tempos em que a ótima atriz francesa era bem casada com o ator Bill Marshall (um par feliz, não há dúvida!)

A Serra

O sono já havia chegado, após pequena leitura, como de hábito, quando desperto sem motivo. Acordo, e o pensamento, tal como em cinema, longe a princípio, perde-se, para em seguida aparecer bem nítido. Transporte-me a certo ponto que, se me parecera estranho, ao tomar conhecimento, vejo os contornos inconfundíveis de um episódio de minha vida.

Quanta satisfação trouxera aquele momento de sono fugido!

Sem mais nem menos, à semelhança de passe mágico, no escuro do quarto, olhando sem ver, pelo funil improvisado na cobertura — frio intenso — a memória se desloca para bem distante.

A primeira impressão foi confusa, pois a mente, antes de me deixar onde queria, divaga, leva-me a lugares estranhamente pitorescos, em que me enlevo, sonho, até quando me larga, pouso-me em pequena cidade. Apesar do tempo em que me afastara dali, por mais que a vida nos afague por outras terras, jamais esqueceremos o lugar donde saímos para o mundo, porque sempre fica no âmago do coração, ainda que lá passássemos dias de intensa crueza.

Onde não há sofrimento, não pode haver saudade; se os prazeres são fugazes como dinheiro de pobre, a dor se sente, marca-nos na carne, delta raízes: é a vida.

A pequena cidade era a minha cidade, a minha terra. A sobrevoar a terra natal, o pensamento, qual auto-giro, percorre todos os seus cantos, de norte a sul, de leste a oeste. A serra, o pedaço da Mantiqueira, que julgava ser o maior do mundo, lá estava com o seu azul carregado, sempre vigilante, de guarda à povoação que lhe ficava aos pés. Quantas e quantas vezes, ao olhar para ele, via, rompendo as entranhas, fantasmas, espíritos sobrenaturais. Para mim, a Serra do Vintém era o reduto de todas as coisas absurdas que a imaginação infantil pode criar.

Volteio, passo sobre o cemitério, onde lobrigio túmulos tão conhecidos e caros. A paz morava com eles, sem problemas, sem discussões, sem hipocrisia, só com os vermes e com as saudades daqueles que ficaram.

Continuo pela rua do Meio, passo pela casa onde nasci, avanço e desço perto da igreja matriz, na praça, onde tijolos se apinham de todos os modos, em frente de construção que

se vislumbrava enorme. Montões de areia serviam de pista de saltos para a criançada, como também ali se localizam "armadilhas" com que castigávamos os que quisessem invadir território alheio. Sim, porque tudo era separado. O direito de propriedade sempre foi para nós ponto de honra. Cada qual conseguia o pedacinho, o espaço vital pelo esforço, pelo trabalho próprio, pela madrugada feita, antes que algum adventício lograsse possuí-lo.

Desci, como se vê, no centro da cidade, perto do jardim, onde o jardineiro labutava em cuidar das formigas e de suas árvores, ou melhor de descuidar, pois o machado caía implacável sobre as magnólias, cujos ramos serviam para abrigos de nossas brincadeiras de "bandidos".

Para isso, lá estava o cinema, pulguento e de bancos coletivos, com asitas de mocinho: "A vingança da ilha do motoneiro", "O rapto espetacular", "O amigo do alheio" etc.

O material de infiltração chegava em que houvesse a mínima vigilância das autoridades. A censura não uncionava, pois, na época, a maldade, a malícia — parece — ainda não habitavam os corações, mormente os das crianças, que brincavam de "bandido", confessados, prontos para a comunhão do dia seguinte.

Era a associação de Jesus com o "bandido", sem que isso ofendesse Cristo, mas honrasse o outro.

O momento em que desci na praça, possivelmente duas horas da tarde, pois o belo sol de planalto ustigava o nosso couro, ao mesmo tempo em que se refletia nas vidraças descidas das habitações, maçando os olhos de quem para elas olhasse.

Pelo jeito, era feriado, não domingo, porque o mercado não funcionava. Muitas vezes, ao perder a noção de tempo, recorriamos a ele. Se o pessoal da roça trazia os mantimentos, os "capados" em seus cargueiros, podíamos ter a certeza do sábado. Logo, não era sábado, nem tão pouco dia santo, se não houve missa, nem calçamos os sapatos... Foi, portanto, em dia feriado.

Se no céu não havia nuvens, e os pretos da terra convidaram meu pai para ser o orador da festa, evidenciava-se, portanto, o dia 13 de maio.

Em dia assim, após o almoço, eu e mais alguns garotos, fomos pes-



CONTO DE CLOVIS BUENO DE PAIVA



Oswaldo da Cunha

café no ribeirão que corre bem próximo da cidade, quando, na volta, encontramos a turma a brincar de "bandido" sob as vistas do juiz de Direito, cuja residência ficava, como toda pessoa importante, em frente à igreja. Homem austero, digno, foi até meu professor. Se ele soubesse quanto o admirava pela sua envergadura moral, talvez não me houvesse chamado a atenção terroristamente, quando, certa vez, lhe tirei o chapéu da cabeça com um infeliz chute.

Juntamo-nos ao bloco, aderindo à "quadrilha". Linhas telefônicas se estendem por toda uma quadra, até quanto bastasse ao carretel de linha. Nas extremidades do fio, à guisa de aparelho, colocamos caixas de fósforos. Aptos, enfim, para a ação, escalados o mocinho e os bandidos, a "festa" começava. Sempre achei esquisito não haver "mocinha"; mas as circunstâncias impediam tal empreendimento, apesar de que a emoção de ver o bandido prêso, o material de briga usado, a correria, o cerco à cidadela, tudo nos consolava da falta da heroína.

Nem sempre a eleição do "mocinho" dava certo. Todos queriam sê-lo. Ora prevalecia a idade, ora o físico, ora a posição social do indivíduo.

Como hoje, a posição influia nos vereditos, de modo a prevalecer a lei do mais forte, muito embora o espírito democrático não fosse ainda tão decantado.

Acontece que, naquele dia de sol quente e de brisa suave, nem a brisa, nem a suavidade dela conseguiram impedir-me de perturbar a eleição. O outro poderia ser mais importante, o pai doutor, mas eu estava com a cachola imbuída de "reivindicações" e protestei: não, desta vez a história vai ser diferente. Abaixo a tirania. Todos são iguais perante a lei. Está escrito no livro.

Antes que alguém levantasse a candidatura de outro, apressei-me a trazer à pugna um "tertius", apesar de estar em foco apenas um candidato. Ninguém suspeitava que eu o era, embora latente. Trabalhei como certos políticos, quando o seu nome não é lembrado e se julga com o direito de prioridade, pelos grandes serviços prestados ao partido. Sempre o partido, antes da Pátria.

Levantei a candidatura do filho do João Foguetiro, atirando, assim, o grupo em verdadeira "luta de classe". Se não posso ser o "mocinho", o "granfa", também não o será!

Mera coincidência com os costumes atuais, em que os destinos do povo ficam à mercê das indisposições de grupos.

Houve o pânico. A maioria fica

do outro lado. Permanecemos quatro. A sorte estava lançada. Perderíamos a eleição. O poder influindo no espírito vacilante do eleitorado. Que fazer, então? Provocaríamos o brio do adversário, conclamando-o a mais dignidade (não ser "chaleira"), mais vergonha. O "granfa" perde terreno, pois a reação psicológica não demorou. Propõe-nos resolver a pendência por meio de luta, entre ele e o cabeça do levante. A desigualdade é manifesta. Ele, forte, gordo, corado, bem nutrido. O outro, embora não fraco, a magreza provocava a possibilidade de derrota certa. Aceito o desafio, separam-se os contendores.

A assistência, em redor, freme de expectativa. No "estádio" livre do largo da matriz, o espetáculo se fazia gratuito, afastando, desta forma, a voracidade dos agentes fiscais.

E' hora de começar. Não há palhaço, ou melhor, eu estava ali. Momento de emoção. O adversário tira o paletó. Ingenuamente, faço o mesmo e a gargalhada se espalha pelo tempo.

Senti a primeira humilhação como "líder". Não possuía "força física", mas deviam respeitar a "força moral" do agitador.

Joguei o paletó com raiva para o lado, quando o outro risca um traço no chão e diz: "se você for homem, a travesse este risco!". Sabia-me criança, ainda não homem feito. De calças curtas, a tremer de medo e certo da vergonha do fracasso.

Antes de atravessar a linha, como recurso, falei: você está levando vantagem porque bebeu água. Ele, com superioridade, piedosamente, deixa que eu vá saciar a sede.

Não fugi; voltei. A postos, frente a frente, na luta pela hegemonia. Ele, em posição de "boxeur".

Passo a mão pela testa e atiro-me às suas pernas com o intuito de "beijarmos" a poeira, pois no chão a história podia ser diferente.

Estávamos encarniçadamente agarrados, ainda em começo, sem sinal de vitória, quando a voz esganiçada e sem educação de dona Joana berra: "Geraldo, Geraldo! Que é isso? Onde já se viu um menino direito, de sociedade, brigando com qualquer? Essas pestes, filhos sem dono, a corromper a inocência do meu Geraldinho"...

Lá se foram, mãe e filho.

Graças à intromissão intempestiva e providencial de dona Joana, com toda pöse e antipatia, pude livrar-me de uma espetacular surra, que os anais da petizada jamais registrariam.

ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO DA CUNHA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



O casamento de Fátima com D. João realizou-se na mais estrita intimidade familiar, em Sintra, Portugal, na Quinta dos Anjinhos, de propriedade do Conde de Paris, cunhado do noivo

FÁTIMA, A NOVA PRINCESA BRASILEIRA

TEXTO DE MARIA VESENTINI



FOTOS DE ARNALDO VIEIRA



Dona Fátima é agora a princesa de Orleans e Bragança. Logo após o casamento, ao lado do seu esposo, que está em uniforme de gala

NO dia 29 do mês passado a bordo do vapor inglês "Andes", aportavam à nossa cidade o príncipe D. João de Orleans e Bragança, com sua esposa, a princesa egípcia Dona Fátima.

A imprensa acorreu-lhes ao desembarque, com um verdadeiro exército de repórteres, fotógrafos e jornalistas, para ouvir-lhes as primeiras declarações. Realmente, essa aliança tornou-se um acontecimento de palpitante interesse universal: pela primeira vez na história dos consórcios dinásticos, um príncipe cristão despôs uma princesa muçulmana. Depois, tratava-se de um casamento de amor. E a atmosfera de romance, que o envolvera, despertou a simpatia e a atenção do mundo para ele.

Estivemos no cais. Mas desejávamos uma reportagem individual, que não se revestisse de impressões fugidias, como soe acontecer às entrevistas coletivas e superficiais. Fotografamos alguns flagrantes da chegada.

Iniciamos assim nossa entrevista no Palácio Grão Pará, residência oficial da família Orleans e Bragança, em Petrópolis, para onde os príncipes se dirigiram de automóvel, após o desembarque. Nenhuma outra cidade, mais do que Petrópolis com a atmosfera enternecedora de sua natureza, com a espiritualidade tocante que se desprende de um passado ainda vivo na sua fisionomia original e romântica poderia dar à princesa uma impressão tão sentimental do nosso país, um clima tão favorável à grande paixão amorosa dos consortes.

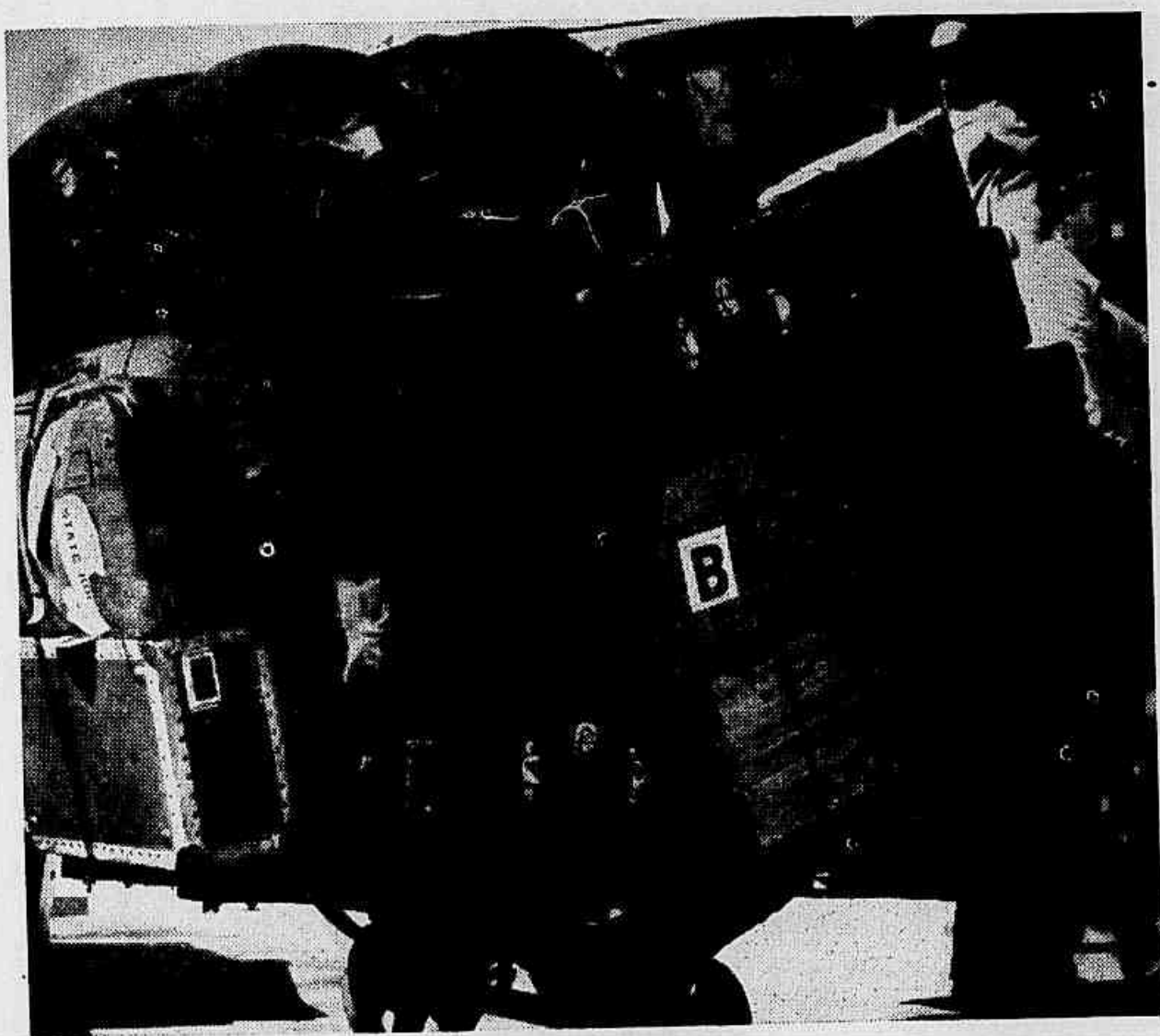
D. João marcou-nos a entrevista para às 11 da manhã. Mas o frio enregelava a cidade e a geada da noite tornara o ar cortante. A alcova do Palácio Grão Pará, era muito mais resguardada que seu vestibulo de mo-



Mãos entrelaçadas, simbolizando o amor, a mais bela conquista da civilização. No homem primitivo era apenas instinto



Ainda a bordo o príncipe dá expansão ao seu temperamento jovial, saudando amigos que esperavam o jovem par em terras brasileiras



A bagagem dos príncipes deu motivo a êste flagrante. A curiosidade da reporter não foi pequena, embora seja verdade que, para um casal de príncipes, não se trata de bagagem volumosa



D. João, logo após deixar o navio, sorri, contente da grande conquista que vinha de fazer. E à direita, a primeira fotografia da princesa ao pisar território do Brasil





As arcadas do Palácio Grão-Pará devem evocar à princesa a arquitetura mourisca que deixou na Ibéria, verdadeiros palácios mágicos, como o Alhambra, de Granada



A princesa Fátima, discreta, educada, distinta, é, sem prejuízo desses atributos, uma mulher moderna

saico, onde o esperávamos. Uma criada veio pedir que voltássemos ao meio dia. E assim aconteceu.

Havi-amos preparado algumas frases para felicitar. Suas Altezas, frases em que a retórica aliviava-se à timidez com que a repórter esperava os príncipes. E rememorava-as persistentemente quando, sem se fazerem anunciar, D. João e Fátima estavam ao nosso lado, com a encantadora simplicidade de duas crianças felizes: ele, desculpando-se pela demora e esfregando as mãos devido ao frio; ela, sorrindo jovialmente, procurando agradecer às nossas felicitações. Nesse momento compreendemos que a princesa encontrara no Brasil uma segunda pátria e a razão da sua grande popularidade entre nós. Basta falar-lhe uma vez para considerá-la tão brasileira como qualquer uma de nossas patricias.

E, de uma elegância discreta e de uma sonhadora ternura fisionômica. A suavidade da voz, a afabilidade e a bonomia com que se dirige às pessoas, talvez ins-



A alcova dos príncipes, no Palácio Grão-Pará. D. João retirou uma jarra de orquídeas da penteadeira, para colocá-la junto ao leito. — "O retrato ficará mais bonito" — disse



D. João serve de intérprete à princesa no Palácio Grão Pará, durante o nosso primeiro encontro



A princesa Fátima dedica uma fotografia à reporter. O retrato sobre a escrivaninha é de D. João. "Do tempo em que eu era tenente" — exclama

pirassem a Castro Alves um poema imortal sobre a romântica sentimentalidade da mulher. Ninguém mais democrata e acessível do que essa filha dos faraós, afeita a uma Corte onde a autoridade política, aliando-se ainda à religiosa, confere ao soberano uma auréola de supersticiosa pre-destinação na História.

Fisicamente, a princesa não é também de um tipo oriental característico. Alta e esbelta, flexível como um junco, de cabelos castanhos e pele de um claro rosado, é uma mulher verdadeiramente bela. Apesar de observável com insistência, não lhe sabemos definir a cor dos olhos. Verde; claro amarelado, ou ambos as tonalidades? O desenho das sobrancelhas é de um surpreendente efeito.

D. João e Fátima formam um casal perfeito, tal a afinidade que existe entre ambos. Domina-os uma jovialidade comunicativa, uma alegria e um bom humor permanentes. Espíritos esclarecidos e liberais, gostam das viagens, das aventuras e dos esportes. Além da Europa, Dona Fátima conhece a Turquia, a Palestina, a Síria, a Arábia Seodita e todo o vale do Nilo. Dedica-se a vários esportes como o "golf", a equitação e é exímia nadadora. Ganhou, no Cairo, vários concursos de natação. Também, tem muita facilidade para o estudo de idiomas. Já compreende perfeitamente o português, embora não o fale.

— A Princesa nunca estudou português a não ser comigo — disse D. João com certo orgulho. "Tem muita facilidade para línguas: Aprendeu o português somente lendo jornais e revistas e ouvindo-me falar. Agora, vamos arranjar um professor de português para ela".

Além do árabe, Dona Fátima fala fluentemente o francês e o inglês. — Gosto mais de falar o francês pois de todos os países da Europa que conheço, gosto mais da França — declarou a princesa.

A repórter pediu-lhe suas primeiras impressões sobre o Brasil e foi com verdadeira ternura que ela se expressou:

— E. o mais belo país do mundo e o seu povo o mais hospitaleiro e cordial.

E, quando lhe comuniquei que muitas moças e senhoras, não só da nossa sociedade, como da província, haviam-me pedido que lhes arranjassem uma fotografia sua, não só Dona Fátima, como D. João, ficaram profundamente comovidos com as demonstrações de carinho do nosso povo — "Logo que tenhamos as fotografias, daremos com muito prazer. Estamos sensibilizados com essa prova de estima".

Dona Fátima tem uma vida frugal e simples. Pela manhã, toma apenas um cafézinho. Não tem predileção por nenhum prato, mesmo oriental. A respeito da alimentação de sua esposa, o príncipe enveredou por um remoto período da história sarracena:

— A cozinha egípcia não difere muito da nossa, por ter um cunho essencialmente árabe. Quando os mouros ocuparam a península ibérica, levaram para lá as hortaliças que cultivamos aqui. E como a civilização mourisca marcou-se profundamente durante os oito séculos em que dominou a península era natural que os portugueses trouxessem para o Brasil muitos de seus costumes e de sua maneira de viver.

Depois, a princesa deu algumas impressões sobre a vida atual da mulher egípcia e sua atitude espiritual diante da civilização ocidental: — A vida da mulher egípcia na sociedade é um misto de oriental, no que diz respeito às tradições de família, e de ocidental, quanto às relações com os demais contactos da vida. A mulher é, no Egito, uma fiel guardiã dos bons costumes do lar, da hospitalidade, das tradições de educação dos filhos e do respeito à vida familiar, no que esta vida tem de mais sublime e sagrado. Ao mesmo tempo, aproveita o que de mais belo e prático o Ocidente apresenta. O conceito matrimonial é regido, da mesma forma, por estas duas influências. Entretanto, o Oriente Médio tem mais preponderância neste setor, pelas antiquíssimas tradições do mundo árabe e da velha Turquia.

A identificação da mulher egípcia com o espírito ocidental é completa, por terem as mulheres da sociedade egípcia cursado escolas européias e feito demoradas visitas à França Suíça e Inglaterra — continuou a princesa. E pela cultura européia que, sob a forma de livros, teatros, conferências, modas e turismo, mantém o Cairo ao par do movimento artístico, social e científico de toda a Europa.

— Quais as suas preferências culturais? — perguntei em seguida.

— Tenho muitos autores prediletos, entre eles, Balsac. Entretanto, não me limito a determinado gênero de leitura, como não posso apreciar um único autor. Em geral, é difícil ter-se um autor favorito, uma vez que a leitura depende muito do nosso estado espiritual ou emotivo e do momento em que vivemos. Quanto à música, gosto da música em geral, embora não toque nenhum instrumento, nem mesmo piano. Nunca deixo de ouvir concertos quando posso. Tenho profunda memória musical. A arte lírica proporciona-me também um grande prazer espiritual, principalmente as óperas Tosca e Aida.

Oratório colonial do Primeiro Reinado, a um canto do dormitório. Nele, S. Cosme e S. Damião velam o sono dos príncipes, que parecem invocar a sua proteção





Quanto aos presentes de núpcias (sério problema para príncipes e plebeus) os nubentes caíram no lugar comum: ela deu ao príncipe uma cigarreira; ele deu à noiva a jóia descrita no texto

Os príncipes vão fixar residência na praia do Flamengo, mas tencionam passar o verão na cidade serrana.

— Não receio passar o verão no Rio, devido ao calor — disse Fátima. "Estou habituada. O Cairo é muito mais quente, sendo que a canícula é ainda agravada pela escassez das chuvas".

★

Os príncipes vão residir provisoriamente em Santa Teresa, onde deixaram grande parte de suas bagagens, razão porque não conseguimos terminar a reportagem no Palácio Grão Pará.

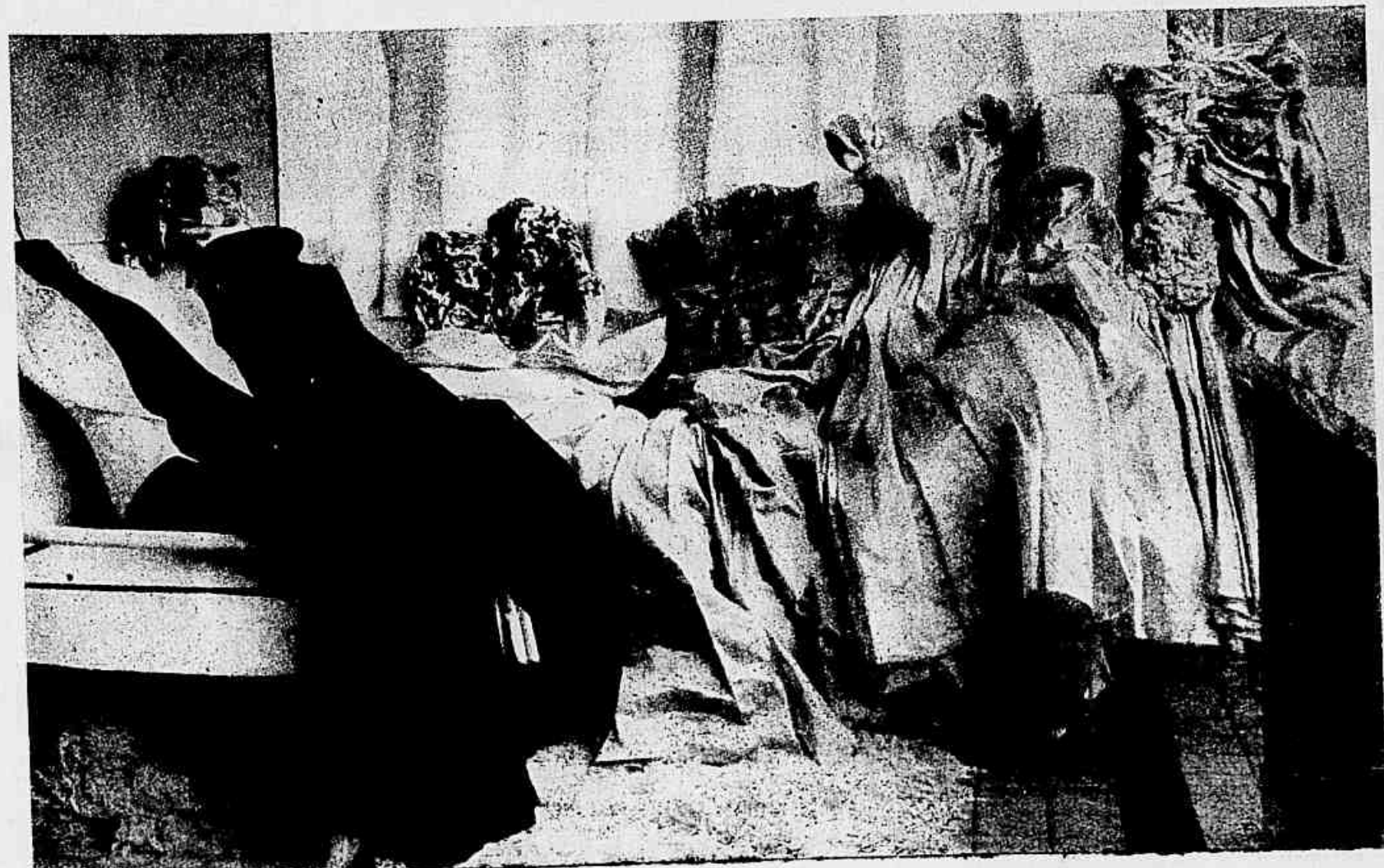
Dias depois, D. João recebia-nos em Santa Teresa. Dirigiemo-nos à residência Monteiro Carvalho — onde os príncipes estão hospedados — verdadeira mansão senhorial edificada num terreno alcantilado e abrigada por um parque-jardim, nobre e suave como os velhos parques da Inglaterra. Os principais ocupam um pavilhão particular, independente da casa, a cavaleiro da montanha. Chegase até lá através de longas, estreitas e íngremes veredas asfaltadas. Cães de puro sangue impedem muitas vezes a marcha do automóvel. Uma piscina em azulejo azul completa o lirismo pastoril do ambiente.

Decorado com o sóbrio esplendor da arte moderna, o pavilhão pode rivalizar, em elegância e senso artístico, com os mais luxuosos interiores de qualquer nação. Chamou-nos a atenção magnífica corbelia de orquídeas — as flores prediletas da princesa.

Não pudemos completar a reportagem como a delineamos, uma vez que a princesa não trouxe do Egito suas fotografias de infância e nem apresentar seus presentes de casamento e seu enxoval aos nossos leitores, porque ainda estão encaixotados. Ela não desfará as bagagens enquanto não estiver no seu apartamento. Quanto a fotografar as jóias da esposa, D. João recusou se terminantemente. Foi também com certo constrangimento que Dona Fátima nos apresentou alguns de seus vestidos. E' modesta como seu esposo.

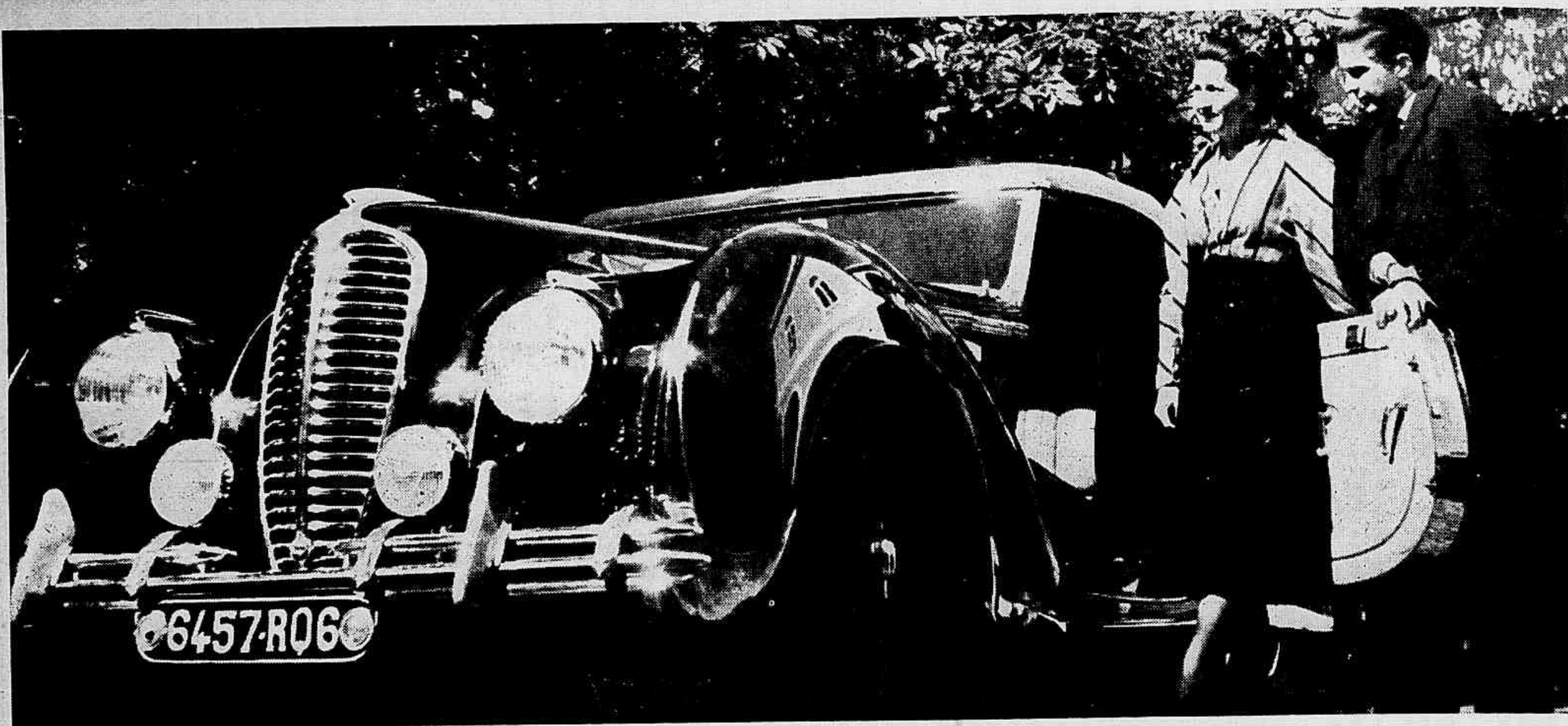
Uma criada vem servir-nos o segundo cafézinho pois

Alguns vestidos de noite do suntuoso guarda-roupa da princesa. Quase todos de cetim, com motivos de lan-tejoulas. São de Paris, como todo o seu enxoval



Vestido de casamento. Crepe cinza, bordado a pérolas da mesma tonalidade. Criação do costureiro parisiense Pierre Balmain. Para satisfazer a curiosidade das leitoras, apresentamo-lo pelas costas. E' de linhas lisas, muito colante. Quando vestido forma um drapeado original





Este belo carro "Delahaye", recente modelo francês, veio a bordo com o jovem casal



A reporter, a princesa e o príncipe, vendo-se, ao longe, a imagem do Redentor. Ela sorri, sob as bênçãos da nova religião

beu em sonhos. Não é por simples curiosidade turística que deseja conhecer todo o nosso país e comove-se até às lágrimas diante das paisagens magníficas de nossa cidade.

★

A princesa Dona Fátima de Orleans e Bragança nasceu a 19 de março de 1923, no Cairo. Sua árvore genealógica remonta a épocas afastadas. É filha de Ismael Chirine Bey e Aisha Chirine, da velha família dos Chirine, cuja origem monta ao irmão de Gengis Khan, general dos exércitos do conquistador. Foi apelidado Chirine, que significa o "Simpático". Da Circassia, os Chirine passaram pela Turquia e vieram se estabelecer no Egito.

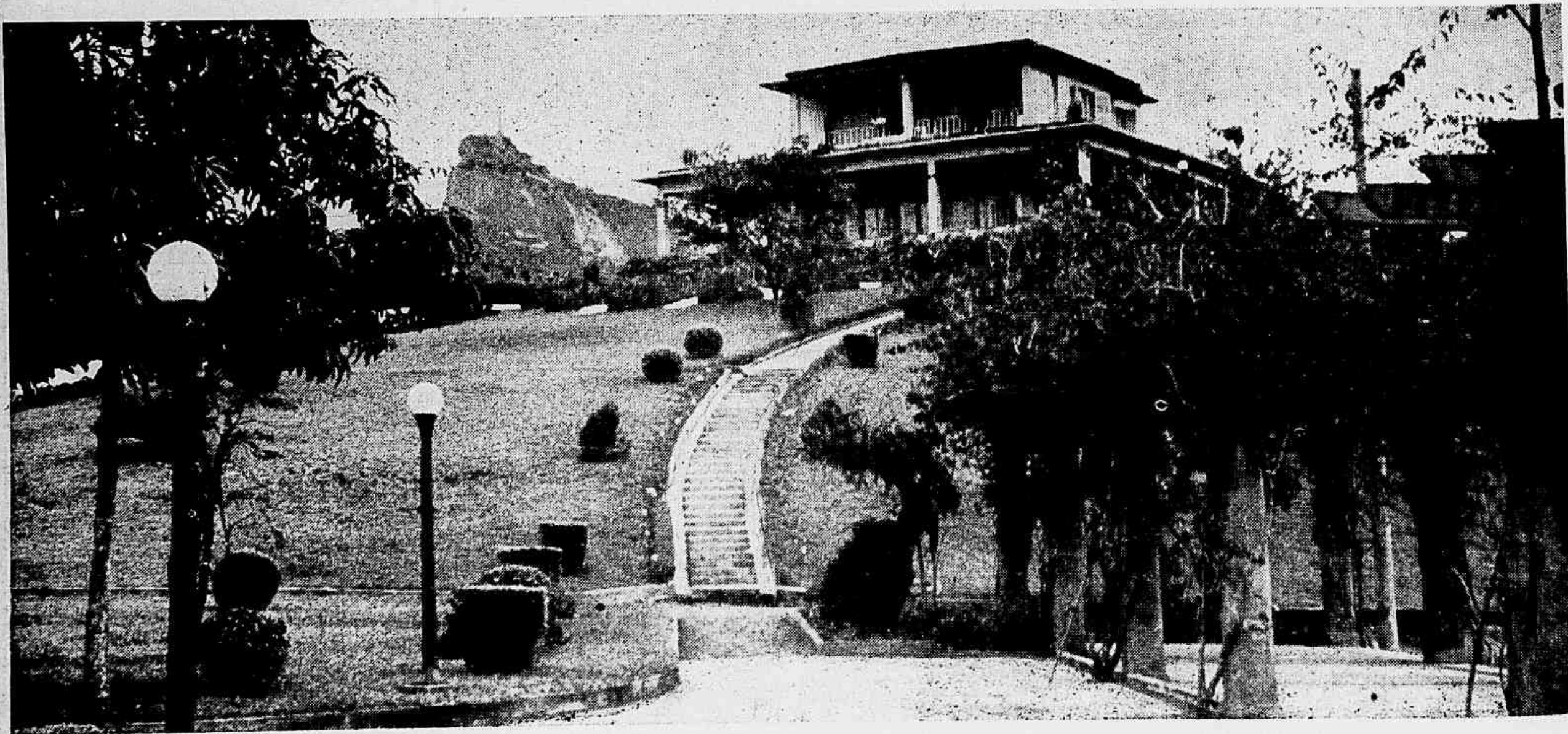
Em 1940, Fatima desposou, em primeiras núpcias, o príncipe Hassan Toussoun, primo do rei Farouk, atual soberano do Egito. Hassan veio a falecer de um acidente de automóvel na França, em 1946. Dêsse matrimônio, a princesa teve uma filhinha, atualmente com 6 anos de idade, a princesa Melekper — nome de origem persa que significa "Doce como um anjo", que está com a avó materna em Alexandria, onde a princesa Fátima tem a sua residência. Mais tarde, virá residir com a mãe no Brasil.

Dona Fátima estudou em cursos particulares, no Cairo, tendo então adquirido educação francesa e inglesa, ao lado da cultura árabe e das tradições do Oriente Médio.

D. João nasceu a 15 de outubro de 1916 no exílio, em Paris. Depois da revogação da lei em 1921, que bania a família imperial, veio ligeiramente ao Brasil, terminando, porém, seus estudos na França.

É filho do príncipe D. Pedro, príncipe do Grão Pará, e da princesa Elizabeth; neto da princesa Isabel e do conde D'Eu, príncipe de Orleans; bisneto de D. Pedro II e duque de Nemour, príncipe de Orleans; e tetranelo de D. Pedro I e rei Luiz Filipe.

Ingressou na Aviação Naval em 1937, onde se integrou definitivamente. Serviu como instrutor na escola do Campo dos Afonsos. Foi duas vezes aos Estados Unidos em serviço. Comandou, durante a guerra, um Catalina na base da Bahia, na luta anti-submarina e proteção dos comboios. Ingressou, com licença de três anos, na Panair do Brasil, como assistente do Presidente da Companhia. Viajou muito a serviço na Europa e Oriente, tendo ido três vezes ao Cairo, onde conheceu a princesa Fátima. Já percorreu quase todo o Brasil nos serviços do Correio Aéreo Nacional. Continuará a servir o Brasil na Aviação Comercial e na Aviação Militar.



A bela residência Monteiro de Carvalho, em Santa Teresa, onde os príncipes estão passando uma temporada, enquanto fica pronto o apartamento em que vão residir

O Rio de Janeiro é, decerto, uma das mais
belas molduras que um jovem casal de príncipes
pode escolher para um flagrante de lua de mel.





PARA OS DIAS

Frios

PARA o ameno inverno carioca, aqui estão exibidos alguns sugestivos modelos em casacos, últimas criações dos costureiros de Paris. Ao alto, temos: Casaco em lã bege. Gola ampla, mangas muito largas, botões grandes. Criação de Bruyère. De Jacques Fath em cinza claro. Abotoado de alto à baixo. Em baixo: à esquerda, elegantíssimo casaco em grossa lã verde bem claro, bastante amplo, bolsos "Kanguru". Modelo de Christian Dior; à direita, casaco em lã bege, quarnecido com lontra negra nos bolsos, gola e na parte posterior da saia, cintura bem justa; botões forrados do mesmo tecido do casaco.





JEANNE Lanvin, Schiaparelli, Halman, são os responsáveis por estes modelos verdadeiramente maravilhosos criados para as belas noites da presente estação. O tafetá, o "tulle", o jersey de seda, são ainda os tecidos preferidos. Quanto às cores, há ainda o predomínio do preto e do branco, algumas vezes combinados entre si, notando-se ainda outras tonalidades suaves, algumas vezes contrastando com cores mais fortes.

NOITE

Elegantes



A GATA E OTÁVIO GALLI

CONTO DE IDA LEHNER

A moça alta e magra galgou a meia dúzia de degraus da escada e pentrou no saguão do hotel.

Otávio Galli teve um sobressalto, mas depressa verificou o engano. Não, não podia ser ela. Vestia com displicência um casaco cinza e tinha sapatos meio cambalios.

— Falha à descrição de Helena. Não pode ser essa. O que não confessaria nem a si mesmo era que essa moça, agora em conversa com um empregado do hotel, fugia à idéia que tinha formado desde duas semanas atrás.

Helena, meiga e perfumada, lhe falara de gestos bruscos e atrevidos e no entanto a moça do casaco cinza parecia antes incerta e deslocada. Enquanto a examinava atentamente, ela virou-se para Otávio Galli, pareceu satisfeita com a informação do empregado e, mal esboçando um sorriso irônico, dirigiu-se a passos largos para o local em que estava sentado.

— Então é o senhor?... Otávio Galli, marido de d. Helena? Creio que o rapaz ainda não a conhece. Como custou a dizer quem era o senhor!... Sou a costureira de d. Helena.

— Sei. Vi-a entrar mas não a conheci. Esperava...

— Outra pessoa? Que eu fosse diferente? — E de repente, compreendendo, soltou uma risada. — Ah, esperava que eu viesse de vestido verde? D. Helena me descreveu bem, naturalmente. — E exclamou, como que para si — Adoro o verde.

— Por sugestão de seus olhos — pensou Otávio, e logo sentiu uma espécie de desprezo pelo ar de intimidade que ela tomava. Enganara-se outra vez. A moça nada tinha de incerta. Nem tinha nada de bonita. Sobressaltara-se à toa, na espreita de um perigo imaginário e fôra falso o pressentimento de uma nova aventura. Melhor. Helena era boa de mais para merecer a infidelidade do marido.

— Bem, quer me apresentar a conta?

Enquanto ela abria a carteira de couro preto, Otávio notou-lhe o fecho enferrujado.

— São dois mil e quinhentos cruziros.

Observou suas mãos, enquanto ela lhe entregava o papel. Eram finas e pálidas e roçaram de leve os dedos dele.

A moça encarou-o fixamente:

— D. Helena lhe falou?

— Decerto.

Otávio Galli pagou a conta e ficou sem saber se devia estender-lhe a mão. Por fim resolveu e antes não o tivesse feito. Os olhos verdes pestanejaram e eles sentiram no contacto, ou pelo menos Otávio o presumiu, o nascimento de uma potência desconhecida para ambos.

Quando ela se foi, voltou à cadeira em que estivera sentado antes de sua vinda. Fôra ali, a uns cinco metros, que ela estivera consultando o empregado do hotel, sem que notasse sua presença. Magra, alta, o tipo de mulher que jamais sua imaginação criara para envolver num caso amoroso. Parecia ver-lhe ainda, apesar da ausência irremediável, as pernas, os sapatos cambalios, o cabelo mal cuidado escorregando sem brilho sobre a lá sem brilho do casaco cinza. E já se fôra tudo isso, apenas dois minutos prosaicos de compra e venda, sem que nenhum dos dois se pudesse lembrar da mercadoria em questão.

Helena é que lhe aguçara a curiosidade, desde quinze dias antes,

quando anunciara sua visita ao interior, com uma longa e estafante viagem.

— E' atraente de mais. Como costureira, uma fada. Como mulher, um verdadeiro demônio. Você a reconhecerá num segundo. E' esguia como um bambu, alta, e só usa — ou pelo menos só a tenho visto assim — vestidos de cor verde. E' incrível, meu caro. Um periquito não é mais conservador. Uma gata — eis a descrição ideal.

Helena falara depois de Ondina, a irmã doente. Uma aurora que não chegaria a dia, pobrezinha. A viagem era inadiável. Otávio teria de liquidar algumas continhas atrasadas. A costureira viria ao hotel, em dia determinado, poupando-lhe assim o desprazer de procurá-la.

No dia seguinte, Helena, sem o perceber, lhe deu novas informações. As malas já estavam feitas e sua boca, que o baton retocava com esmero, não cessava de mover-se.

— Não é que ela gesticule, é até comedido nesse ponto. Mas cada pôse que faz parece carregada de atrevimento. Você verá.

E ele tinha visto. Ali, no saguão antigo, onde samambaias sugeriam a cor que "ela" preferia.

Otávio Galli afastou êsses pensamentos quando se ergueu da cadeira. Despojou-se da vestimenta demasiado pesada de reflexões e quando entrou no quarto vazio estava mais leve.

Hora a hora, nos dias que se seguiram, a lembrança fugia para mais longe. Talvez agora já estivesse mais distante que a própria presença de Helena. Cinco dias depois não conseguiria, mesmo que quisesse, desenhar para si o esboço daquela figura, tão apagados já estavam os traços.

Tudo teria ficado nessa decepção pouco profunda se certa manhã — de um sol agudo de dezembro — a correspondência não lhe tivesse trazido um envelope comercial subscrito com tinta verde. Houve só um movimento de espanto. No segundo seguinte, Otávio já estava dominado por uma certeza absurda. A carta era dela. Seu pensamento pôs asas: "Dela".

Rasgou o envelope e um bilhete trouxe a confirmação:

"Sr. Otávio Galli.

Espre-me dia 18 no mesmo lugar de outro dia, para conversarmos sobre um assunto do seu interesse."

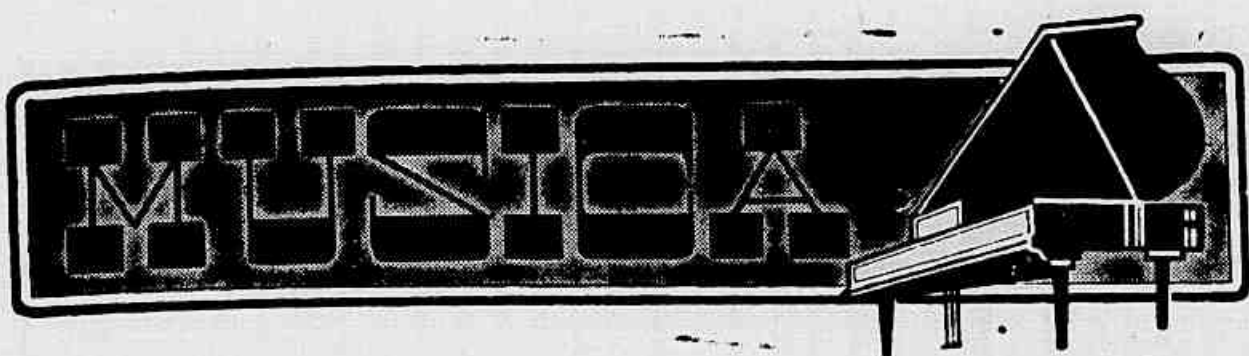
Seguia-se a assinatura, escrita de modo irregular. Otávio não compreendia a grafia errada de seu nome. Ela teria esquecido? Mas não conhecia Helena havia tanto tempo? Além disso, irritava-o a ordem contida nas palavras dela. Não um pedido, nem as palavras que teria desejado, gravadas no papel. Lábios, por mais belos que fossem, tornarse-iam duros ao proferi-las.

Onde Helena teria ido buscar essa mulher? Procurou reconstituí-la, como fizera com Helena nas ausências havidas durante seu breve noivado. Helena era linda, traços fáceis de guardar. Mas, da costureira da esposa, Otávio só podia lembrar um rosto impreciso em que não havia beleza, os olhos verdes, os cabelos despenteados.

Essa impossibilidade irritou-o ainda mais. O fim do dia, quando deixou o escritório, viu um véu de bruma desmanchando-se sobre a rua. As luzes já se acendiam, em festas de gás neon. Ao passar por uma vitrina Otávio Galli se viu deslumbrado com uma disposição original de lanternas de várias cores. Parou.

(Continua na pág. 46)

ILUSTRAÇÃO DE SIBILLA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



**MARIA SÁ EARP ★ CULTURA ARTÍSTICA ★
CRÍTICA E SUGESTÃO ★ MIÉCIO HORZOWSKI**

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)



MARIA SÁ EARP, que, depois de vencer na arte lírica, conquistou grande sucesso na música de câmara

O aparecimento de Maria Sá Earp em um concerto oferecido pela Cultura Artística constituiu excelente oportunidade para que o público carioca admirasse as qualidades de intérprete da eminente cantora, na música de câmara. A carreira de Maria Sá Earp representa uma vitória da persistência, da confiança no estudo, na aquisição de boa escola. Seus dons naturais se desenvolveram cada vez mais, comandados pela sensibilidade e pela cultura e submetidos aos árduos esforços indispensáveis para a conquista dos segredos técnicos da arte.

Triunfando no teatro lírico, e já demonstrando ali, no perfeito acabamento de suas criações dramáticas, a sutileza do seu discernimento artístico, agora, em gênero que exige recursos vocais mais requintados e mais ricos — a música de câmara — Maria Sá Earp, em magnífico recital, demonstrou, mais uma vez, que é cantora perfeitamente aparelhada para enfrentar as interpretações mais difíceis, captando e transmitindo a beleza delicada das obras que figuravam em programa composto com bom gosto e seguro critério.

CULTURA ARTÍSTICA

Apresentando Maria Sá Earp, a Cultura Artística conseguiu um sucesso excepcional, desses que se vêm tornando raros nas atividades da associação, hoje em período de decadência. Recitais como este, que comentamos, fazem lembrar os tempos da velha Cultura.

Sempre foi um dos principais inconvenientes para os sócios da Cultura Artística o péssimo sistema de não marcar localidades: conforme a sua disposição para chegar cedo, privando-se do jantar, e lançar-se numa corrida, quando abrem os portões, em verdadeira competição... atlética para a conquista de uma poltrona, o sócio, em dia com suas contribuições, sen-

tar-se-á, segundo as circunstâncias, num ponto indeterminado, nas poltronas, nos balcões nobres, nas galerias, etc. É um salve-se quem puder, um agarre-o-seu-lugar nos quais, com sacrifício da compostura aos empurrões, correm todos, ofegantes, para a defesa das melhores posições. O espetáculo desse avanço é tão pitoresco que um dos porteiros, ao abrir a passagem, costuma exclamar:

— Lá vem o estouro da boiada!

CRÍTICA E SOLUÇÃO

Sempre foi assim e creio, mesmo, que os membros da sociedade já devem estar habituados a fazer esse sacrifício, mas o fato que nada justifica é a negligência que, atualmente, se observa. O número de pessoas que ingressa no teatro é, em geral, maior do que o número de localidades. Só se pode atribuir isso a duas causas: ou a direção da Cultura distribui ingressos demais, ou há um número grande de "penetras", que aproveitam a confusão, à porta, para entrar. Em qualquer das duas hipóteses, é uma negligência que deve ser corrigida.

Parece-nos, porém, que o melhor método seria reformar a Cultura, dando-lhe organização semelhante à da Orquestra Sinfônica Brasileira, que tem sócios para localidades determinadas: poltronas, balcões, galerias, etc. E, como se exige a apresentação do bilhete também dentro do teatro, às portas que dão acesso ao recinto, não basta que os "penetras" passem pelos portões, pois há fiscalização interna.

Bem sei que a situação dos "penetras" deve ser encarada com certa benevolência. Trata-se, em geral, de gente moça, que, não dispondo de recursos para a aquisição de ingressos, se submete ao perigo de um vexame, para satisfazer um interesse respeitável pela arte. Mas o que se pode sugerir, no caso, é a distribuição gratuita de certo número de entradas, ou a criação de espetáculos populares, nunca o sacrifício dos que pagaram, às vezes gastando suas economias para satisfazer idênticos pendores artísticos, e, na hora, se vêm relegados para os lugares mais incômodos, enquanto outros, mais ágeis, porém, menos escrupulosos, tomam assento nas poltronas.

MIÉCIO HORZOWSKI

Prosseguindo na série de concertos destinados a comemorar o centenário de Chopin, o empresário Viggiani apresentou Miécio Horzowski.

Depois de Gulda, Malcuzinsky e Magdalena Tagliaferro, tivemos esse excelente pianista que, em dois recitais, renovou sucessos anteriores, em aplaudidas execuções de obras do compositor polonês.

A arte fina de Miécio Horzowski se dirige à sensibilidade do público, com tal vigor e sereno domínio da técnica que a obra de Chopin ganha vida e calor, no jôgo seguro das sonoridades, dando uma impressão de maturidade a arte do pianista, pelo aproveitamento dos recursos virtuosísticos para interpretações governadas por uma sensibilidade vigilante.

Mulher, LENDA E PERFUME



Rosa "Michiganensis", variedade raríssima, originária do Oriente

CONSÔLO SUPREMO

IGNEZ MARIZ

Foi Auta de Sousa a mais sensível poetisa do Nordeste brasileiro, e talvez de todo o país.

Nasceu em Macaíba, cidadezinha do Rio Grande do Norte, a 12 de setembro de 1876. Educou-se num colégio de religiosas francesas, em Pernambuco, e faleceu a 7 de fevereiro de 1901, na capital do seu Estado, contando apenas 25 anos de idade. "Uma biografia simples como os seus versos e o seu coração..."

Temperamento artístico apurado pelos sofrimentos físicos e morais, eis os versos primorosos que escreveu, como incentivo aqueles que se deixam levar pela tristeza e o desalento:

1
"Os tristes dizem que a vida
É feita de dissabores
E a alma verga abatida
Ao peso das grandes dores

2
Se há noites frias, escuras,
Também há noites formosas;
Há risos nas amarguras,
Entre espinhos nascem rosas.

3
Rosas do sangue adorado
— Fonte de graça e de Fé —
Brotando do rosto amado
Do filho de Nazaré

4
Enquanto vires estrelas
Do céu no imenso sacrário
Na terra flores singelas
E uma Cruz sobre o Calvário;

5
Não digas que à luz vieste
Para chorar e sofrer,
E como a plantinha agreste
Sonhar um dia e... morrer...

6
Não acredito que seja
Assim como dizem, não...
Al daquele que deseja
Viver sem uma ilusão!

7
E rosas também cobriram
O lenho santo da Cruz
Quando os espinhos cingiram
A cabeça de Jesus.

8
O alma triste, chorosa
Como uma dália no inverno,
Despe de mágoa trevoza
O negro cilício eterno!

9
Enquanto, mansa, pousar
A prece nos lábios teus,
E souberes murmurar
Com as mãos unidas: meu Deus!

10
Não digas, pobre querida!
Mesmo se a dor te magoa:
É sempre feliz na vida,
A alma que é pura e boa."

Quando os poetas
querem exaltar o en-
canto de uma mulher
costumam dizer: —
Parece uma rosa! E
o que lembra aos poe-
tas essa analogia entre
a mulher e a rosa, é
a beleza da pele, a
maciez e o perfume
de uma cutis per-
feta. Beleza, maciez o
perfume que só se con-
seguem com o uso de
LEITE DE ROSAS, o
maravilhoso embele-
zador da mulher.



SÃO LUIZ GONZAGA 619
TELEFONE: 48-7660 ★ RIO



O sr. Americo René Gianetti, representando o governador Milton Campos, rompe a fita simbólica, inaugurando a XI Exposição. Em primeiro plano estão o sr. Belo Lisboa, secretário geral de Agricultura do Distrito, o sr. Mário Teles, representante do ministro Daniel de Carvalho, o prefeito Dilermando Cruz e o sr. Cleveland Duarte Braga, presidente do Centro Rural de Juiz de Fora.

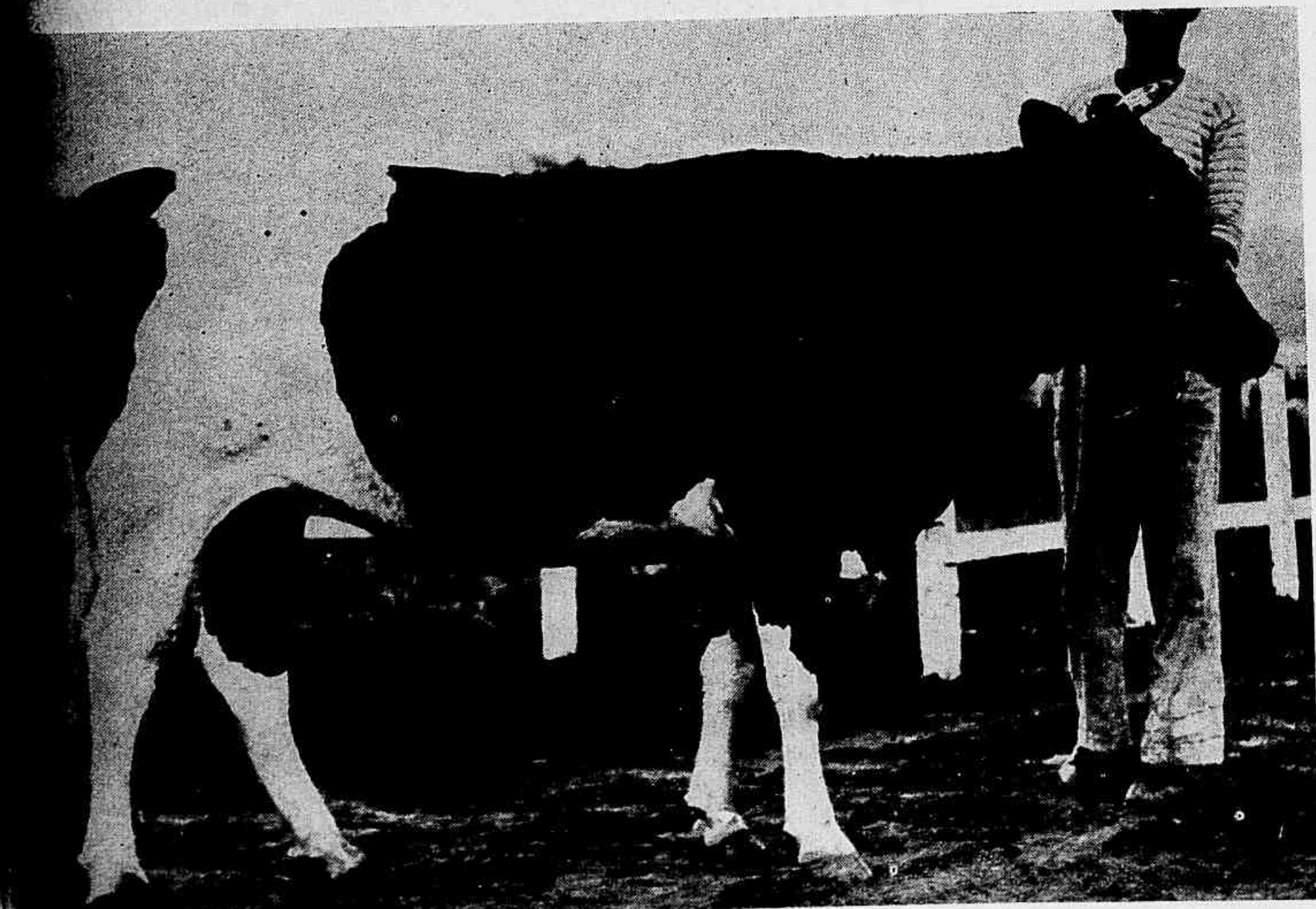
XI EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE JUIZ DE FORA



"Princesa", da raça Holandesa Vermelha e Branca, campeã leiteira da XI Exposição de Juiz de Fora, com a produção de 78.300 kgs. em 3 dias de concurso, sagrando-se também, campeã de gordura na mesma Exposição. "Princesa" é de propriedade do adiantado pecuarista José Augusto de Araújo (Fazenda Santo Antonio, de Retiro, município de Juiz de Fora), que também obteve, com a vaca "Nova York", o terceiro lugar no concurso leiteiro e o segundo na produção de gordura.



O prefeito de Juiz de Fora, sr. Dilermando Cruz, discursando no ato inaugural da XI Exposição.



Juiz de Fora, centro da mais antiga região pecuária mineira, acaba de realizar, pela décima primeira vez, a sua Exposição-Feira Agro-Pecuária e Industrial, preparando-se para o grande certame que levará a efeito no ano próximo, em comemoração ao centenário da cidade. A XI Exposição foi solenemente inaugurada com a presença de elevado número de autoridades federais, estaduais e municipais, notando-se entre as mesmas o sr. Américo René Gianetti, secretário da Agricultura de Minas Gerais, representando o governador Milton Campos, o sr. Mário Telles, diretor do Fomento da Produção Animal do Ministério da Agricultura, representando o ministro Daniel de Carvalho, o sr. João Belo Lisboa, secretário-geral de Agricultura do Distrito Federal, e o sr. Dilermando Cruz, prefeito de Juiz de Fora. A cerimônia inaugural foi presidida pelo sr. René Gianetti, que discursou em resposta à oração do representante do Centro Rural de Juiz de Fora, seguindo-se com a palavra o sr. Dilermando Cruz. A solenidade foi das mais brilhantes e concorridas, terminando com um imponente desfile dos animais expostos, onde reluziram valiosos espécimes da pecuária local.

A XI Exposição reuniu grande número de representantes das raças bovinas, equinas, asininas e outras, exibindo um bonito pavilhão com produtos agrícolas e de indústrias rurais. É fora de dúvida que bons exemplares daquelas raças alinhavam-se nos pavilhões onde tantos produtos antes brilharam em memoráveis competições. Mas é forçoso dizer que a representação bovina da XI Exposição não esteve, no todo, e na quantidade, em correspondência com a extensão da zona de criação que, indo de Lafayette às fronteiras

A esquerda: "Dina", da raça Holandesa Preta e Branca. Pura por cruzamento, com 4 anos, 1.º Prêmio na XI Exposição de Juiz de Fora. "Dina" pertence à Fazenda Santa Clara, da firma J. Honório & Irmão Ltda., criadores de bovinos das raças Holandesas Preta e Branca e Vermelha e Branca e da raça Guernsey, cujos credenciados produtos têm sido premiados em todas as exposições a que concorreram. Município de Santa Rita de Jacutinga, Minas Gerais.

do Estado do Rio, tem como ponto central o município de Juiz de Fora. Ainda uma vez somos obrigados a confessar nossa estranheza diante da manifesta indiferença do criador local pela sua exposição regional, que deveria ser uma das maiores e mais importantes de Minas, e, no entanto, não o é. Já em nosso noticiário sobre a IX Exposição de Juiz de Fora, em 1947, abordamos esse aspecto negativo do referido certame, e agora, dois anos decorridos, acodem-nos as mesmas observações de então, ao depararmos ali com um limitado número de produtos bons, desafiando com a importância da região criadora, a mais antiga de Minas, quicô do Brasil. Contrastando a olhos vistos com essa importância, com o elevado grau de adiantamento da pecuária daquela zona, vimos mesmo ocupando lugares nos pavilhões, produtos de inferior qualidade que ali não deveriam ter guarida. Não queremos inculpar ninguém diretamente por esses fatos. Sabemos mesmo do grande esforço dispendido pelo Centro Rural de Juiz de Fora e pelo seu presidente, na organização das exposições agropecuárias. Mas esse esforço rende-se à indiferença do criador da região pelo certame que deveria ser a preocupação maior de todos os que se dedicam às fainas do campo. E estes reparos cabem agora mais do que em outra ocasião, pois Juiz de Fora se prepara para comemorar, com uma grandiosa exposição, o seu centenário. E poderá fazê-lo, se assim entenderem os responsáveis pela sua agricultura e pela sua pecuária. Poderá fazer uma exposição que ficará memorável na história da criação de Minas e do Brasil. Uma exposição regional, estadual ou mesmo nacional. Tem elementos para tanto, elementos de sobra, desde, porém, que aqueles não se mantenham nas encolhas, que apareçam e exibam as suas riquezas, que prestigiem o certame com ânimo superior e com o entusiasmo até agora lamentavelmente omissos. Esses são os nossos votos, pois não temos outro objetivo que o de exaltar o valor incontestável de uma região das mais prósperas do País. Aguardamos, assim, o próximo "meeting" agropecuário de Juiz de Fora, na certeza de que iremos assistir a uma parada de valores difícil de ser igualada.

A. M.



"Herdade-Allado", Reservado. Campeão da raça Holandesa Vermelha e Branca. Puro por cruzamento. 2 anos e 11 meses. Neto, pelo lado paterno, de "Minas Gerais", Campeão em Exposição Nacional, e pelo lado materno de "Pietje's Adema", importada. Pertence à Fazenda da Herdade, de Mathias Barbosa, Minas Gerais, propriedade do adiantado pecuarista sr. José de Andrade Reis



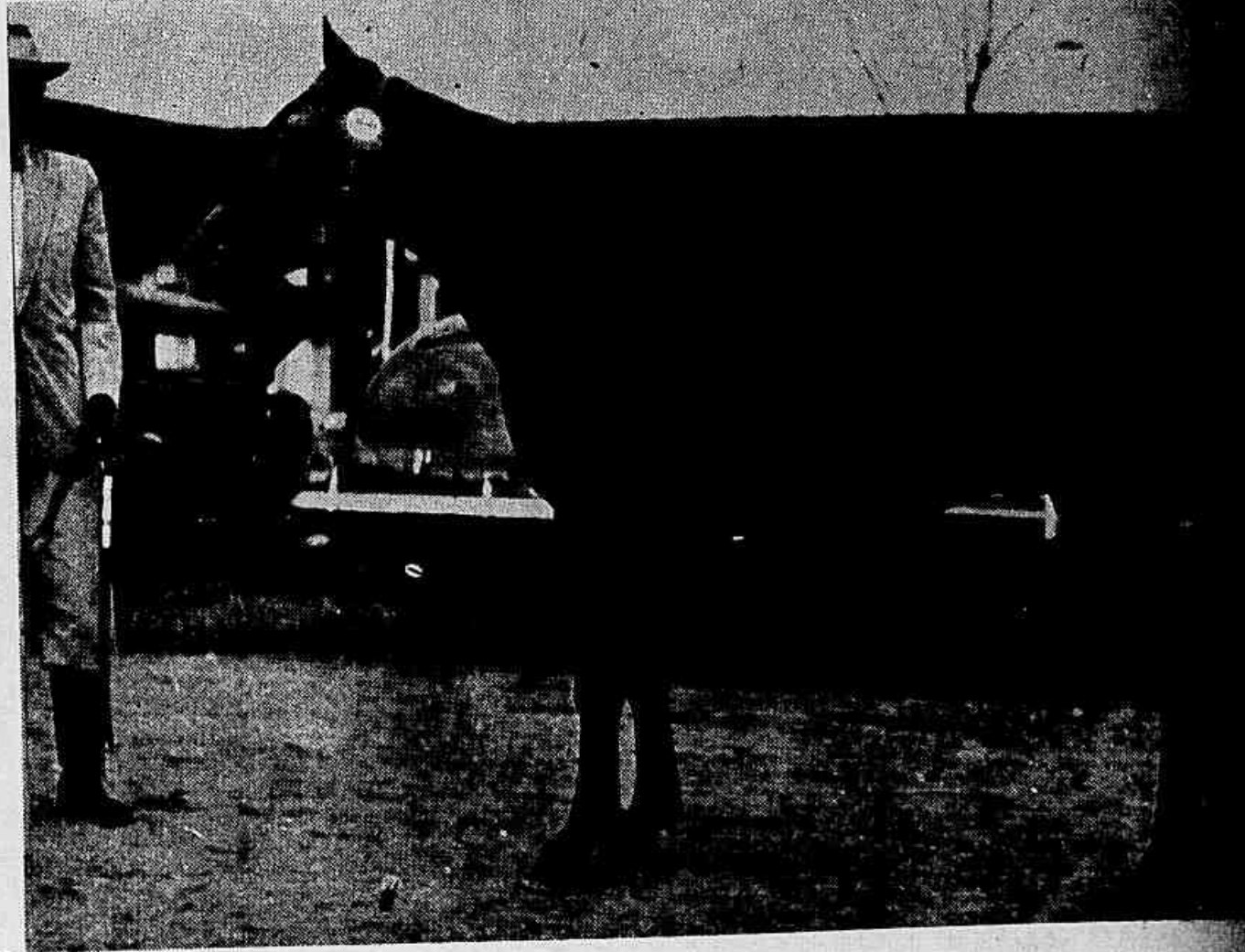
"Bela-Cruz II", da raça Holandesa Preta e Branca, vice-campeã leiteira da XI Exposição de Juiz de Fora, com a produção de 75,600 kgs. em 3 dias. Pai: "Jos V" (importado). Mãe: "Bela-Cruz". "Bela-Cruz II" sustentou galhardamente a segunda colocação no concurso leiteiro, apesar da enfermidade que lhe atacou a pata dianteira direita, conforme se vê da fotografia acima. Pertence à Fazenda da Herdade, do sr. José de Andrade Reis (Mathias Barbosa, Minas)



"Herdade-Argentino", da raça Holandesa Preta e Branca. 1.º Prêmio na XI Exposição de Juiz de Fora. Puro de Origem. Pai: "Rolandsohn 14", importado da Granja Orion, na Argentina. Registro EGR 1. Mãe: "Juiponga". Propriedade da Fazenda da Herdade, do sr. José de Andrade Reis. Mathias Barbosa, Minas Gerais (Mathias Barbosa, Minas Gerais)

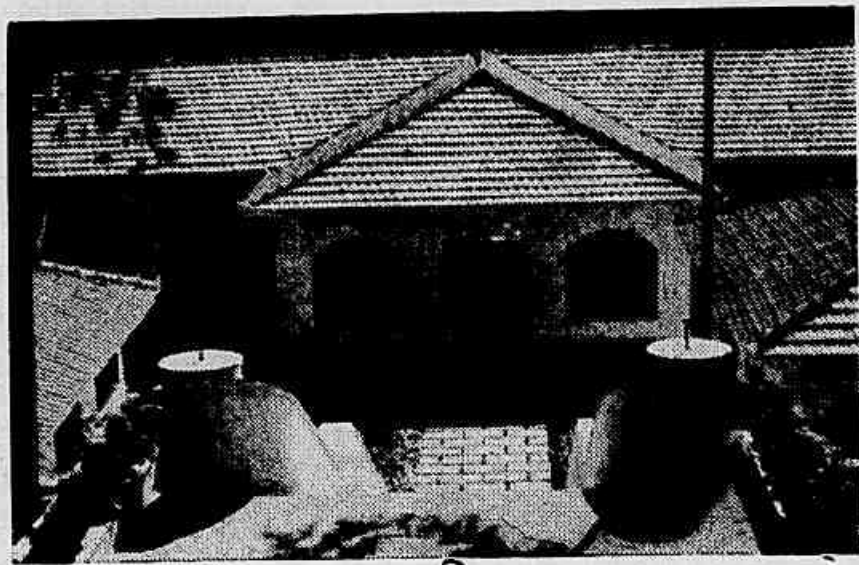


"Herdade-Formosa", 1.º Prêmio da raça Holandesa Preta e Branca na XI Exposição. Pura de Origem. 14 meses. Filha de "Jos VI" e "Dona". Registro EGR 2. Propriedade da Fazenda da Herdade, do sr. José de Andrade Reis. Mathias Barbosa, Minas Gerais



"Albatroz", 1.º Prêmio da raça Mangalarga, na XI Exposição de Juiz de Fora. 2½ anos de idade. "Albatroz" pertence ao fino plantel de cavalos Mangalarga, criados na Fazenda da Herdade, situada em Mathias Barbosa, Minas, propriedade do criador sr. José de Andrade Reis

MATERNIDADE "CARMELA DUTRA"



A família comerciária está de parabéns. Acaba de ser inaugurada, à rua Aquidabã, 287, em Lins de Vasconcelos, nesta capital, o Bloco Adicional da Maternidade Carmela Dutra. Representando a primeira dependência da futura Maternidade que está sendo preparada no mesmo local para 200 leitos, o Bloco Adicional está apto a assistir a comerciária gestante, possuindo para isso todos os requisitos modernos.

E' esta, indiscutivelmente, uma das grandes realizações do SESC, que, como se sabe, tem conseguido prestar relevante assistência social, em todos os setores, contando com o auxílio do empregador e sem o menor ônus para o empregado.

Os pedidos de ambulâncias para gestantes devem ser feitos pelos telefones 49-5756 e 49-5757, destinados exclusivamente para esse fim.



A CENA MUDA

EM SUA NOVA E PALPITANTE FASE
A EXPERIÊNCIA DO "ROUX COLOR", reportagem vinda de Paris sobre o novo e revolucionário processo de colorir filmes.
VINCENT SHERMAN, ensaio de Moniz Viana.
INTELLECTUAIS FALAM DE CINEMA, entrevista com Pascoal Carlos Magno.
"ASTROS" QUE GANHAM MILHÕES, reportagem ilustrada com os artistas que percebem os mais altos salários da meca do cinema.
ELES TAMBÉM CRESCEM!, lista completa dos artistas que aniversariaram no mês de junho e as suas respectivas idades.
CINE-TESTE, um curioso passatempo.
A COVA DAS SERPENTES (SNAKE PIT), a dramática aventura de uma louca num sanatório dos Estados Unidos, romanceada do filme do mesmo nome.
SHORTS E CHAPÉUS, modelos exclusivos.
A CEGONHA VISITA AS "ESTRELAS", flagrantes de "astros" da tela com seus respectivos filhos.
MELODIAS PARA VOCÊ, últimas novidades em letras de foxes, boleros e sambas.
SWING-FAN, duas páginas de jazz com Sílvio Túlio Cardoso.
... E MAIS FOTOGRAFIAS DE "ASTROS" E "ESTRELAS",
SEÇÕES DE RÁDIO, MÚSICA E TEATRO, FLAGRANTES, CURIOSIDADES, MEXERICOS, ETC.

A CENA MUDA

A REVISTA DO FÃ
HOJE EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS

A GATA E OTÁVIO GALLI

(Continuação da pág. 42)

De um lado, cruzadas sobre um papapo artificial, estavam duas mãos solitárias, sem braços, vestidas com um par de luvas singular, de cor verde e cano longo.

Aquelas mãos... sim, é as recordava agora. Eram finas, compridas, trêmulas ao tocarem as dele.

— Gosto mais das brancas, mãezinha. A voz infantil atrás dele fê-lo afastar-se. Não olhou mais para as vitrinas nessa noite. E até conseguir adormecer no leito solitário, sofreu do mal da saudade de rever aquelas mãos.

Otávio Galli esperava, desde as nove e meia, sentado na cadeira de vime. De vez em quando o relógio da parede lhe dizia que ela ia chegar atrasada. Cinco, dez minutos de atraso, que são para quem tem certeza? "Ela chegará daqui a pouco, subirá os degraus com passo leve, olhará em redor até que seus olhos se habituem a este ambiente, depois me verá. Seus pés a trarão a mim. Há de me estender a mão jamais esquecida, que apertarei meio constrangido, e ela baixará os olhos até o chão. Virá de verde, para não contrariar a descrição de Helena. Virá de sapatos novos e, cabelos escovados. O brilho dos seus cabelos há de emoldurar o rosto que ainda é estranho para mim".

— Bom dia. Desculpe-me, estou atrasada. — Vestia o mesmo casaco cinza, como se não fosse sensível ao calor imenso de lá fora. Penteara-se melhor, tendo amarrado os cabelos para trás, com uma fita de veludo pardo. Não sorria, parecia embaraçada, distante, medrosa.

Otávio sentiu-se seguro. Fugira-lhe aquele tremor, a sensação de não poder suportar o apêto de mão dela. Tudo fora tão fácil...

— Vamos sair daqui — disse.

Conduziu-a a um restaurante discreto, de poucos frequentadores. O rádio ligado os entorpecia com um "bluê" da última estação.

Otávio esperou que ela falasse, depois de terem tomado um refrigerante. "A despeito do casaco", pensou. Mas, por indiferente e céptico que se quisesse fazer, percorria com o olhar ávido aquela mulher difícil de guardar na memória e começava a achar belos, dando razão à esposa distante, o contorno e as linhas que podia alcançar. — Atraente. Uma verdadeira gata. Fada e demônio. Demônio não, com aquelas mãos divinas, que sabiam segurar o copo com elegância". Então ela falou:

— O senhor deve achar estranho, não? — Ficou esperando o assentimento dele, mas Otávio disse:

— Não. Tinha a intuição de que viria.

Ela descontrolou-se. Depois examinou-o com atenção, como para ter certeza de suas palavras.

— Não acredita? Sabia que você viria.

Mas então... Já tinha desconfiado? A intuição era tão poderosa

assim? A si mesma ela perguntou se ele seria um tolo ou se estaria fingindo apenas.

— Já sabia?

— Decerto, meu bem. Essas coisas a gente descobre no primeiro instante. Há algo que chama o nosso "eu", e nós também lançamos um chamado. Para acender a chama, é bastante o encontro inicial.

Pegou-lhe no braço por cima da mesa.

— Suas mãos... Eis o que me atraiu.

Ela olhava espantada, como se nada compreendesse. Depois uma tesoura invisível cortou a linha cerrada dos seus lábios, abriu-a mais e mais até que o riso reprimido fugiu por ela. Fugiu nervoso, ácido e breve.

Quando a linha voltou ao normal, foi para abrir-se outra vez com estas palavras:

— Então o senhor... O senhor...

Uma sombra cobriu-lhe o rosto magro. Os olhos verdes se entristeceram e a mão direita, já livre do afago dele, abriu a carteira largada sobre a mesa. Os olhos verdes pareciam esmeraldas de lojas do "nada além".

— Houve um mal-entendido — disse ela. — Tome o seu dinheiro. Faço questão de ser correta.

As notas surgiram-lhe na mão. Dois mil e quinhentos cruzeiros.

— Eu poderia ter guardado, o senhor jamais saberia. Mas minha consciência... — E depois, num gesto conformado: — Sou assim, que vou fazer? Sr. Galli, d. Helena pagou a conta. Mandou lá do interior, por vale postal. Eu não queria contar, mas sou obrigada. Ela não volta mais, escreveu-me para lhe devolver o dinheiro, de qualquer maneira. D. Helena... quem diria? Mas enfim... a vida é isso — uma eterna surpresa. E de uma coisa estou certa: aposto como foi a consciência que lhe doeu.

Levantou-se com ar pudico e foi-se embora. Sua silhueta magra avançou com passo firme para a porta, acusando a satisfação de ter cumprido o seu dever.

BILHETES DO MEI DO...

(Continuação da pág. 50)

200,00, ao passo que um viajante comercial que havia bebido, comido e ganho no cassino, e que, na pressa, entregou duas notas de mil escudos julgando que estava a dar duas de cem, entregou ao motorista honesto que lhe foi procurar na pensão onde estava hospedado uma nota de 500 escudos.

Os mais agradecidos e que maior gratificação deixam para os condutores dos veículos são, segundo nos contou o proprietário da empresa, os que perdem coisas de menor valor. Fomos à garagem e lá observamos uma caixa do tamanho de uma lata de querosene, cheia, a transbordar coisas perdidas, representando centenas de contos. Essa empresa foi fundada há menos de dois anos. Logo não possui um pessoal antigo ou muito identificado com o patrão. Estas linhas mostram a honestidade — para nós realmente espantosa e mesmo comovedora — da grande maioria dos motoristas portugueses. Convém notar que são simples empregados de garagem e não os proprietários dos automóveis.

Nós, descendentes de portugueses, ficamos encantados e, digamos mesmo, orgulhosos ao poder observar essas coisas na antiga Lusitânia.

TIRADENTES NÃO...

minou mais uma obra de arte, que agora se acha exposta no Rio, por iniciativa do Museu de Arte Moderna, será, em seguida, exposta na Galeria Mata. razzo, em São Paulo. É um caminho ainda a percorrer, antes de atingir o destino final, um colégio particular na cidade mineira de Cataguazes, uma realização fabulosa do poeta Francisco Inácio Peixoto, que com essa obra de arte vai completar o edifício, cujo projeto deveu a Oscar Niemeyer. Curiosa coincidência, que leva para uma longínqua cidade do interior mineiro o que há de mais avançado na arte não apenas do Brasil, mas do mundo inteiro. São poucos os sujeitos que andam certo neste país, mas de certo o poeta Chico Inácio Peixoto é um deles. E por isso os alunos de seu colégio e os habitantes de sua cidade verão um Tiradentes que não está morto para as novas gerações. Portinari mostra-o entre os demais inconfidentes, em cuja dianteira se mantém. Mostra-o, a seguir, durante a leitura da sentença — o único que se mantém firme. Depois, a cena de enforcamento, o esquartejamento, o corpo feito em pedaços dispersos pelas estradas de Minas. E massas agoniadas, mulheres do povo, os juizes, por fim, correntes arrebatadas, significando que a luta não foi em vão.

E não falemos na combinação de cores, da concepção, da técnica ou do profundo sentido do todo. Diremos apenas que esse mural — pois mural significa a pintura a que é aplicada determinada técnica, e não a que forçosamente terá de ser pintada diretamente sobre o muro, como queria um crítico de arte, pelo menos que é tido como renomado "crítico" — esse mural fala uma linguagem diferente e ensina coisas novas. É uma maneira de contar e certamente muito se discutirá sobre ele, pois que não é uma coisa morta, é, antes, algo que grita, que está vivo e que agita, que mexe com algo que se aninha dentro do observador.

COM OS PÉS NA TERRA

Há vários meses vem Cândido Portinari trabalhando na encomenda que recebeu de Cataguazes. Sob o ponto de vista econômico, confessa que teve prejuízos. Não é para menos, para os que conhecem como trabalha ele, a seriedade que põe em tudo quanto faz. Durante esse tempo, amigos, conhecidos, curiosos, artistas e intelectuais têm subido as escadas de sua casa para ver o que ele estava fazendo. Nesse meio tempo, o pintor fugiu duas ou três vezes para o meio dos camponeses e foi mostrar-lhes a sua pintura e ouvir as suas opiniões, pois que esse mergulho entre a massa anônima já se tornou uma necessidade de seu espírito criador. Entre seus camponeses, Portinari sente-se ligado à terra com os pés firmes na realidade e pode trabalhar. Não é por outro motivo que com eles estabelece o mais íntimo contacto, pois que até se tornou possível a ele falar-lhes de arte, de pintura. Mais do que isso, Portinari tem realizado entre eles verdadeiras conferências, pondo ao alcance da mentalidade camponesa aquilo que ela pode compreender sobre o problema. Muitas vezes, como já disse, o pintor tem ouvido de suas bocas afeitas a dizerem o que pensam com franqueza:

- Não gosto disso aqui, Candinho.
 - Essa cor aqui é bonita, Candinho.
 - Está bom esse homem, Candinho.
- O pintor pergunta por quê, e, às vezes, acrescenta:
- Vocês não sabem nada. Vocês não entendem disso.

E explica-lhes por que eles ainda não podem entender, as causas remotas ou próximas de sua ignorância e o que é preciso fazer para que um dia eles venham a compreender.

Dessas conversas, dêsse contactos tira Portinari a força, a convicção, a seriedade e o sentido profundamente humano que salta de sua pintura.

OUTRO AMBIENTE

Na casa da rua Cosme Velho, já o ambiente é outro, pois que frequentam-na não camponeses, mas políticos, intelectuais de todos os partidos ou de nenhum deles, artistas acorados na sua torre de marfim, desesperados existencialistas, acadêmicos de todas as Academias, os novos, padres, deputados, comunistas, católicos, protestantes, ateus, jovens e velhos, expressões do rádio, do cinema, do teatro e de quantas outras atividades existam, correntes, pensamentos, opiniões que se disputam entre si, mas que se quedam todos admirados diante da admirável obra que a mão do artista vai criando dia a dia, num trabalho que não sofre interrupção.

E eis o pintor naquilo que o completa: o trabalho contínuo, sério, pois em Portinari nada é improvisado e tudo quanto faz se caracteriza pela honestidade, pela seriedade em que está envolto a mensagem que nos transmite.

Mas, não falemos mais de seu Tiradentes: convidemos a todos para vê-lo, nas próximas exposições do Rio de Janeiro, de São Paulo e Minas.

E advertimos os leitores de uma coisa: o mural, para ser visto de maneira que transmita ao observador os efeitos previstos pelo pintor deve ser olhado a uma distância de 54 metros.

E, sobretudo, é preciso ver este Tiradentes, que parece red vivo a gritar pela liberdade e pela independência que ainda nos faltam.

FUTEBOL PARA CEGOS

(Continuação da pág. 6)

Não se assombre, leitor amigo, pois é a pura verdade, como poderá ver através das gravuras aqui reproduzidas.

Os cegos e os de vista são, têm naquele paraíso de "St. Dunstan" um centro de vida e diversões de primeira grandeza, tendo-se tornado a grande instituição de Sir Arthur Pearson e de sua esposa Lady Pearson num centro de otimismo e vitalidade para todos.

O povo das vizinhanças já se habituou a passar seus feriados a gozar das delícias do local, sob a proteção da grande e meritória Escola para Cegos.

Uma das conquistas dos cegos foi a organização de sua banda de música, ou melhor, seu "jazz" sempre afinado e em dia com o que há de mais novo em matéria de composições para dançar.

Seu diretor de arte é o mestre H. Morton, que serviu no "Gaumont British Theatres", muito querido pelos estudantes e um perfeito dirigente musical.

Muitos desses músicos já tiveram suas profissões quando ainda gozavam das venturas de possuir a vista perfeita. A guerra, porém, com todo o seu triste cortejo de desgraças, roubou-lhes a maior prenda que a Natureza nos deu, e foram lançados na escuridão eterna. Que fazer? Como conseguir nova habilidade, outra eficiência profissional para manter-se?

Os cursos de "St. Dunstan" deram o jeito e se operou o milagre.

Tudo o ensino que depende da apalpação, do tato pelos dedos é subministrado conforme o sistema de Luiz Braille. Assim, como poderiam jogar dama os cegos se não vêem o tabuleiro e as cores de cada pedra? Somente pelo sistema Braille, sendo o tabuleiro com casas concavas e outras planas.

Luiz Braille foi o mais benemérito de todos os cegos. Tendo cegado aos três anos de idade por acidente, aos dez foi admitido no Instituto dos Cegos de Paris. Tornando-se organista, tocou esse instrumento em várias paróquias da capital da França, terminando com o lugar de professor dos cegos do mesmo Instituto. Para facilitar o ensino entre seus companheiros de infortunio, ele inventou a escrita com pontos salientes, perceptíveis pelo tato, tomando o sistema o seu nome: Braille. Conquistando todos os continentes e se tornando o sistema universal para a cultura e ilustração de todos os cegos, o método de Braille é também um dos pontos altos do famoso Instituto de St. Dunstan.

Cada dia, há mais Kolynos-istas*



Lynn Bari

A linda estrela americana é também Kolynos-ista e ciclista nas horas de lazer. Exercício físico e dentes bem tratados, tornam-na ainda mais bela. Lynn Bari é a estrela do filme "The Spiritist", da Eagle Lion.



Seja Kolynos-ista - Conserve seus dentes divinos. Visite o dentista - Prefira Kolynos!

Kolynos utiliza um derivado de óleos vegetais absolutamente neutro e de alta ação detergente. A espuma abundante de Kolynos penetra nos espaços inter-dentais, agindo contra as manchas e limpando os dentes por completo. Por isso, Kolynos

limpa mais



Gosto de hortelã e frescor de orvalho!

Três essências naturais produzem esse sabor refrescante e característico de Kolynos, agradável a todos os paladares. Por isso, todo o mundo diz que Kolynos

agrada mais

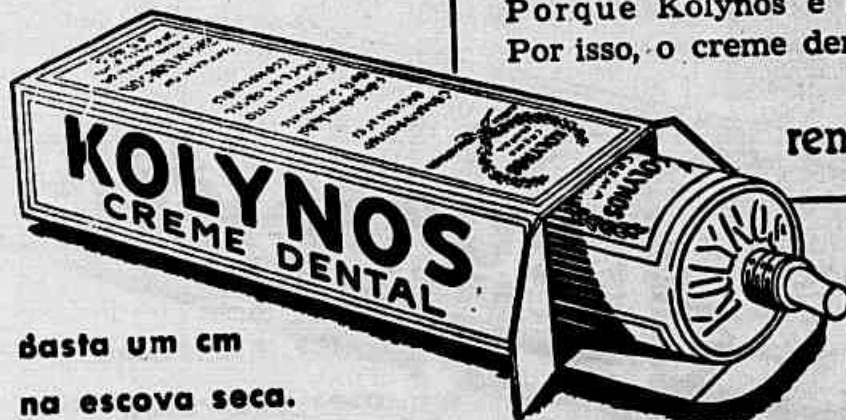


Em cada hora mais de 1.359.949 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos!

E esta preferência, que aumenta de hora em hora, é tão natural! Porque Kolynos é concentrado. Por isso, o creme dental Kolynos

rende mais!

McCann



basta um cm
na escova seca.

*** USE KOLYNOS. SEJA TAMBÉM KOLYNOS-ISTA!**

DR MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Via ur.árias — Doenças de se. horas — Distúrbio sexual — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 95, 7º andar. B. 73-74 — Diariamente 0911-22 0000 — 0911-22 0000 — 0911-22 0000 — 0911-22 0000

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



**LOÇÃO
TÔNICA
MAC BIR**

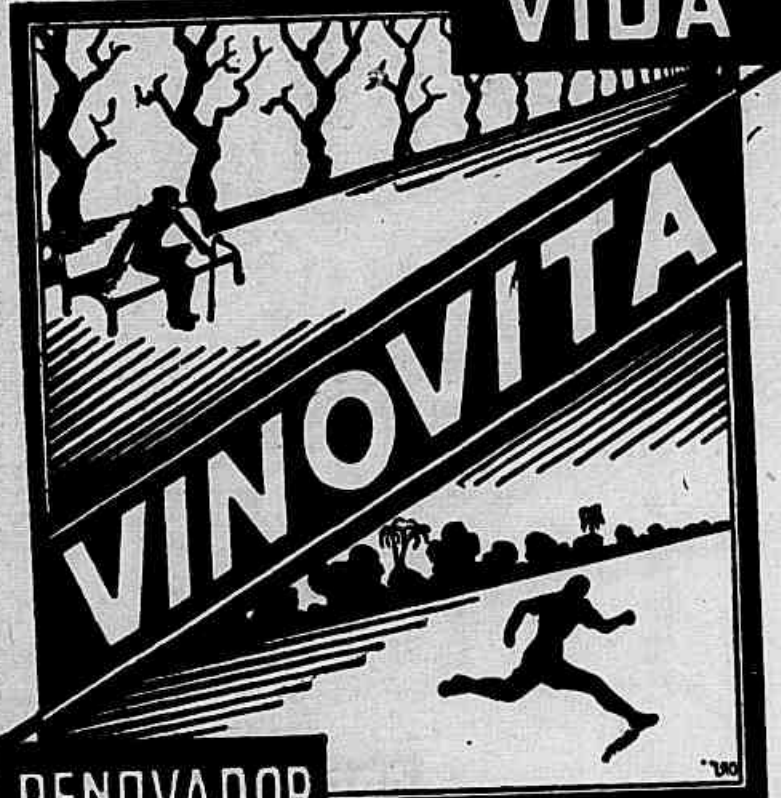
*Um Produto
Cientifica-
mente
Preparado*

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma garantia de saúde para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o embranquecimento e a queda dos cabelos!

★
A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr\$ 35,00
Atendemos também pelo Reembolso Postal
1 vidro Cr\$ 40,00 - 3 vidros Cr\$ 100,00
6 vidros Cr\$ 192,00 - Livre de porte
Pedidos à
CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.

*Contra o esgotamento
físico e mental!*

**VINHO
DA
VIDA**



**RENOVADOR
DAS
FORÇAS**

Tônico poderoso

PARA O AMOR NÃO HÁ CÁLCULOS

(Continuação da pág. 18)

Flora, tudo faria para inutilizar-me, vingando-se covardemente. Mas eu não compreendia por que motivo envolvera Carlota no crime, dizendo à polícia que ambos éramos cúmplices.

Quando fui chamado para prestar declarações no processo, procurei mostrar às autoridades que sabia muita coisa acerca de Marco Antônio, seus amores com Flora, as intimidades entre eles. Mas ninguém quis prestar-me atenção. Diante disso procurei narrar o caso ao meu advogado.

Mas, infelizmente, não dispunha eu de um centavo para promover a minha defesa. Tive então que sujeitar-me à defesa que o tribunal me destinou. Era um moço animado e brioso, que acreditou em minhas declarações.

— Se pudermos conseguir uma testemunha a seu favor, é possível que possamos até desviar as suspeitas para o próprio Marco Antônio, ou somente contra Carlota, que muito bem poderia ter cometido o crime depois que você a deixou.

— Oh! Não! Eu poderia jurar em nome de Carlota não seria capaz de fazer uma coisa destas. É uma criatura puríssima! Se eu pudesse falar-lhe, pelo menos uma vez!

— Temo que não. Seu tio contratou dois dos melhores advogados que vão trabalhar como leões para despejar toda a responsabilidade sobre suas costas e livrá-la de todas as suspeitas.

Estranhei que o próprio tio, que dantes a acusava, desejasse agora salvá-la.

— Esse outro tio, Napoleon, está contra Marco Antônio. É este que sustenta que ela e você, juntos, cometeram o delito. Mas Napoleon e Marco Antônio são inimigos irreconciliáveis. Por isso esse tio contratou advogados para salvar a sobrinha perseguida por Marco Antônio, seu irmão e tio da mesma.

— Que família! Santo Deus!

Meu advogado olhou-me ironicamente.

— Era melhor que pensasse nisso antes de ter-se misturado com essa gente.

O episódio foi comentado em todas as suas particularidades por todos os jornais da cidade.

Os repórteres me faziam passar por um sujeito detestável, um canalha, e Carlota como um anjo. Ela era a menina cândida que se havia enganado comigo, um patife de marca maior. Eu não a havia visto desde que a deixei, e quando surgiu no salão do júri quase caio para trás de tanta surpresa.

Estava mais esbelta, emagrecera bastante, tornara-se elegante, delicada, simpática. Sua roupa era do mais lindo modelo, rico vestido, penteado cuidadoso dando-lhe beleza ao rosto bem maquiado. Tudo isto estava de acordo com o que dizia a imprensa: era uma jovem bela, amável, inocente e de fisionomia angelical.

Eu estava atônito e não podia tirar os olhos de Carlota. Ao ver-me, quis falar-me; porém um dos seus advogados lhe disse umas palavras ao ouvido e ela desistiu. Mas bem vi que os seus olhos me falavam como que pedindo-me uma palavra de coragem para tamanho infortúnio. Outra que não ela, estaria a odiar-me; mas em seus olhos brilhava a doçura de sincera paixão.

Durante os debates tudo fizeram os advogados de Carlota para me comprometerem; mas Ruelas, meu advogado, estava atento e destruiu todas as acusações, sendo, aliás, muito ajudado pelo testemunho de Carlota que fez declarações em minha defesa. Nunca pronunciou uma só palavra que me condenasse. Também jamais declarou que me separara dela porque estava desiludido de obter seu dinheiro. Essa atitude de Carlota me fez reconhecer que eu era um canalha e quanto era ela uma criatura divinamente boa.

Comecei a desejar que ela tivesse sido assim tão bela como me surgia agora. Sentia que me estava enamorando dela, com sincera veneração. Mas me entristecia por ver que, embora nos dessem a liberdade, já de nada valeria, pois tínhamos diante dos olhos a figura sinistra de Marco Antônio.

Quando chegou a vez de Marco Antônio falar, narrou aos jurados e ao público com me surpreendera em colóquio amoroso com Flora, tendo ela garantido que arranjará o meu casamento com a enteada, contanto que eu me conservasse fiel aos seus amores clandestinamente.

Enquanto ele ia dizendo estas coisas, eu nem me atrevia a olhar o rosto de Carlota. Mas quando meu acusador foi interrogado pelo meu defensor, vieram à luz suas relações íntimas com Flora, o que provocou o maior escândalo na sala. Pelo que percebi, os irmãos Durbon eram os intocáveis da cidade e agora se viam na boca do povo.

O caso veio aliviar minha situação, já bastante melhorada em virtude das declarações de Carlota e provas que demonstrei de que estava inocente. O júri foi adiado para sessão seguinte até que chegasse uma testemunha em meu favor. Ficamos nessa ansiedade até que novamente se reuniu o tribunal popular.

Meu advogado, Ruelas, apresentou aos julgadores o sr. Júlio Hernazon, pessoa com quem havia eu estado a beber na noite de meu rompimento com Carlota. Júlio fez declarações a meu favor, e em menos de uma hora era conhecido o veredito: inocente.

Carlota também fora absolvida. Eu quis aproximar-me dela, porém os seus advogados me impediram. Vendo isso, Ruelas me falou com a maior franqueza:

— Escute, Marcial: eu, no seu caso, iria para muito longe daqui. Não creia que muitos estejam de acordo com este veredito. Pelo menos no que toca à sua pessoa. Eu o defendi conscientemente, pois estou certo de que você não matou ninguém; mas, falando com sinceridade, considero você um canalha pelo que fez a Carlota.

— Tem razão... Fui um imbecil. E somente agora o reconheço.

— E o reconhece muito tarde. Mas você não merece outra coisa.

Aceitei o conselho de Ruelas e deixei aquela cidade. Eu estava sendo geralmente detestado por todos, como verificava ao andar pelas ruas.

Fui trabalhar como chofer de praça, alugando um carro. Dias depois vi que Carlota estava residindo ali também. Consegui um emprego e os jornais, desejando reavivar os acontecimentos, a descobriram e fizeram escândalo. Ela havia herdado uma insignificância dos bens deixados pelo pai, uma vez que muitos eram os herdeiros e não era tanta a fortuna. Senti pena dela e muito me indignaram os caça-notícias. Descobrimos onde trabalhava, fui com o meu carro rondar pelas imediações nas horas que me pareciam mais propícias a encontrá-la. Passou um mês, antes que eu pudesse vê-la. Um dia, ia atravessando a rua, quando parei meu auto perto dela.

— Marcial! — exclamou com voz amiga.

— Carlota! Entra aqui. Quero falar-te!

— Está bem...

Conduzi o carro a um local em que pudesse estacionar.

— Todas as tardes tenho vindo procurá-la, Carlota. Precisava ver-te, dizer-te como tenho estado a sofrer por tudo o que aconteceu.

— Não houve nada, Marcial, por culpa tua. Não te culpo por não querer casar comigo. Era eu uma jovem sem atrativo, não é exato?

— Somente na superfície, Carlota. Sei que fui demasiado cego e demasiado fútil. Só me apeguei às tuas aparências. Em teu lugar, dedicaria o maior dos ódios a mim.

— Não, Marcial. Nunca te poderia odiar. Se bem que não tenhas sido sincero, sempre fostes bom para mim.

Senti a garganta apertada. A pobre criatura estava tão necessitada de amor que ainda acreditava que todo o meu falso cortejar valia alguma coisa. Agora poderia namorá-la, sentir todo o vigor dessa paixão; mas estava sem coragem, mesmo para pensar em tal.

— Para onde queres ir, Carlota? Eu te levarei à sua casa.

— Bem... eu ia jantar. Queres jantar comigo?

— Contanto que seja num lugar que possa eu pagar.

— Com muito prazer! Não suporto fazer refeições a sós.

Levei-a a um café, ótima casa, e que não cobrava caro as refeições.

Não prestei atenção ao que pedia; mas, quando a garçonete se aproximou, vi que trazia alimento que dava para um batalhão. Olhei-a intensamente e ela se ruborizou. Agora estava eu vendo o motivo por que recuperara um pouco do peso que perdera durante o processo. Continuando

(Cont. na pág. 58)

Pasta Dentifrícia
S.S. WHITE

**O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES**

Nº 15 A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

VOCE RESOLVEU BEM O CASO, SCARLET

TIVE SORTE



A DIRETORA DO ORFANATO ADMITIU A FUGIDA DE UM MENINO. EU RECONHECI A FOTOGRAFIA...



O SR. EQUIVICO COMEÇOU A SUSPEITAR DE SEU FILHO POR CAUSA DE SEUS PESADELOS, E ELE MENTIU.



O FILHO DO SR. EQUIVICO CONFESSOU TUDO. E SANDY ESTAVA INVESTIGANDO UM CASO...



PENSANDO BEM, FOI QUASE UM CRIME PERFEITO

ESTIVE BASTANTE OCUPADO. TEM HAVIDO MUITOS ASSALTOS E ACHO QUE COMETIDOS POR RAPAZOLAS, VOU INVESTIGAR NA RUA BODEN



PODE VÊ-LA DAQUI. RUAS SUJAS E CASAS VELHAS. NINGUEM GOSTA DE MORAR LA



RAPAZES JOVENS DEMAIS PARA A GUERRA MAS QUASE HOMENS É QUE SE METEM EM ENCRENCAS.



É BOM CONHECER ESTE LUGAR PARA UM ESCONDERIJO...



E QUE BOM LUGAR!



PUXA! UM CADAVER! PRECISO FUGIR... NÃO TENHO UMA IDEIA...



VOCÊ AINDA NÃO SABE, AMIGO, MAS VALME ARRANJAR DINHEIRO.



PELAS ESTRADAS DO CÉU

ANDRÉ MAX

EM fins de maio próximo passado, para o começo de junho, a "House Armed Services Committee" lançou a ideia de um inquérito de caráter aeronáutico no campo da aviação da guerra, com o que todos esperam intensificar a chamada controvérsia entre os defensores dos grandes bombardeiros e os moderníssimos aviões de combate a jato.

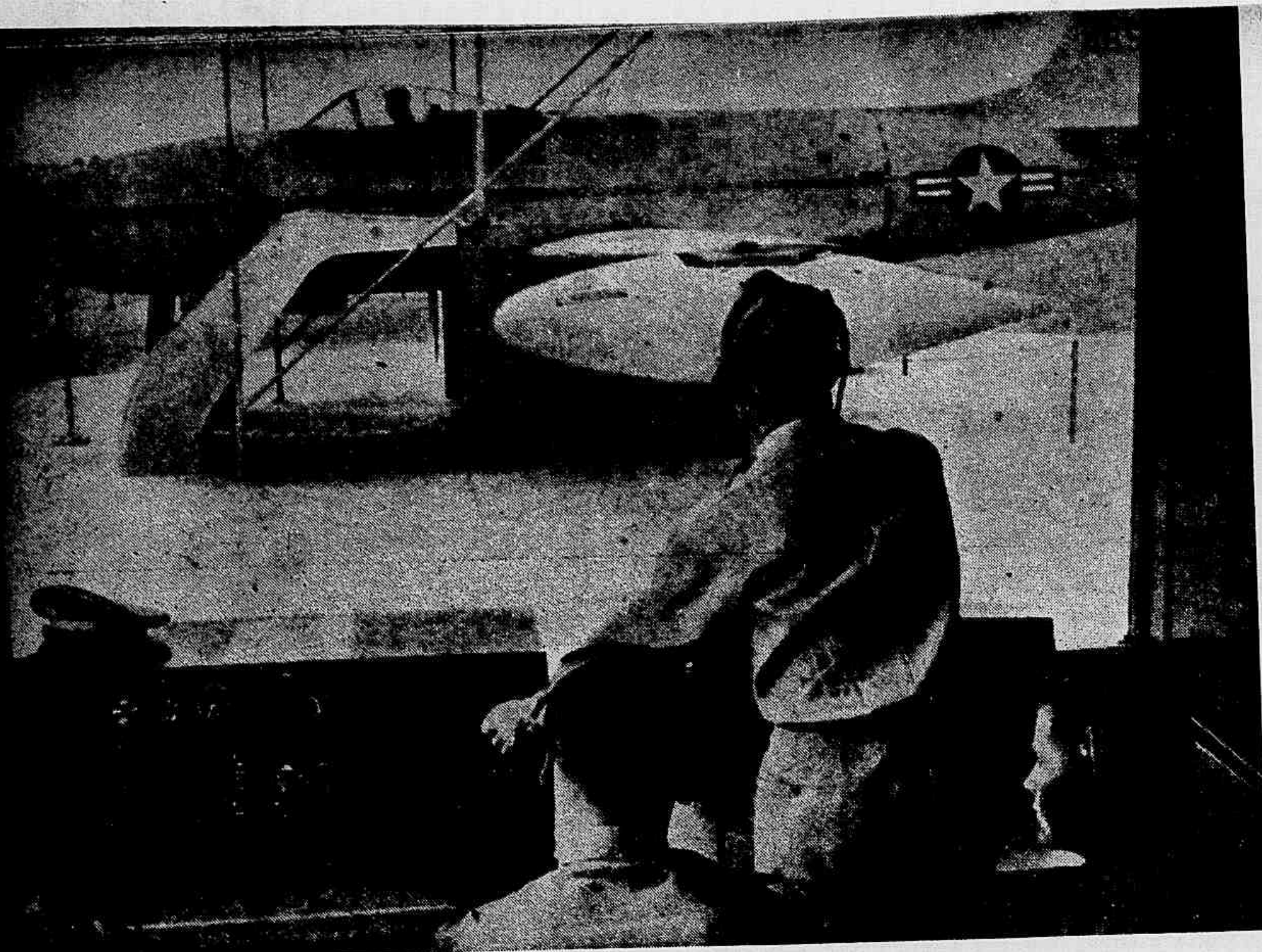
Os advogados dos bombardeiros asseveram que estes aparelhos são superiores àqueles na guerra porque podem atingir o inimigo a distância; que estão de tal maneira fabricados que podem manter longe os aviões a jato que venham interceptá-los na sua audaz arremetida através dos espaços.

Mas os adversários, os defensores dos aviões de combate a jato não se dão por vencidos e opõem vários argumentos em favor de sua tese.

Dizem eles, por exemplo, que os céus norte-americanos, pela sua imensa extensão, têm que ser defendidos pelos aviões a jato e nunca pelos bombardeiros, e que os tais B-36 nada mais são do que patos pousados à espera dos aparelhos a jato.

Enquanto os dois partidos assim discutem amavelmente, porém cada um mantendo o seu natural entusiasmo, ambos os tipos de aviões de guerra têm sido fabricados e em grandes quantidades. Ao lado dessa fabricação intensa, as equipes de aviadores que os vão dirigir e ocupar os postos de defesa e ataque também são preparados tecnicamente.

Para que os novos soldados dos ares se familiarizem com todos os segredos dessas terríveis armas de combate, são eles cotidianamente treinados na Base da Força Aérea de Williams, perto de Felix, no Arizona, onde é ministrado aos cadetes um treinamento avançado durante quatro meses.



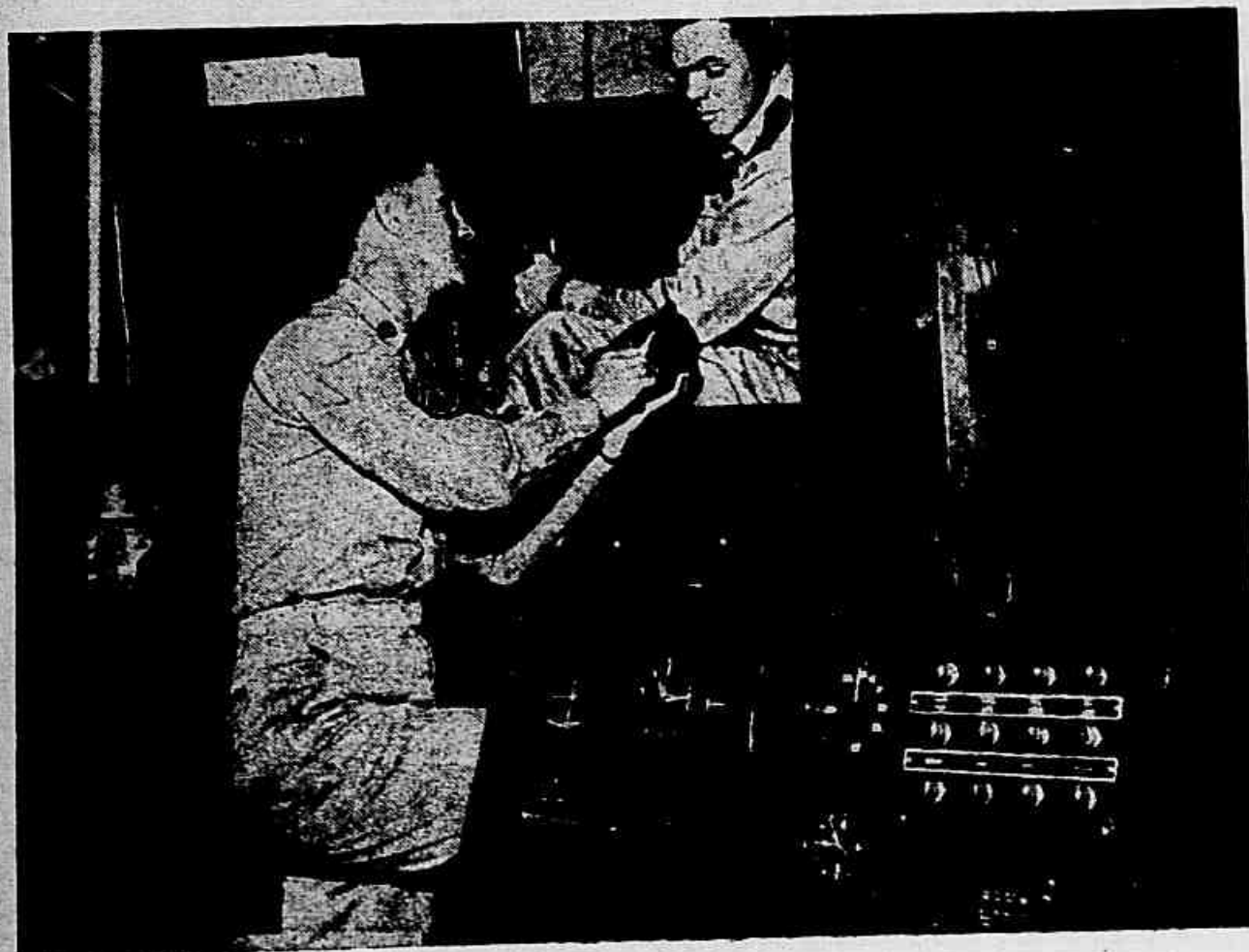
Um estudante pilotando um avião em vôo simulado, obedece às ordens do instrutor



Um instrutor militar dando aulas de como proceder em determinadas circunstâncias



Uma aula de mecânica aeronáutica a propulsão hidráulica é dada aos cadetes do ar



Um cadete quando é submetido a provas de comando numa cabine de treino da escola



Antes de entrar em qualquer ação, recebem os cadetes todas as explicações

BELEZA BEL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BEL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BEL-HORMON" nº
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

A belera ao seu alcance

LEITE
Beloitan

É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO. ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A COTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA.

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Rua Souza Dantas, 23 - RIO.



João Tintureiro (São Paulo) — Fraquinho o seu "Raciocínio de Subúrbio". Mas tente outro. Você tem jeito.

Vicente C. de Carvalho (Rio) — Aprovado o seu conto; mas o amigo figurou um caso impossível de dar-se no Brasil: pena de morte para ladrões, bem como o tribunal do júri começando de noite. Não há tal punição em nossas leis penais.

M. R. (São Paulo) — Fraquinho o seu "Desavença". E' conveniente aperfeiçoar sua pontuação e o português.

H. S. D. (Distrito Federal) — Curto de mais o seu "Quinze Anos".

A. R. C. A. (Teresina) — Foi aprovado o seu "As Rosas Vermelhas".

L. C. C. (São Paulo) — Seu conto "A Revelação de um Sentimento" não pôde ser aprovado. Procure dispor a dialogação dentro da técnica literária e estude um pouco mais nossa língua. Não misture pessoas gramaticais. Você escreveu: "Não ria-se de mim". Não é para rir. E' para chorar...

B. C. (?) — "Tentação do Crime", curtíssimo.

TEATRO

NÃO se pode negar o alto valor cultural da capital bandeirante, pois São Paulo tem produzido poetas, pintores, escritores e escultores de inegável mérito. O teatro, porém, não tinha expressão alguma e aquela capital possuía somente duas casas de espetáculos, o Municipal e o Santana, que eram ocupados por companhias de outros lugares para curtas temporadas. Sentindo a necessidade premente de uma expressão cênica, foi idealizado o Teatro Brasileiro de Comédia por membros da sociedade paulista e, em 11 de outubro do ano passado, foi inaugurado, graças ao financiamento de Franco Zampari e Francisco Matarazzo Sobrinho. Quatro grupos amadores juntaram-se ao Teatro Brasileiro de Comédia: o do Teatro Experimental, o do Teatro Universitário, o dos Artistas Amadores e a Sociedade dos Artistas Amadores de São Paulo, além do grupo permanente, o de Arte Dramática, composto por Cacilda Becker, Madalena Nicol, Maurício Barroso e Célia Biar. O T.B.C. conta como colaboradores de direção: Abílio Pereira de Almeida, Alfredo Mesquita (ambos do Teatro Experimental), Décio de Almeida Prado (do Grupo Universitário de Teatro), Madalena Nicol (do Grupo dos Artistas Amadores) e R. H. Ealing (da Sociedade dos Artistas Amadores de São Paulo), sendo o seu diretor artístico Adolfo Cell, uma das mais altas expressões da nova geração teatral europeia. Os cenários de todas as peças levadas pelo Teatro Brasileiro de Comédias são idealizados e confeccionados num moderno atelier, que está entre o gosto de quatro artistas plásticos: Bassano Vaccarini, Aldo Calvo, Clóvis Graciano e Hilde Weber.

Com apenas nove meses de existência conta com 15 peças em seu repertório já encenadas, entre as quais: "La Voix Humaine", de Cocteau, "Baile dos Ladrões", de Anouilh, "A Margem da Vida", de Tennessee Williams, "Esquina Perigosa", de Priestley, "Ingenuidade", de John van Druten, "Antes do Café", de O'Neill, "A Noite de 16 de Janeiro", de Ayn Rand, "A Mão do Macaco", de Jacobson e outras.

A última produção do T.B.C. foi "Nick Bar, alcool, brinquedos e ambições" (The time of your life), de William Saroyan numa boa tradução de Gustavo Nonnenberg com 28 intérpretes no palco. Nesta apresentação, além da beleza da peça, merece destaque os nomes de Abílio Pereira de Almeida (que viveu Nick), Cacilda Becker (em Kitty Duval), Gustavo Nonnenberg (em Joe), Maurício Barroso (no Tom) e Waldemar Wey (Buffalo Bill). Em "Nick Bar", Saroyan faz um desfile de tipos curiosos essencialmente humanos, e fato curioso é que no elenco aparecem artistas profissionais ou amadores como Cacilda Becker, Madalena Nicol, Abílio P. de Almeida, Maurício Barroso, Tito Fleury Martins, etc., e ainda outros que pisam pela primeira vez um palco, com papéis de responsabilidade como Gustavo Nonnenberg, Ricardo Camões e Tahles Mala.

Cacilda Becker, primeira atriz do Grupo de Arte Dramática, estreou como amadora no Teatro do Estudante do Brasil, onde Raul Roulien foi buscá-la para o teatro profissional. Mais tarde figurou no elenco de Bibi Ferreira e nos "Comediantes". Em 1940 tomou parte no grupo de professores da Escola de Arte Dramática.

Madalena Nicol começou sua carreira artística como cantora, tendo sido laureada em Genebra num concurso internacional do qual participaram grandes cantores de todo o



NICK-BAR — 5.º ato — A esquerda, o casal granfino (Marina Freire e Rui Afonso Machado); à direita, Buffalo Bill (Waldemar Wey), Joe (Gustavo Nonnenberg) e Tom (Maurício Barroso); no segundo plano, Nick (Abílio Pereira de Almeida). Croquis de Hilde Weber

JOSÉ FOMM



NICK-BAR... — Uma cena do 1.º ato. Kitty (Cacilda Becker) dança com Tom (Maurício Barroso); sentado, Joe (G. Nonnenberg) os observa. Flagrante apanhado durante um ensaio por Hilde Weber

mundo. Cantou também em Paris, Londres e Nova York.

Sua estreia como comediante foi em 1947, no Grupo de Artistas Amadores, que apresentou à platéia paulista a peça de Priestley "Esquina Perigosa". Madalena no Teatro Brasileiro de Comédia apresentou "Ingenuidade", de Druten como atriz e diretora, trabalhando, também, em "A Mão do Macaco" e "Dois Destinos". Seu maior êxito, entretanto, foi no monólogo de Eugène O'Neill, "Antes do Café".

Maurício Barroso, única figura masculina do Grupo de Arte Dramática, iniciou sua carreira artística em 1945 no Grupo do Teatro Experimental, e seu trabalho em "Ingenuidade" mereceu os maiores louvores da crítica. Abílio Pereira de Almeida, ator e diretor, é um dos fundadores do Grupo de Teatro Experimental. Como autor, conseguiu dois sucessos: "Pif-Paf" e "A Mulher do Próximo".

Marina Freire Franco foi uma das fundadoras do Teatro Experimental, e seus trabalhos têm sido apreciados pela crítica.

Em "Nick Bar" interpreta uma dama da alta sociedade. Waldemar Wey é um dos artistas amadores, e sua estreia data de 1937 no Teatro Universitário. Seu Buffalo Bill em Nick Bar é um dos pontos mais elogiáveis da interpretação.

O próximo cartaz do Teatro Brasileiro de Comédia é "Arsenic and old lace", que já foi filmada em Hollywood e apresentada nos cinemas brasileiros com o título de "Este mundo é um hospício", tendo como intérprete principais Cary Grant e Priscilla Lane. Na peça, foram mais destacados os papéis das duas velhotas, que serão encarnadas por Cacilda Becker e Madalena Nicol.

"O Saci", de Monteiro Lobato, iniciou as atividades do Grupo de Teatro para Crianças, em São Paulo. A conhecida obra do autor de Urupês foi teatralizada por D. G. Leone e montada pelo cineasta Osvaldo Sampaio, que dirigiu com habilidade e segurança o espetáculo no Teatro Municipal, prestando homenagem à memória do conhecido autor pela passagem do 1.º aniversário de sua morte no dia 4 do corrente. O grupo de Teatro para Crianças representa um avanço no movimento gigantesco em prol da elevação do nível cultural e artístico do nosso teatro.

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA" envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GABATADOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marrom e havana. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro, fivela níquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilha, havana e marrom, solado de borracha. De ns. 33 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha.

Preto e marrom. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 165,00

Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borracha, fivela níquelada.



De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY
Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro e forrado. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



EM VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA" ACEITAMOS REVENDEDORES O nome "ZEFERINA" é uma garantia Av. Amazonas, 753 - Belo Horizonte



Cabeça de Tiradentes, de um
Tiradentes que sobressai pela
firmeza e dignidade. Detalhe do
grande mural de Portinari



Os membros e a cabeça de Tiradentes são expostos nas estradas de Minas Gerais

TIRADENTES NÃO MORREU

ENTRO na rua Cosme Velho e logo após subo as escadarias da casa de Portinari. Ontem, por ela subiram jornalistas, pintores, poetas e escritores, amigos ou simples conhecidos do pintor e amanhã outros ainda farão o mesmo caminho. Vêm de todos os pontos do país, quando não de todos os subúrbios do Rio de Janeiro. Como ontem, amanhã o portão continuará aberto a engolir toda aquela gente que sobe para ver o último trabalho de Portinari, pois o que está acontecendo é o que acontece toda vez que se anuncia que ele terminou um novo trabalho: — uma verdadeira romaria. E desta vez ele terminou um grande mural, aquilo que já está sendo chamado o Tiradentes de Portinari. A tela está dividida em três enormes quadros e toma três das quatro paredes do atelier do pintor.

Não sei como dizer, mas trata-se de

Continua vivo num estranho mural de Portinari ★ Uma encomenda de Francisco Inácio Peixoto, um poeta que é dos poucos sujeitos que andam certo neste país ★ Verdadeira romaria para ver uma obra de arte ★ De como o pintor busca a verdade entre os camponeses ★ Uma advertência aos visitantes da próxima exposição

Reportagem de MILTON PEDROSA
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

alguma coisa diferente, difícil de se descrever, coisas mais para se ver e que obriga a pensar. Não é sem razão que o recém-chegado, ao descobri-lo, perde, de repente, o fio do que ia dizendo e queda-se mudo, diante de um Tiradentes a reviver os episódios históricos que lá se foram, pois que a sensação que nos deixa tudo aquilo é a de que Tiradentes não morreu, sua missão ainda não se cumpriu e que ele vive outra vez

para indicar ao seu povo o caminho da libertação. Invariavelmente, o visitante volta-se para o pintor, como a interrogação de onde lhe vem este estranho poder de transmitir com os pincéis essas misteriosas sensações, esse poder de nos transportar e de nos obrigar a pensar em coisas em que jamais pensamos. E se alguém lhe transmite tais perguntas, o pintor acabará falando em seu passado, nos camponeses de Brodowak

ou de outro lugarejo qualquer, onde de vez em quando se recolhe para suprir-se dessa força que ali se extravasa. Por que é preciso saber que esse pintor tem o que os artistas da "tôrre de marfim" poderão achar um estranho hábito: o de mergulhar entre os camponeses e pedir-lhes sua opinião sobre os seus quadros.

VAI PARA O INTERIOR DE MINAS

O mural de que estamos falando diz muito desse contacto de Portinari com o homem comum. Não vamos falar aqui da técnica do pintor, nem nos embrenharemos em discussão artística nenhuma. Muito conversou o pintor sobre isso, enquanto olhávamos o seu trabalho, e a conversa se estendeu por umas boas duas horas. Mas essa reportagem quer mostrar apenas que Portinari quer

(Continua na pág. 47)



A esquerda: Grupo dos inconitantes e a leitura de sentença. No meio dos companheiros, Tiradentes é o único que se move. À direita: Quadro representando a cena do enforcamento e do esquarteramento de Tiradentes

UMA ANDORINHA NÃO FAZ VERÃO... MAS MUITAS QUEREM A SUCESSÃO

CRISE DE DÓLARES



S. Excia. o Conde de Salamaleques, nosso digníssimo diretor, quando fazia suas observações ao nosso repórter

PALAVRAS OPORTUNAS DO CONDE DE SALAMALEQUES

Nunca me esquivei de satisfazer os rapazes da nossa imprensa, sempre que sou procurado para dar meus pareceres luminosos em torno de fatos que fitam a derrota de nossa cara pátria. É verdade que minhas palavras, por uma questão de modéstia de minha parte, não chegam até a praça; con-

tudo eu as pronuncio e fico tranqüilo com o seu conteúdo magistralmente imaginado.

Hoje, instado por vários repórteres que me têm procurado para dizer algo sobre a crise de dólares, não tenho mãos a medir e entro no assunto, pois se trata de coisas muito familiares a mim, como sejam questões de crises e falta de dinheiro.

O dólar subiu... subiu... subiu e, depois de subir tanto, perdeu o rumo e vem agora descendo. É uma lei fatal que rege os corpos mais pesados que o ar. A Inglaterra, depois de librar-se por séculos, também vem descendo... descendo... até ficar na encruzilhada como o qualquer cruzeiro que indica à beira da estrada o lugar exato em que morreu um cristão.

O péso, que já é uma moeda pesada de nascença, também desce que faz gosto. De lira nem se fala. O franco, francamente, já desceu tanto que nin-

guém o vê, mesmo com microscópio

Somente o dólar permanecia dono de tudo e senhor dos mundos; mas agora cabe a vez dele. Truman já declarou sem medo de errar que a crise econômico-financeira dos Estados Unidos está no limiar da nação. Quando ele diz isso é porque a bicha já está lá pelos intestinos nacionais e nunca apenas à beirada dos portais da cidadela. E é pena, com franqueza. E agora que todos nós desejávamos uns milhõezinhos de dólares! Coisa dolorosa...

Choremos, choremos no limiar onde está o dólar. Talvez nos deem umas lasquinhas.



NOVO CALENDÁRIO

Vão criar uma nova linha. Nessa agora os meses serão todos iguais, com trinta dias. Quem nascer a trinta de fevereiro não terá motivo para envergonhar-se de dizer uma mentira, pois é a pura verdade. Por sua vez quem nasceu a 31 de janeiro, março, maio, julho, agosto, outubro e dezembro, corará de vergonha se apresentar uma certidão com aquela data. E todos ficarão pensando que aquele documento suspeitíssimo é coisa de primeiro de abril. Este novo calendário vai ser gozado!

PREÇO 50 GARGALHADAS
NÃO PODE SER LIDO
A PRESTAÇÕES

O MUNDO MANCA
&
A MULA MURCHA

DIREÇÃO DO
CONDE DE
SALAMALEQUES

PAGINA DE AGITAÇÕES ATONITAS
ARTE • MANHA • DIVERSÕES

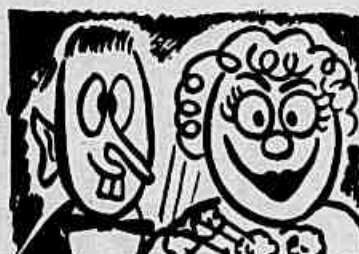
BONECOS
DE
RAFAEL

SUCIAIS



Casamento — Presionado pelo seu futuro sogro, sogra e demais parentes da noiva, vão casar-se, se até lá não houver arrependimentos, o estimável sr Joaquim C. Salar com a senhora Maria X. Dana. Parabéns ao lindo parzinho C. Salar-Dana.

Descarrilamento — Estavam passeando calmamente no jardim público e notório de seu bairro, o sr Mário Roda e sra Júlia Trilhos, quando, inesperadamente, ele escorregou e bateu nela, que caiu ao chão, verificando-se triste descarrilamento.



Agressão — Por motivos lúteis, o sr Mauricio Cacha agrediu sua honrada esposa d Estelânia Aceiro residentes no morro do Urubu Malandro. Ela saiu ligeiramente morta e ele levemente ferido com as tripas ao sol. Pésames ao credores do casal Cacha-Aceiro.

Briga — Discutiram e brigaram violentamente os dignísimos amigos e confrades Salustiano Falcão e Manuel Passari-

nho. Levados à presença do delegado, este nada pôde fazer por tratar-se de uma questão que pertence a Deus.



Manifestação — Por motivo de suas bodas de prata, foram alvos de sincera manifestação, o sr. Miguel Assebo e d. Diomila R. Lado. Parabéns ao jovem casal Assebo-Lado e que a vida lhe corra temperada.

CONSULTÓRIO DE GRAÇA PARA POBRES DE ESPÍRITO



Barão do Buteco, o maior conselheiro do mundo

Mira — Pelo traço de sua letra vejo que está preocupada com certa dívida. O melhor é esquecer esse acidente de quem possui crédito e deixar que o outro passe a ficar assim.

Janjão — Seu astro é a lua. Quanto mais cheia melhor para você. Mas é conveniente não beber tanto. Alcool de mais só dá lucro a quem vende.

Mariinha — Não se assuste, senhorita! Ele voltará. A estas horas vive pensando na senhora, a quem ama loucamente. Mas, se a carrocinha não o pegou e foi transformado em sebo, ele voltará aos seus braços, menina.

Barão do Buteco



ACHADOS E PERDIDOS

NÃO PERCA A PACIÊNCIA

PROCURE A GRAÇA DA PIADA ABAIXO E CONCORRA ASSIM AO GRANDE CONCURSO «PINIMA», COM PRÊMIOS VALIOSOS. MANDE AS RESPOSTAS PARA A REDAÇÃO DE «O MUNDO MANCA E A MULA MURCHA», INSTALADA PROVISORIAMENTE NO EDIFÍCIO DE NOSSA PROTEGIDA «REVISTA DA SEMANA». ENQUANTO NOSSA SEDE NÃO FICAR EM PONTO DE BALA, BASTA ESCREVER ASSIM NO ENVELOPE: «AO DR. CONDE DE SALAMALEQUES — CONCURSO PINIMA». PARA MAIS DETALHES, PROCURE O NOSSO DIRETOR NA REDAÇÃO.

E AGORA A PIADA: CERTO CAVALHEIRO VIAJAVIA... (ORA BOLAS, O ESPAÇO NÃO DEU!)

O VAMPIRO DE LONDRES E A JUSTIÇA INGLÊSA

JOHN George Haigh, de trinta e nove anos, homem de negócios, fala com bastante facilidade diante de um grupo de detectives e de estenógrafos na sala de interrogatórios. Ele até parece que está a pronunciar uma conferência. Vai falar, sem maiores preocupações, de uma série de crimes dos quais é autor.

Com o mais calmo dos tons, ele passa a dar os detalhes horríveis que provocam exclamações e murmúrios no auditório que o ouve perplexo.

Na sua narrativa sensacional ele só se interrompe quando sorve uma xícara de chá forte. Haigh procura mesmo afetar suas maneiras ao tomar a bebida e mantém no ar, separado dos outros, o dedo mínimo, num tom de elegância, talvez estudada. Tudo nele é refinadamente polido e "snob".

Além de suas maneiras delicadas, seu trajar é impecável. Terno sóbrio, gravata discreta, cabelos cuidadosamente cortados, unhas polidas, bigodes aparados. À medida que ele avança em suas confissões espantosas, todo mundo crê enxergar por trás dele, nos muros amarelados do Comissariado, a sombra de Jack l'Eventreur. E' na noite de três de março próximo passado.

A lúgubre declaração de J. G. Haigh determina uma informação confidencial de Scotland Yard à imprensa.



J. G. Haigh, de trinta e nove anos de idade, hoje tristemente célebre no mundo, acusado de ser autor de mortes como "vampiro" de Londres

Todos os jornais de Londres recebem a mesma comunicação que leva a nota "Confidencial", o que significava: "não publicar". Um único jornal, o "Daily Mirror", desobedece a recomendação e divulga

a confissão do monstro. Esse jornal mantém uma luta tremenda com o "Daily Express" pelo fato de este possuir o título de o jornal inglês de maior tiragem que orça por cerca de três milhões e meio de exem-

plares. Mas naquele dia, isto é, 4 de março, o outro bate o recorde de tiragem com os efeitos desta sensacional manchete: "O vampiro confessa".

Mas do fundo do seu cárcere em Brixton o vampiro adverte a Justiça sobre a má reputação que procura a imprensa atrair sobre ele e influir no espírito dos jurados diante dos quais terá de comparecer para ser julgado.

Por intermédio do seu advogado, J. G. Haigh põe ele em equação os preceitos e tradições da própria Justiça inglesa que tem por princípios este axioma do direito: "Todo homem deve ser admitido como inocente até que a acusação faça a prova cabal e irrefutável de sua culpa."

Somente os fatos levados ao conhecimento dos jurados no decurso do processo devem motivar seu julgamento, a menos que tal se verifique em audiência pública de instrução do processo, com os fatos confessados previamente. Mas, argumentava ele pelo seu advogado, as declarações à polícia não podem constituir prova. O corpo de jurados não deve ser insinuado, nem a favor nem contra o réu, antes de que este seja levado ao julgamento, para o veredito. Se, depois do julgamento, os jurados pensam com consciência e alma que são mais que suficientes as provas de culpa, devem então declarar: "Ninguém mais senão este homem seria capaz



Todos os anos a Magistratura de Londres em grande pompa, comparece a Abadia de Westminster para a "missa vermelha", de reabertura dos Tribunais



A população da pequena cidade de Horsham, em Sussex, rompe os cordões policiais para ver de perto o "assassino sem cadáveres"

de ter cometido o crime de que o acusam". Todo homem que mata está sujeito, automaticamente, à pena capital, salvo se age em legítima defesa. Somente o rei, usando



A figura respeitável e solene do juiz inglês, Lord Goddard, considerado pelos repórteres como o "intratável", a caminho do Tribunal

dos poderes de sua graça, poderá livrá-lo dessa punição. Quando, à abertura do processo, o presidente do tribunal pronuncia as palavras rituais pergunta: "é culpado ou não?", e ele responde: "Culpado", já não tem mais lugar o processo. O magistrado se retira com os seus colaboradores. Cinco minutos depois ele retorna e pronuncia as palavras negras da condenação, anunciando o veredito final — "morte".

O "Daily Mirror" violou os princípios do direito e da justiça que este país sempre tem tido a honra de aplicar aos piores criminosos, declara o Lord Chief Justice com semblante grave e solene emoldurado naquela cabeleira empoada contemporânea do século XVII.

O caso Haigh saiu, pois, dos fatos vulgares para situar-se no centro do funcionamento da justiça inglesa em relação à maneira do processo, às idéias de defesa, e se são diferentes do que se faz na França.

E' a figura da Inglaterra tradicional que surge através desse romance policial. Seu aspecto perturba pelo que encerra de espantoso, pela concepção rígida diante do respeito que lhe merece a pessoa humana, as noites de bruma cantadas por Apolinário, a claridade dos lampeões de um tribunal so-

lene. Um humorista resumiu esta tradição numa única frase: "Temos aqui os melhores criminosos e os melhores juizes".

O caso Haigh apaixonou e impressionou toda a população da Inglaterra, como sucede com esses filmes de terror policial estilo inglês. Empolgou muito mais do que a ação de bandos de assassinos e salteadores dos subúrbios de Londres, das notícias sensacionais da imprensa sobre o Banco do Rei, uma história fantástica de efeito alarman-te. Tudo isso foi obscurecido pelos crimes confessados pelo Vampiro de Londres, pondo à prova a serenidade da Justiça inglesa. Sigamos, porém, os episódios em ordem cronológica:

A dezoito de fevereiro último uma senhora idosa e rica viúva de sessenta e nove anos, Mrs. Olive Durand Deacon, desaparece de um hotel elegante do West-End. E' claro que um desaparecimento assim só se torna inquietante depois de decorridos alguns dias.

A polícia, logo que fôra prevenida, começou a providenciar colhendo dados, acumulando informes, num trabalho mais ou menos às apalpadelas. Então, de forma espontânea se apresenta à polícia um dos clientes do mesmo hotel que

também ali estava hospedado e diz à Scotland Yard que ele estava com um encontro marcado com Mrs. Deacon justamente para o dia dezoito de fevereiro, data de seu desaparecimento. Perguntam-lhe então qual o seu nome e qual a profissão. O estranho responde: chamo-me John George Haigh, administrador de sociedades. Pede-lhe a polícia mais informações acerca do seu encontro com a viúva. Haigh explica que é possuidor de uma fábrica nos arredores de Londres, em Crawley, e que havia combinado com ela uma visita à mesma.

— Esperei-a durante uma hora. Como Mrs. Deacon não viesse, então fui sozinho.

Quem assim falava era um homem bem pôsto, aspecto distinto, voz segura; mas pelo seu modo de olhar, seus olhos negros um pouco fixos, tudo isso não impressionou favoravelmente os inspetores da Scotland Yard.

Então manifestam o desejo, quase instantaneamente, de fazer em companhia do visitante o percurso de Londres até Crawley.

Ao invés de uma usina industrial, o que acham os agentes é uma espécie de entrepôsto com muros de tijolos. Os vizinhos dos arredores que foram interrogados decla-

ram que jamais viram aquele homem por ali, nem em visita nem a trabalhar. Aquêlê edifício não denunciava nada do que lhes dissera o já suspeito elegante amigo de Mrs. Deacon. No interior acham os agentes uma aparelhagem de banheiro absolutamente esquisita, servida por um reservatório de ácido sulfúrico. Dando buscas sobre o solo, acham detritos de estofos queimados, pedaços de vestidos de senhoras, resíduos de um ou vários corpos consumidos pelo ácido e restos de um *manteau* de pele justamente igual ao que usava a rica viúva no fatal dia dezoito de fevereiro.

J. G. Haigh não responde às perguntas que lhe são feitas. Dirá seu defensor na formação da culpa que aquilo nada mais é do que amostras de modelos de *manteaux* iguais a tantos e tantos como se encontram nas lojas de confecção de Oxford-Street, não se podendo provar que se trate daquele de Mrs. Deacon. Além disso não se pode dizer que ela morrera, pois que não se encontrara o seu cadáver.

Em face das suspeitas mais ou menos procedentes, é ele prêso e acusado como autor da morte da viúva. A lei inglesa faculta a qualquer pessoa detida o comparecimento diante de um juiz dentro de vinte e quatro horas, a fim de que este examine as bases das denúncias ou suspeitas contra o prêso. Exerce-se aí o famoso instituto do "habeas-corpus". O acusado tem todo o direito de fazer-se acompanhar por um advogado. Mesmo que seja um indigente ele pode escolher um defensor entre os maiores nomes dos meios forenses. É da tradição que isso não pode ser recusado. J. G. Haigh escolheu então, para seu defensor, Sir Walter Monckton, o mais conhecido dos advogados de Londres, antigo ministro de Informação do Gabinete de Guerra britânico. O local do suposto crime, estando situado na jurisdição de Horsham, Sussex, coube ao tribunal dessa pequenina cidade o procedimento penal, o que causou grande reboliço na mesma, diante de cujo tribunal teve o acusado que comparecer. O processo de formação de culpa é público, oral e dá direito a contra-argumentações. O magistrado que preside os atos, enfrentando as correntes contrárias, procura sempre manter-se com absoluta imparcialidade. Seu objetivo

não é o de estabelecer a culpa, mas saber a qual das correntes cabe a razão final.

Os jurados que se sentam ao lado do presidente do júri são compostos de pessoas da localidade, homens e mulheres, oferecem como garantia de sua capacidade de julgar, tradições de honorabilidade e de independência. São nomeados, esses jurados, pelo Lord Chancellor e exercem o mandato gratuitamente. Provas e testemunhas são levadas à presença do acusado, podendo este responder ou não. Mas o réu é advertido de que tudo o que disser pode converter-se em acusação contra ele mesmo. O povo dos arredores de Horsham veio em massa apreciar o processo, trazendo comidas em vasilhas. Tendo sido julgado suspeito com razão, o juiz determina que ele continuasse detido até o final das diligências.

Mas, até lá, não ficará ele entregue ao livre arbítrio da polícia. Não poderá ser mantido prêso por mais de uma semana. Esse período pode ser renovado, mas é necessário que as autoridades policiais apresentem ao juiz, cada vez que se esgota aquele tempo, outras provas contra o acusado.

Logo que foi Haigh encarcerado, os detectives da Scotland Yard se puseram em campo. Era preciso descobrir testemunhas. Vão ao hotel onde ele residia. Interrogam Mrs. Moran, dama que servia à desaparecida. Esta serviçal declara que ele saía constantemente com Mrs. Deacon. Certa vez lhe fizera esta pergunta:

— Mas que vai o senhor fazer em Crawley todos os fins de semana, justamente quando ninguém trabalha?

Ele respondeu:

— Subo às árvores.

Prova isto que, mesmo nas histórias mais negras, o humor britânico não deixa de fazer-se sentir.

Certa vez, ao passar diante de uma usina em companhia de amigos, de carro, um deles lhe perguntou:

— Para que lhe serve isso aí?

— Bem sabe você que é aí que eu deposito os meus cadáveres, os corpos de minhas vítimas.

Os amigos começaram a rir, pois que ele não tinha, absolutamente, cara de assassino.

No meio das testemunhas que eram a seu favor, havia uma, a senhorita Barbara Stephens, que, há



Miss Barbara Stephens, amiga íntima do acusado, e que em seus depoimentos acha não ser ele o assassino que dizem



Cena do filme policial e de terror, "Obsession" que foi interditado pela polícia por parecer-se com o caso de Haigh

dois anos, ia sempre com ele a certos teatrais. Ela declara que Haigh era um homem encantador, delicado, extremamente cortês, um perfeito cavalheiro, amigo dedicado. Tinha-lhe grande confiança e

fôra a única pessoa que o visitara na prisão. Crê-se em Londres que grande parte da defesa se apoie nas declarações dessa jovem. A defesa se fará à custa do Estado, dada a possibilidade de ele não poder pagar ao advogado. Na Inglaterra o Estado dá assistência completa a qualquer acusado.

Há na vida de Londres constantes casos de desaparecimento, cada qual se caracterizando por certos aspectos. Mas dentre os casos mais interessantes ligados ao dêsse Vampiro, foi o de a polícia ter proibido a exibição do filme "Obsession", pelo fato de o seu argumento asse-

melhar-se com o processo contra Haigh.

O caso tomou, então, um caminho inesperado. O advogado de Haigh acusou o jornal que faltou ao compromisso de não publicar, e o acusado passou a acusador. O responsável pelo "Mirror" foi condenado a três meses de prisão...

Enquanto isso, pensa a Justiça Inglesa trazer a Londres, para colaborar com a Lei, vários cidadãos britânicos da Austrália e da África do Sul, por conta do Estado, a fim de que sejam garantidos ao "Vampiro" os seus sagrados direitos de equitativo julgamento.



Sir W. Monkton, grande e famoso advogado inglês, cuja habilidade converteu o acusado em acusador, levando à prisão jornalistas de Londres



Bolam, redator do jornal londrino "Daily Mirror" que, para bater recordes, não temeu faltar a compromissos divulgando o caso Haigh

Para o amor não ha...

(Continuação da pág. 48)

assim, em breve voltaria a ser tão gorda como quando a conheci. Francamente, eu não compreendia.

Quando começamos a comer, disse-lhe eu:

— Não entendo, Carlota, por que estás com vontade de recuperar novamente aqueles quilos perdidos. Pensei que estivesses contente com a perda, de tal forma que não procurasses mais acumular...

— E' que... eu não sou feliz, Marcial. Talvez jamais seja feliz... viva sempre iludida. Não podes imaginar o quanto tenho sofrido depois do julgamento. Muitas pessoas ainda crêem que eu sou culpada. Perdi meu trabalho esta semana, e...

— Oh! Carlota querida! Estou ao teu dispor no que puder ser-lhe útil. Li nos jornais que não te deixaram muito dinheiro. Vê em que posso servir-te.

— Oh! Tenho algum dinheiro. Mas se pudesses ser um amigo, mesmo que não gostes de mim...

Não compreendia como ainda continuava a confiar em mim após o que ocorrera. Mas fiquei

tão agradecido por ver que confiava em minha pessoa, apesar de tudo, que não resisti a dizer-lhe o que me ocorrera durante o processo, isto é, que me enamorara dela!

— Provavelmente não podes crer; mas é a verdade. Queria confessar-te, mas tinha medo. Pensei que me odiasses, e se quiseses agora mesmo rir de mim, podes fazê-lo. Não me queixarei.

— Não quero rir, Marcial; mas bem queria chorar. Julguei que jamais ouviria de um homem o que me dizes. Soube, no começo, que não me querias; porém não liguei importância. Estava tão louca por ti desde que te conheci que teria feito qualquer coisa para conseguir o teu amor. E continuo a adorar-te, Marcial...

Sou um homem rude; mas fiquei bobo, a olhá-la com os olhos inundados de lágrimas. Estava tão comovido que não podia falar. Tive vontade de levantar-me e gritar ao mundo inteiro que era feliz!

— De quê te ris, Marcial?

— E' que também sou feliz!

A comida estava toda no prato. Carlota não podia engolir nada. Nem eu.

— Vamos festejar?

Levei-a ao carro. Nossos lábios se uniram. Dançamos, comemos e bebemos.

Nossa satisfação se completou quando, mais tarde, liamos nos vespertinos que Marco Antonio Darbon havia sido preso como o verdadeiro autor da morte de Flora e do pai de Carlota. Quem descobrira tudo fôra Napoleon. Em virtude do inventário, ele foi de indício em indício até que descobriu o conluio entre Flora e Marco Antonio, unidos para roubar o velho, como de fato vinham fazendo desde muito.

Disposto a esclarecer tudo, Napoleon investigou e começou a pressionar Marco Antonio até que ele confessou. Como sempre odiara o pai de Carlota, em sua cólera cega contra Flora matara a ambos.

— Penso que, diante disso, tenho que voltar lá.

— Se fores eu te acompanharei, contanto que isso não venha perturbar nossos planos, pois quero casar-me amanhã mesmo.

— Oh! Marcial! Isto é o que mais desejo neste mundo!

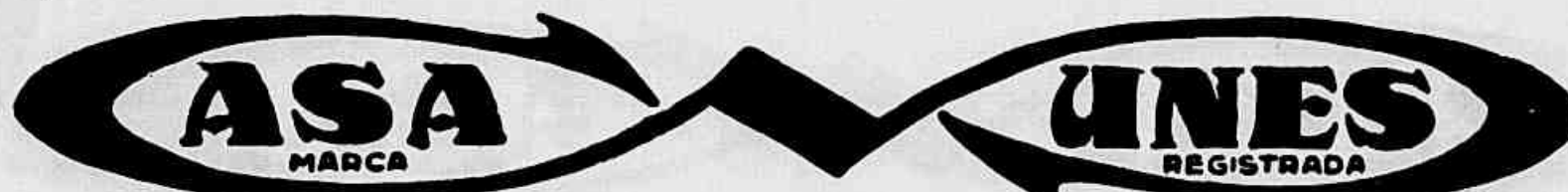
— Então... esqueçamos tudo isto.

Tomei o jornal e o joguei na caixa de coleta de lixo. Voltamos para o carro. Enlacei-a com meus braços e beijei-a apaixonadamente...

UM ENCANTO . . .
os tapetes e passadeiras
com flores ★ recebidos
da Inglaterra



Sortimento incomparável de
TAPETES e PASSADEIRAS
francêses, inglêses, tchecos,
persas (legítimos) portuguêsês e
nacionais . . . diretamente das fábricas



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



...mas
a preferência pelos
cigarros Continental
permanece

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro
de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — o homem moderno já
modificou seus hábitos de via-
gem... mas a popularidade dos
cigarros Continental é sempre
absoluta. Porque Continental
oferece sempre a mesma qua-
lidade e paladar **uniformes**.

O público que dá preferência a
Continental é cada vez mais
numeroso — e Continental,
hoje melhor do que nunca, é
o cigarro de qualidade mais
vendido no Brasil!

Cigarros **Continental**



Lisos ou com ponteiro

- uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**